OBRAS

DE

Gonçalves de Magalhães

D. J. G. DE MAGALHAENS.

TOMO III.

TRAGEDIAS.

Werneck de Aguilar.

TRAGEDIAS

ANTONIO JOSÉ, OLGIATO, E OTHELO

POR

Gonçalves de Magalhães

D. J. G. DE MAGALHAENS.

RIO DE JANEIRO
LIVRARIA DE B. L. GARNIER
RUA DO OUVIDOR N° 69.

1865.

ANTONIO JOSÉ

OU

O POETA E A INQUISIÇÃO.

TRAGEDIA

EM CINCO ACTOS.

BREVE NOTICIA

SOBRE

ANTONIO JOSÉ DA SILVA.

Pelo esquecimento em que estão os nomes dos nossos illustres antepassados; o desleixo com que tratamos os poucos escriptores que nos dão gloria, e a completa ignorancia da nossa litteratura, sou forçado a dar aqui uma breve noticia do principal Personagem deste drama, para sua melhor intelligencia.*

* Isto foi escripto em 1839, quando talvez bem poucas pessoas no Brasil saberiam o nome de Antonio José da Silva, e qual a sua nacionalidade e sorte: e esta tragedia dêo motivo a que depois alguns litteratos nacionaes e estrangeiros se occupassem em recolher mais algumas noticias biographicas sobre esse tão infeliz como engenhoso poeta.

Antonio José da Silva nascêo no Rio de Janeiro, em 8 de Maio de 1705; seu pai, João Mendes da Silva, que exercia a profissão de advogado, o mandou estudar Direito na Universidade de Coímbra. Dahi, tendo-se já formado, partio para Lisboa, onde se estabelecêo, e começou a advogar, e a adquirir reputação e amizades.

Dotado de um genio nimiamente comico e satyrico, dêo-se ás composições theatraes, desprezando todas as regras estabelecidas, e não attendendo senão ao estado do povo para quem escrevia. Em vão o Conde de Ericeira, então litterato de grande nota, e Legislador do parnaso luso, o aconselhava a imitar a Molière, como elle em tudo imitava, e seguia a Boileau, de quem traduzira em Portuguez a Arte Poetica. Antonio José ouvia os conselhos do seu nobre amigo, admirava Molière, mas seu genio era outro. Apezar de todos os seus defeitos, merecêo a denominação de Plauto Luso. Antonio José é o unico rival de Gil Vicente, e suas composições ainda hoje são applaudidas nos theatros de Lisboa; ellas correm impressas com o titulo de — Operas Portuguezas. A guerra de Alecrim e Mangerona, Dom Quixote, Labyrintho de Creta, e Esopo encerram scenas verdadeiramente comicas. D. Quixote foi

traduzido em Francez por Mr. Ferdinand Denis, Auctor de muitas obras estimaveis.

As particularidades de sua vida são ignoradas; mas do silencio da Historia se aproveita com vantagem a Poesia; e a imaginação suppre optimamente todas as omissões. O que se sabe positivamente é que elle foi queimado vivo na praça do Rocío, em Lisboa, em um Auto-da-Fé, em 1739, na idade de 34 annos, tendo sido accusado ao Sancto-Officio como Judêo.

Desejando encetar minha carreira dramatica por um assumpto nacional, nenhum me parecêo mais capaz de despertar as sympathias e as paixões tragicas do que este. As desgraças de um litterato, de um poeta, que concorrêo para gloria nacional, não podem deixar de excitar interesse e amor, ao menos no nosso Paiz; e tanto mais deve esta lição ser importante, quanto a miseria e o abandono é o fim de quasi todos os poetas portuguezes, e brasileiros. Queira o céo compadecer-se dos futuros engenhos, e animal-os nesta nobre empresa de civilisação e de gloria nacional, apezar da ingratidão e indifferença daquelles que podem, e devem favorecer os nascentes genios; que bem dice Camões:

O favor com que mais se accende o engenho,
Não no dá a Patria, não, que está mettida
No gosto da cubiça!

Ainda hoje assim é!..

Digamos duas palavras sobre o successo desta obra na sua representação. Si devesse julgar do merito desta Tragedia pelos applausos que lhe prodigalisou o publico nas repetidas vezes que subio á scena, eu me acreditaria auctor feliz, exempto de censuras, attendendo ao enthusiasmo com que foi recebida, e os elogios que merecêo, particularmente o 5.° acto.

Tal acolhimento esteve bem longe dos meus presentimentos. Ou fosse pela escolha de um assumpto nacional, ou pela novidade da declamação e refórma da arte dramatica (substituindo a monótona cantilena com que os actores recitavam seus papeis, pelo novo methodo natural e expressivo, até então desconhecido entre nós), o publico mostrou-se attencioso, e recompensou as fadigas do poeta.

Mas eu sei o quanto perde a obra do enthusiasmo em uma leitura fria e desanimada; então adormecidas as paixões, pretende a razão critica penetar e julgar, onde só ao sentimento é dado o decidir. Sei de mais o quanto é voluvel a opinião do

publico, e quão facil se esquece elle neste anno do que sentio e dice no anno passado.

Frios censores, criticos impassiveis, juizes parciaes e imparciaes, amigos e inimigos, a vós me entrego.

Não faltarão accusações em todos os generos. Talvez tenham razão, sobre tudo si quizerem medir esta obra com o compasso de Aristoteles e de Horacio, ou vel-a com o prisma dos Romanticos. Eu não sigo nem o rigor dos Classicos, nem o desalinho dos segundos; não vendo verdade absoluta em nenhum dos systemas, faço as devidas concessões a ambos; ou antes, faço o que entendo, e o que posso. Isto digo eu aos que ao menos teem lido Shakespeare, e Racine; aos que tomam partido nestas questões hoje em moda em litteratura dramatica; aos que porêm, lêm cantando a Tragedia, com a mesma toada da Ode, e julgam do merito de um poema pelas pancadas retumbantes dos versos, que se encadeam como os sons do martello sobre a incude, dir-lhes-hei, que isto não é Soneto, nem versos de outeiros. Lembrarei sómente que esta é, si me não engano, a primeira Tragedia escripta por um Brasileiro, e unica de assumpto nacional. Humildemente peço aos meus criticos que me desculpem a

ousadia de compor uma Tragedia, quando elles dotados de maior genio e talento, não se animam a tanto. Si houver quem tenha bastante animo para dar de mão aos interesses positivos, e, esquecendo-se da satyra, seguir-me na árdua empresa de enriquecer a nossa pobre litteratura, apezar da vergonhosa indifferença com que se tratam hoje os litteratos; eu lhe desejo, além da gloria da perfeição, todos os nobres estimulos de que é credor o genio. Mas ah! na porta do templo da immortalidade está escripto para os Brasileiros estas palavras, como na porta do Inferno do Dante:

Lasciate ogni speranza, voi che'ntrate.

Maio de 1839

ANTONIO JOSÉ

OU

O POETA E A INQUISIÇÃO.

Personagens.	Actores.
ANTONIO JOSÉ	João Caetano dos Sanctos.
MARIANNA	Estella Sezefreda.
FR. GIL, dominicano	Costa.
O CONDE DE ERICEIRA . . .	Amaral.
LUCIA, criada de Marianna . . .	Riccioliui.
Um criado do conde	Floriado.

Soldados e familiares do Sancto-officio.

A scena é em Lisboa, em 1739.

Representada pela primeira vez no theatro da praça da Constituição do Rio de Janeiro, em 13 de Março de 1838, pelos Actores indicados.

O POETA E A INQUISIÇÃO.

ACTO PRIMEIRO.

SCENA I.

Vista de sala particular em casa de Marianna. De um lado uma commoda, sobre a qual estará um Oratorio feixado, cujo destino se indicará no segundo acto. Do lado opposto uma meza, e um candieiro antigo. Marianna assentada, com um papel na mão, como que estuda sua parte theatral. Lucia em pé, espivitando a luz.

MARIANNA E LUCIA.

MARIANNA.

Deixa-me, Lucia; deixa-me tranquilla;
Vai-te, deixa-me só . . . Repousar quero
Esta cabeça de fadigas tantas.
De mim terias pena, si soubesses
Que turbilhão de fogo me devora.
Sente tu mesma, toca. (Levando a mão de Lucia á cabeça.)

LUCIA.

Oh, como queima!
Parece um torno! . . . Que terrivel febre!

Senhora, quer que eu faça alguma cousa?
Quer que eu chame o doctor?

MARIANNA.

Não; nada quero.
Sómente que me deixes, eu t'o peço.

LUCIA.

Como a posso deixar em tal estado?
Fôra preciso um coração de pedra.
Não ... agora me lembro ... vou fazer-lhe
Um remedio caseiro; espere, eu volto. (Sai.)

SCENA II.

MARIANNA (só).

Pobre Lucia, que amor tu me consagras...
És quasi mãe, fiel, sincera amiga.
Quantas obrigações eu te não devo ...
Oh! que aguda pontada!..

SCENA III.

LUCIA (voltando com um copo na mão).

Aqui lhe trago
Um remedio bem simples, mas que cura;
É um pouquinho d'agua com vinagre.
Molha-se o lenço ... assim ... É cousa sancta;
Não tenha medo; applique-o sobre as fontes.
Ensinou-m'o ... quem mesmo? ... nem me lembro.

MARIANNA.

Oh, que dôr! fez-me mal a frieldade.

LUCIA.

É sempre assim; daqui a pouco passa:
Mas tenha paciencia.

MARIANNA.

Estou mais calma;
O calor se dissipa, e a dôr se abranda. (Pega no papel para ler.)

LUCIA.

Deixe, Senhora, esse papel maldito.
Que praga! Forte teima de leitura!
Continuamente a ler! . . Nunca descança!
Eis ahi porque soffre . . . não se queixe.
O mesmo ferro, quando muito o malham,
E a pedra quando a batem, ferem fogo,
Quanto mais a cabeça que é sensivel!
Isso é manía!

MARIANNA (Levantando-se).

Vê como é difficil
O trabalho da mente, e o quanto custa
Ter um nome no mundo! Emquanto dormes
No teu leito tranquilla, eu vélo, eu lucto.
A noite para ti traz o repouso,

E si o dia ao trabalho te convida,
Co' a paz no coração deixas o leito.
Teu diurno trabalho te não cança;
Co' a paz no coração ao leito voltas.
Mas eu, quando repouso? Ante um espelho,
Estudando paixões, compondo o corpo,
Mil expressões n'um' hora procurando,
Meus dias passo; — e tu douda me julgas
Quando me vês gritar, luctar, ferir-me,
E ás vezes investir-te delirante!
Durante a noite minha fronte escaldo
Juncto desta candeia, que me aclara,
Sua negra fumaça respirando,
Ou medindo o salão de um lado a outro
Sempre co' o meu papel diante os olhos,
Como um espectro do sepulcro erguido,
Em desalinho, pallida: e cem vezes
Primeiro a luz se apaga, que eu me deite.
Si busco o leito então, oh, que tormento!
Da cabeça inflammada o somno foge;
Nova scena a meus olhos se apresenta.
No theatro me cuido; escuto a orchestra,
Vejo a plateia, e os camarotes cheios,
Ouço os applausos, bravos que me animam,
E com esta illusão a vida cobro.
Mas eis que durmo, sonho, e de repente
Ao som da pateada afflicta acordo.

É manhã; — e outra vez começa a lida.
Oh vida! oh illusão! oh meu martyrio!

LUCIA.

Oh! certamente que me causa pena.
Tanto eu não poderia: antes quizera
Uma esmola pedir de porta em porta,
Do que seguir tal genero de vida.
E então porque ralar sua existencia?!
Para agradar ao povo! e apresentar-se
A rir, ou a chorar, como uma douda!

MARIANNA.

Que dizes tu? Coitada! o teu discurso
Bem mostra que da gloria o amor não sentes.

LUCIA.

Não sinto, e queira o céo que eu nunca o sinta;
Que si da gloria o amor é que lhe causa
Tantas inquietações, tantas vigilias,
Desprézo tal amor. Eu de contínuo
Nas minhas orações me recommendo,
Quando me deito, ao grande Sancto Antonio,
E ao meu Anjo da guarda que me ajudem,
E de vis maleficios me preservem.
Só quero amar a Deos... Diga, senhora,
Por ventura Camões amava a gloria?

MARIANNA.

Oh, si a amava!..E que Luso depois d'elle
Tanto amou-a?

LUCIA.

Pois bem, sempre foi pobre;
Na miseria vivêo, pedindo esmolas,
E morrêo no hospital. Senhor Antonio
Que lhe diga o que ganha co'as comedias
Que elle compõe, para agradar ao povo.

MARIANNA.

Ganha a reputação de Plauto Luso,
De um illustre escriptor, de um grande homem.

LUCIA (com ar de compaixão).

Melhor fôra dizer — de um pobre homem.

MARIANNA.

E o que tem a pobreza co' o talento?

LUCIA.

Muito; que em Portugal andam casados.
E si o senhor Antonio continúa,
Já lhe prevejo um fim bem miserando.
Eu só ouço dizer que elle é jocoso,
Que faz as pedras rir: eis porque o amam.
E si não fosse a banca, e os demandistas
Que lhe dão de comer, creio de certo
Que elle morto estaria ha muito tempo,

Ou pelas portas pediria esmola
Como o pobre Camões... Camões!.. coitado!
Quando da sua sorte me recordo,
Em lagrimas meus olhos se convertem.
Pobre homem!... Tão moço!.. Cavalheiro,
Que podéra ter sido alguma cousa,
Dar em poeta!.. Andar fazendo versos!
Errando pelo mundo; naufragando;
Vir á Lisboa, e aqui pedir esmolas;
Comer o pão com lagrimas molhado; (Com tom de piedade e de compaixão.)
Morrer n'um hospital! Eu creio vel-o (Limpando as lagrimas.)
Envolto n'um lençol, no adro da Igreja,
Sobre a pedra estendido, alli, exposto,
Movendo a piedade de quem passa,
Que lhe atira um real p'ra sua cova!..
Oh meu Deos, que castigo!.. Eu tenho um filho,
Um filho que tambem erra no mundo;
Faze que elle da gloria o amor não sinta;
Que não tenha talento, e sobre tudo
Que não seja poeta, por que possa
Ser feliz sobre a terra.

MARIANNA.

O teu discurso,
Máo-grado meu, o coração me toca.

Confesso que não fallas sem motivo.
Mil vezes reflectindo sobre a sorte,
Vendo a miseria perseguir o genio,
A ingratidão dos homens, a injustiça,
A infamia que sobre elle a inveja lança,
E o desprezo da vil mediocridade,
Que no lodo se arrasta como o verme,
E outro Deos não conhece mais que o ouro,
Discorro como tu; e só desejo...
Nem sei o que... morrer... deixar o mundo.
Confesso que abraçára o teu conselho,
Si não fosse ser eu já conhecida,
E não poder arripiar caminho.
Sobre mim julga o povo ter direito.
Amanhã si eu dicer: adeos, theatro!
Todos se julgarão auctorisados
A me vir indagar qual o motivo.
Que não diria o povo? e que calumnias,
Que infamias sobre mim não lançaria?
Quasi que sou escrava. — No que dizes,
Acho muita razão.

LUCIA.

Mas não a segue.

MARIANNA.

Nem posso.

LUCIA.

Então porque?

MARIANNA.

É impossivel.

LUCIA.

Impossivel!

MARIANNA.

Sim, Lucia.

LUCIA.

Quem a impede
De seguir meu conselho?

MARIANNA.

A minha sorte.
Cadaqual tem a sua; a minha é esta.

LUCIA.

Mas a sorte se muda; mude a sua.

MARIANNA.

E tu porque não mudas tua sorte?

LUCIA.

A minha é outro caso; e só Deos sabe
Si lhe eu peço que a mude; — mas debalde.

MARIANNA.

Ah! tu cuidas que é Deos quem te embaraça
De mudar tua sorte?

LUCIA.

Oh, certamente!
Não tenho vocação de andar servindo.
Nem faço gôsto nisso.

MARIANNA.

Pobre Lucia,
Dás armas contra ti; sem gôsto serves,
E cuidas não poder mudar de vida,
A culpa pondo em Deos, e tu me accusas?
Queres sem mais razão que eu mude a minha,
Quando por vocação me dou á scena?
Tenho razão de mais para seguil-a.

LUCIA.

Lá, Senhora Marianna, em argumentos
Não me quero metter com a Senhora;
Não tiro conclusões, nem tenho estudos:
Mas em fim a razão está dizendo,
E dizer tenho ouvido a muita gente,
Que é melhor e mais nobre ser criada,
Que ser comediante.

MARIANNA.

Lucia, é muito!
Nunca pensei que a tanto te atrevesses.
Si não fôra o ter dó do teu estado,
Hoje mesmo ...

LUCIA.

Senhora, não se offenda;
Dice isto por dizer; sou uma tonta;
Desculpe esta ousadia.

MARIANNA.

Eu te perdôo;
Tu pensas como o vulgo.

LUCIA.

Eu me retiro.

MARIANNA.

Vai-te, vai-te deitar.

LUCIA.

Si necessita
De mim alguma cousa...

MARIANNA.

Nada quero.

LUCIA.

Bôa noite, Senhora.

MARIANNA.

Deos te ajude.

SCENA IV.

MARIANNA (só).

Entretanto ella pensa como o mundo,
Que nos vê com desprezo, e que nos trata

Como uma classe vil e desgraçada,
Sem honra e sem pudor; que ousa mostar-se
Em publico debaixo de mil fórmas,
Só por amor do ganho; hoje trajada
Com as vestes reaes de soberana,
Amanhã co'os andrajos da pobreza...
Para rir, e passar alegre um' hora,
Não para corrigir seus ruins costumes,
O theatro procuram: nós lhes damos
Envolto em mel um salutar remedio;
Com seus proprios defeitos e seus erros
Excitamos o riso; e outras vezes
Co'o quadro da desgraça e da virtude
N'alma nobres paixões lhes accendemos.
Mostramos a innocencia perseguida,
Um pai sem coração, um filho ingrato,
Uma esposa infiel, um Rei tyranno,
Um magistrado que a justiça vende.
Interpretando a historia, e dando vida
Ás sublimes lições da Poesia,
Lhes mostramos os rapidos contrastes
Do nada e da grandeza: elles nos ouvem,
Elles nos vêm com lagrimas nos olhos;
E quando nós lhes embebemos n'alma
A dôr, a compaixão, o amor, e a ira,
Como nós da paixão só possuidos,
Esquecidos mil vezes, nos transportes,

Que dos quadros que vêm, elles são normas,
Que de crimes iguaes são réos ás vezes,
Cheios de enthusiasmo nos applaudem,
Choram mesmo comnosco, e se envergonham
Ao aspecto do quadro, que desperta
Como um remorso vivo a consciencia
De seus crimes; — porêm a noite passa,
E amanhã o desprezo é nosso premio!...
Nós somos como a flor, que, emquanto fresca
Seu cheiro exhala, a guardam cuidadosos;
Mas logo que exhalou o aroma todo,
Logo que murcha, para o canto a atiram.
Assim pratica o povo, ingrato sempre!..
Eu sei que isto é assim; porêm que importa!
Não posso resistir ao meu instincto...
Um immenso theatro é este mundo;
Um papel aqui todos representam;
Eu represento dous, de dia e noite.
Eis meu unico crime. (Batem com força na porta.)
Mas quem bate
Com tanta força? quem será? (Batem de novo.)
Quem bate?

ANTONIO JOSÉ (da parte da fóra).

Abre a porta, Marianna, abre depressa.

MARIANNA.

É Antonio José! (Apressada abre a porta.)

SCENA V.

Antonio José entra assustado, e arquejando de cansaço, encosta-se na porta com a mão na chave, depois feixa a porta, e assenta-se sem dizer cousa alguma. Marianna todo este tempo terá os olhos firmes sobre elle cheia de terror: depois de grande silencio de parte a parte Antonio José suspira, e então Marianna falla.

MARIANNA E ANTONIO JOSÉ.

MARIANNA.

Senhor, que tendes?
Estás doente?

ANTONIO JOSÉ (levantando-se furioso).

Sim; mas é de raiva
De não poder tragar esses sicarios,
Raça vil, bando infame de assassinos,
Que vivem de beber o sangue humano!
Oh, maldição do céo cáia sobre elles.
Maldição! maldição! o céo me escute.

MARIANNA.

Oh, já vejo: ladrões vos atacaram!
Quizeram vos roubar! Estás ferido?

ANTONIO JOSÉ.

Sim, dizes bem, ladrões... ladrões, sicarios!
Por toda parte só ladrões encontro;
Tudo se rouba, vida, honra, dinheiro;
Rouba-se ao Portuguez a liberdade,

E até o pensamento roubar querem.
Infames! querem que o homem seja escravo,
Que seja cego e mudo, e que não pense,
Para melhor calcar-nos a seu grado!
De noite, aproveitando o horror das trevas,
Subalternos ladrões gyram nas ruas,
E em cada canto o cidadão encontra
Um punhal, e uma cara de assassino!
Si d'elle escapa, em cada praça topa
Um refalsado amigo, um vil espia!
Não é seguro asylo a nossa casa.
Não ha lei, nem costumes, nem governo,
Nem povo, nem moral; sobresaltado
Stá sempre o homem, sempre receioso
Do que diz, do que pensa; nem no leito,
Nem no templo de Deos ha segurança;
Lá mesmo vão perversos aninhar-se;
Lá se acoutam trahidores homicidas,
Que se cobrem co' o manto da virtude,
Para mais a seu salvo flagelar-nos.
Mais brutaes, mais sacrilegos, infames!
Profanam de seu Deos, que adorar fingem,
O nome, e a lei de amor. E tu consentes,
Oh Deos, que me ouves, que os supporte a terra?
Que em teu nome perpetrem tantos crimes?
Mas si consentes tonsurados lobos
Sobre a terra, o castigo lhes preparas;

Sim, sim, eu creio no futuro premio,
No castigo futuro. — Deos é justo.

MARIANNA.

Que discurso! — A razão terá perdido? (A parte.)
Nunca vos vi assim! Que estranho caso
Vos póde acontecer.

ANTONIO JOSÉ.

Estou perdido.

MARIANNA.

Perdido! como assim? porque motivo?

ANTONIO JOSÉ.

Nada sei.

MARIANNA.

Que afflicção isto me causa!

ANTONIO JOSÉ.

Os monstros!... si eu podesse exterminal-os!
Qual é meu crime? o que é que tenho feito,
Para ser perseguido?

MARIANNA.

Perseguido?

ANTONIO JOSÉ (segurando na mão de Marianna).

Sim, perseguido, sim; talvez agora
Os vis denunciantes me procurem.

Talvez mesmo a teu lado, quando cuido
Estar salvo e seguro, alguem me escute.

MARIANNA.

Oh, que delirio!

ANTONIO JOSÉ.

Não, eu não deliro;
Nunca em mim a razão fallou tão alto.
Não stou seguro aqui. (Furioso passa para o outro lado, empurrando Marianna.)

MARIANNA.

Oh, que injustiça,
Senhor, vós me fazeis! Julgais acaso
Que sou vossa inimiga? Quem vos póde
Inspirar essa idéa? e que motivos
Tendes vós contra mim? Como é possivel
Que me trateis assim:

ANTONIO JOSÉ.

Não, Marianna,
Não me queixo de ti; eu te conheço;
Sei que para salvar-me tudo déras;
Mas é quasi impossivel.

MARIANNA.

Ainda ignoro
Dessa mudança a causa.

ANTONIO JOSÉ.

Como ignoras?
Mas então tu não vês? já te não dice?
Queres pois que mil vezes te repita,
Que não posso escapar, que me perseguem?

MARIANNA.

Mas quem?

ANTONIO JOSÉ (com furor).

A Inquisição! a Inquisição!

MARIANNA.

Oh Deos! a Inquisição? (Cheia de horror.)

ANTONIO JOSÉ (rindo-se de colera).

O Sancto-officio!

MARIANNA.

Que horror! a Inquisição!

ANTONIO JOSÉ (colera misturada de piedade).

Oh que ironia!
O Sancto-officio!.. Sancto?.. o Sancto-officio,
Mil vezes infernal! Obra do inferno!
Sancto! . . . como está tudo profanado!
Como os homens são máos! como elles zombam
Té co' o nome de Deos! Quem poderia
Crer que a Religião de Jesus Christo
De instrumento servisse a tanta infamia?

MARIANNA.

Socegai; Deos protege os innocentes.

ANTONIO JOSÉ.

N'outro mundo, talvez.

MARIANNA.

E tambem neste.

ANTONIO JOSÉ.

Neste não; que este mundo é dos malvados.

MARIANNA.

Mas entre elles tambem ha homens justos.

ANTONIO JOSÉ.

Para victimas serem dos pervervos.

MARIANNA.

Embora seja assim; o que nos cumpre
É cuidar de salvar-vos!

ANTONIO JOSÉ.

Porêm como?
Como da Inquisição fugir ás garras?
Si aqui fico, não posso estar seguro;
E si saio, hoje mesmo serei preso.
Pois bem, daqui não saio; que se cancem;
Não lhes darei tão facil a victoria.
Cedo ou tarde a masmorra é infalivel,
Mas quero que primeiro se exasperem.

Lei de sangue, fundada na ignorancia,
Que se appõe á razão, e á natureza,
Não é lei á que os homens obedeçam. (Andando.)
Antes quero morrer longe da Patria
Do que n'ella soffrer a tyrannia.
Si para o cidadão não ha direitos,
Não ha tambem deveres... Sim, é justo.
Vou escrever ao Conde de Ericeira.
Dá-me papel... Eu quero que elle saiba
A triste posição em que me vejo.
Lucia onde está?

MARIANNA.

Lá dentro.

ANTONIO JOSÉ.

Vai chamal-a. (Marianna sai.)

SCENA V.

ANTONIO JOSÉ (só, escrevendo).

„Nobre Conde, entre a vida e a morte existo,
„Um pé na inquisição, outro no mundo;
„Decidí de que lado cahir devo.
(Não lhe quero pintar com negras cores
O estado em que estou para poupar-lhe
Momentos de furor; — continuemos.)
„Decidí, nobre Conde; em vós confio;
„Vós me podeis salvar; sem vós eu morro.

SCENA VI.

ANTONIO JOSÉ, MARIANNA E LUCIA.

ANTONIO JOSÉ.

Toma, leva esta carta; mas de modo,
Que a não percas; vê bem. Com brevidade
Vai á casa do Conde de Ericeira;
Entrega a elle mesmo... Lucia, escuta:
Si o criado impedir-te de fallar-lhe,
Dize que vás daqui de minha parte;
Não voltes sem resposta.

LUCIA (saindo).

Que mysterio!

SCENA VII.

ANTONIO JOSÉ.

Agora vamos ver quem de nós vence.
Maldita Inquisição, eu te assoberbo.

ACTO SEGUNDO.

SCENA I.

A mesma decoração do primeiro acto. Marianna em pé encostada á uma porta, por onde mais tarde deve sair Antonio José.

MARIANNA.

Elle dorme, tão perto da desgraça!
Elle dorme; sua alma é innocente,
Seu coração é puro. — Ai, pobre Antonio!
Goza ao menos est' hora de descanço;
Não te quero acordar; em paz repousa
Essa cabeça que o terror perturba. (Caminha para o meio da scena.)
Feliz quem dorme! O somno é o refugio
Do desgraçado; — mais feliz ainda
Si elle nunca acordasse . . E quem, quem sabe
Si este somno, depois de tanta angustia,
Este somno tranquillo em leito estranho,
É a imagem do somno sobre o tumulo?
Um precursor da morte? Deos! quem sabe
Si é da vida este somno o derradeiro,
Seu ultimo descanço sobre a terra;
E que acordando, em vez de ver a aurora,
Se ache na escuridaõ de uma masmorra!
Ah! quem escapa ao tribunal de sangue,

Quando elle quer ferir? Tudo é inutil;
Nem vale a protecção, nem a innocencia,
Nem o Rei de seu golpe está seguro!
Oh degraçado Antonio! E elle repousa!
E elle dorme tão perto da masmorra! (Caminhando para o oratorio.)
Oh Mãe do Redemptor, velai sobre elle;
Pedi por elle ao vosso Filho amado;
Sim, oh virgem de graça. (Ajoelha-se.)
— Eis-me prostrada
A vossos pés, oh Mãe dos infelizes;
Tende de mim piedade; de uma pobre
Criatura sem Pai, sem Mãe, sem filhos,
Que se lembrem de mim, que me socorram.
Abracei uma vida de amarguras.
Mas fujo do peccado, amo a virtude,
E appareço no mundo das calumnias
Sem infamia, sem crime; e tudo devo
No céo a vós, na terra a este homem.
Sim, vós sois minha Mãe, e elle tem sido
Sempre meu protector, meu Pai, e amigo.
Não permittais, oh Virgem, que elle soffra,
Que elle morra, e que eu fique desgraçada. (Antonio José suspira da parte de dentro.)
Que gemido, oh meu Deos! eu acordei-o. (Levanta-se.)
Sem duvida acordei-o... Talvez sonhe.

Nem dormindo repousa o malfadado. (Caminha para a porta do quarto.)

Escutemos... parou... nada... é que dorme. (Voltando para o meio da scena, olha para o oratorio.)

Lembrai-vos d'elle. (Limpa os olhos, e abre uma janella que deita para a rua.)

Como tarda Lucia.

Que noite escura! O céo como está negro!
Oh! que noite de horror!.. nem uma estrella!

(Soam 10 horras n'um sino da Igreja. Marianna conta em voz baixa as horas.)

Dez horas!... Como a rua está deserta!
E Lucia inda não vêm! Oh que martyrio. (Feixa a janella, e vem para a scena.)

Que afflicção para mim; quantos tormentos.
E amanhã como posso ir ao theatro?
Como desempenhar a minha parte?
Não posso deixar de ir; é necessario
Trabalhar toda a noite e todo o dia. (Caminha para a meza, toma um papel e reflecte.)

Ignez de Castro!... que papel difficil!
Não preciso fingir; como me sinto,
Melhor exprimirei paixões alheias.
Vejamos;... ensaiemos esta scena. (Dispondo a scena para reprezentar.)

A ama aqui stá; alli sobresaltado
O côro me annuncia a minha morte,

Que o Rei, e armada gente me perseguem.
Em torno de mim choram; quasi insana,
Cheia de horror, eu vejo os meus filhinhos;
Quero fugir, exclamo: —* „Sonhos tristes!
„Sonhos crueis! porque tão verdadeiros
„Me quizestes sair? Oh spirito meu,
„Como não creste mais o mal tamanho
„Que crias, e sabias? Ama, foge,
„Foge desta ira grande, que nos busca.
„Não quero mais ajuda, venha a morte,
„Morra eu, mas innocente...

SCENA II.

MARIANNA E ANTONIO JOSE.

ANTONIO JOSÉ (entra furioso sem ver Marianna como perseguindo alguem).

Morre, morre,
Eu me vingo de ti, monstro nefando!

MARIANNA.

Que escuto! oh céos! que vejo!

ANTONIO JOSÉ.

Morre, morre.
Não podes escapar; não. (Luctando só no meio da scena.)

* Estes versos são da Castro de Ferreira; Acto 3.º Scena 2.ª

MARIANNA.

Que delirio! (Corre para elle.)
Vós sonhaes; acordai, Senhor Antonio!

ANTONIO JOSÉ.

Onde está?.. De que lado elle escondêo-se?

MARIANNA.

Não ha ninguem aqui; eu tamsomente,
E vós: estamos sós.

ANTONIO JOSE.

Então que é d'elle?

MARIANNA.

Isso é sonho.

ANTONIO JOSÉ.

Quem és?

MARIANNA.

Sua Marianna.
Sou eu mesma... Aqui stou a vosso lado.

ANTONIO JOSÉ (abraçando-a).

Pobre Marianna!.. Que secura ardente.

MARIANNA.

Quer agua? eu vou buscar. (Sai.)

SCENA III.

ANTONIO JOSÉ (só, assenta-se).

Que sonho horrivel!
Onde estou eu? . . . Em casa de Marianna . . .
Como estou! (Examinando o seu vestuario.)
Acordei sobresaltado . . .
Que suor frio! estou gelado . . . eu tremo . . .
Que peso sobre a fronte . . . que secura . . .
Tenho a garganta ardente.

SCENA IV.

ANTONIO JOSÉ E MARIANNA.

MARIANNA.

Eis aqui agua;
Beba de uma só vez.

ANTONIO JOSÉ (depois de ter bebido).

Como é suave!
Oh, que prazer!

MARIANNA.

Quer mais?

ANTONIO JOSÉ.

Basta, Marianna.
Meu capote?

MARIANNA.

Aqui o tem.

ANTONIO JOSÉ (levantando-se).

Estou suando.

MARIANNA.

Quer deitar-se?

ANTONIO JOSÉ.

Isso não; dormir não posso;
Quero antes passear, e distrahir-me;
O exercicio convem-me. Dá-me o braço.

MARIANNA (passeando de um lado a outro).

Fui eu que o acordei co'as minhas vozes?

ANTONIO JOSÉ.

Não, Marianna; eu sonhava com serpentes,
E não sei com que mais... Era uma moça...
Espera, que me lembro. (Pára como para lembrar-se.)
Eu?... sim, eu mesmo,
A via perseguida por um homem
Todo coberto co'uma capa preta,
Que sobre uma fogueira a empurrara;
A moça me chamava a seu soccorro,
Gritava por meu nome: eu corro á ella,
Chego, vejo-a;— e quem cuidas que ella fosse?

MARIANNA.

Quem?

ANTONIO JOSÉ.

Eras tu, Marianna!

MARIANNA (assustada).

Oh Deos!

ANTONIO JOSÉ.

Tu mesma!

MARIANNA.

Será presentimento!..

ANTONIO JOSÉ.

Mal te vejo
Co'o pé já na fogueira, a ti me arrójo,
Por um braço te arranco; ia salvar-te,
Quando preso me vejo, e rodeado
De multidão de frades, povo e tropa.
Era um Auto-da-fé! O Sancto-officio!
Tu a meus pés estavas desmaiada;
Então sacudo o corpo, sólto os braços,
Tiro a espada, e colerico investindo
Contra a fogueira, espalho sobre a praça
E sobre a multidão tições accesos.
Tudo foge; o incendio já lavrava;
Entre as chammas um homem me resiste,
Um só homem! seus olhos scintillavam.
Não refflicto; co'a espada enfio as chammas,
Cego, co'o braço alçado, a elle corro,

Frenetico gritando: morre, morre!
De um lado a outro atravessei-lhe o peito;
Tiro a espada; de novo ia feril-o;
Ergue-se o monstro, ri-se, e desparace;
Procuro, em vão forcejo; e nisto acordo.

MARIANNA.

Este sonho quem sabe o que annuncia?

ANTONIO JOSÉ.

Cousa nenhuma; o cerebro exaltado
Produz estas vizões extravagantes.

MARIANNA.

Os sonhos muitas vezes nos revelam
Desgraças, que acordados não prevemos.

ANTONIO JOSÉ.

Sim, ha casos.

MARIANNA.

E casos bem notaveis.

ANTONIO JOSÉ (pensando).

Ha dias aziagos, em que o homem,
Em profunda tristeza mergulhado,
Se esquece de sí mesmo, e se concentra
No mundo interior da consciencia,
Nesse abysmo mais vasto do que o mundo,
Nesse mysterio occulto, indefinivel,
Nessa imagem de Deos em nós contida,

Que relata o passado, e ama o futuro.
Parece então que o homem se envergonha
De tão pouco saber, de ter vivido
Sem saber o que elle é. Então se eleva
Nesse mundo ideal; não se contenta
Co'o mundo dos sentidos; quer lançar-se
Além do espaço que seus olhos medem;
Quer prever, quer fallar co'o Ser Divino,
Quer saber o que é sonho, o que é a morte,
O homem que nem sabe o que é a vida!
Affirma sem provar, sem saber nega...
Ora, a noite os mysterios apadrinha;
Seu horror, seu silencio segregando-nos
Como as negras paredes da masmorra,
As criações da mente favorecem,
E vasto campo dão á phantasia,
Que em largo vôo então desdobra as azas,
Mil mundos invisiveis visitando.
Quem sabe si essas sombras fugitivas
Como cometas que nos céos deslizam,
Que nós vemos de noite, e que nos fallam,
São simulachros de invisiveis seres?
Quem sabe si as visões, si os nossos sonhos
Orac'los são do intimo sentido,
Que o homem deve interpretar? Quem sabe?..
Ainda eu hoje sonhei... Oh, já descubro. (Pensando profundamente.)

MARIANNA (interrompendo-o).

O que, Senhor? o que?

ANTONIO JOSÉ (distrahido dando com a mão para o lado).

Espera, espera.

Como me ia esquecendo!... Sim, foi hoje...
Foi esta noite... não; eu não me engano...
Á inquisição... eu fui denunciado!
E eu cuidava que tudo isto era sonho! (Como tornando a si.)
Como tenho, meu Deos, esta cabeça!
Como estava esquecido!

MARIANNA.

Melhor fôra,

Que tão serio em taes cousas não pensasseis.
Vossa imaginação é tão ardente,
Que em tudo a que se dá não acha termo.

ANTONIO JOSE.

Dias ha em que o homem stá disposto
A pensar seriamente, e a crer em tudo.
Não sei; isto me afflige... e o que me occupa
É saber neste sonho porque causa
Ias para a fogueira, estando eu livre;
E como isto se explica.

MARIANNA.

Oh Lucia! Lucia!

Como tarda!

ANTONIO JOSÉ.

É verdade, onde está Lucia?
Ainda não voltou?

MARIANNA.

Tardar não póde.
Eu espero por ella a todo o instante.

ANTONIO JOSÉ.

É provavel que o Conde tambem venha.

MARIANNA.

Não sei o que minh'alma presagía!
Si ella foi encontrada? Que desgraça!
Aquella carta... Que maior denuncia.

ANTONIO JOSÉ.

Oh, é verdade! Que erro! Que loucura!
Não ter previsto! Condemnar-me eu mesmo!
Compliciar o Conde: e a ti, Marianna,
A ti, sim, que me déste asylo em caza.
Talvez que a seu pezar Lucia confesse
Que eu aqui stou. Oh Deos, será possivel
Que eu arraste commigo a tua queda,
Que á fogueira tambem commigo subas!
Tu!.. E o meu sonho!.. Oh sonho! eu já te entendo.

MARIANNA.

E que importa, Senhor, se verifique
Esse sonho terrivel? Por ventura

Tem para mim a vida taes encantos
Que eu não saiba morrer com rosto firme!
Salvai-vos, eis sómente o que desejo,
Morra eu, si for mister . . . Mas vós . . .

ANTONIO JOSE.

Marianna,
Não me enterneças nesta crise horrenda.
De que nos servem lagrimas nest' hora?
Não se póde perder um só instante;
Fugir, ou esperar que Lucia volte;
Ou talvez affrontar o bando infame
De meus perseguidores; sim, feril-os,
Morrer, matando, defendendo a vida;
Decide tu, Marianna. (Batem na porta.)

MARIANNA.

Senhor, batem!

ANTONIO JOSÉ.

Serão elles?

MARIANNA.

Quem bate?

LUCIA (da parte de fóra).

Abra, Senhora.

MARIANNA.

É Lucia, é Lucia. (Indo apressada abrir a porta.)

ANTONIO JOSÉ (rindo-se de contentamento, corre para Lucia que entra).

Emfim, estamos salvos.

SCENA V.

ANTONIO JOSÉ, MARIANNA E LUCIA
(que entra com uma caixa).

ANTONIO JOSÉ.

Vem, abraça-me, Lucia! O que ha de novo?
Que me trazes ahi? O que te dice
O Conde de Ericeira?

LUCIA.

Aqui lhe trago
Esta caixa; não sei o que vem dentro:
Eis a chave.

MARIANNA.

Vejamos.

ANTONIO JOSÉ.

E mais nada?

LUCIA.

Dêo-me mais uma carta. (Mettendo a mão no bolço.)

ANTONIO JOSÉ.

E tu perdeste-a?

LUCIA.

Creio que não; metti-a neste bolço;
Eil-a.

ANTONIO JOSÉ (arrebatando a carta).

Pois dá-m'a cá; nunca tens pressa.
O Conde é meu Amigo; eu bem sabía
A quem me dirigia. (Lendo.) „Caro Amigo,
„Eu tenho a meza prompta á tua espera;
„Vem commigo cear; posto que tarde
„Podemos rir sem medo: a ceia é fria,
„Não te has de queimar". — Eu bem o entendo!
Fez bem de me escrever desta maneira.
O que vem nessa caixa?

MARIANNA.

Um vestuario
De criado do Conde.

ANTONIO JOSE.

Oh, bella idéa!
Vai-te, Lucia; de ti não precisamos.

SCENA VI.

ANTONIO JOSÉ E MARIANNA.

ANTONIO JOSÉ (começa a vestir-se de criado do Conde).

Não tenho medo agora: . . . estou zombando
Dos taes Familiares . . . Que me encontrem,

E com este disfarce me conheçam.
Não posso perder tempo; adeos, Marianna.
(Abraçam-se.)

MARIANNA.

Adeos!

ANTONIO JOSÉ.

Adeos!.. Tu podes lá ir ver-me;
Ou eu te escreverei. Não tenhas medo;
Não chores. Amanhã nós nos veremos.

MARIANNA (caminhando para a porta).

Não sei meu coração porque palpíta!
Parece que algum mal inda adivinha.(Batem na porta.)
Batem!.. Tão tarde! (Param.)

ANTONIO JOSÉ.

O Conde talvez seja,
Que me quiz preparar esta surpreza.
Vou abrir; é o Conde certamente. (Quer abrir a porta, Marianna o retem, segurando-lhe no braço.)

MARIANNA.

Senhor, o que fazeis? eu não consinto.
Convem não arriscar a vossa vida.
Esperai. Que temor me nasce n'alma. (Batem de novo.)
Bate-me o coração; tremo de medo.

ANTONIO JOSÉ.

Que receias?

MARIANNA.

Senhor, quereis ouvir-me?
Retirai-vos, por Deos, emquanto vejo
Quem é que bate.

ATNONIO JOSÉ.

Bem, eu te obedeço.

SCENA VII.

MARIANNA E FREI GIL.

MARIANNA.

Oh Deos! (Recuando cheia de espanto.)

FREI GIL (fazendo uma grande reverencia, e com ar muito religioso).

Sou seu Ministro, e humilde servo,
E Deos esteja em vossa companhia.
De que temeis? Estais tão agitada!
Minha presença acaso horror inspira?

MARIANNA.

Na graça do Senhor sejais bem vindo.

FREI GIL.

Amen.

MARIANNA.

Pedis esmola para a Igreja!..
O que quereis de mim?

FREI GIL.

Oh, nada, nada!
A uma obra pia a compaixão movêo-me.
Só por amor de vós deixei o claustro
Com tenção de salvar-vos. Mas eu vejo
Que me convem sair; eu vos molesto.

MARIANNA.

Ah, não, Senhor! perdão, perdão vos peço.
Desculpai meu receio mal-fundado.

FREI GIL.

Receio! uma christã, de um sacerdote?
De um Ministro de Deos? Algum peccado,
Algum crime vos punge a consciencia?
Tendes horror da Igreja?

MARIANNA.

Oh, por piedade,
Não me julgueis culpada; a vossa bençam
Vos peço humilde. (Curvando a cabeça.)

FREI GIL.

Filha, socegai-vos.
Ha muito que eu quizera procurar-vos,
Para vos evitar uma desgraça.

MARIANNA (com vehemencia).

Desgraça?

FREI GIL.

Sim; e que desgraça horrivel!
Só eu sei o perigo a que me exponho,
Vindo vos procurar, para avisar-vos.

MARIANNA.

Como, Senhor, por mim tanta bondade!
Como de vosso amor me fiz credora?

FREI GIL.

Dir-vos-hei de vagar; o caso é grave;
E vendo-me aqui só a vosso lado,
Não posso ainda entrar em mim.

MARIANNA.

Sentai-vos.

FERI GIL (assenta-se).

E vós ficais de pé?.. Tomai assento.

MARIANNA.

Estou bem.

FREI GIL (querendo levantar-se).

Então me ergo.

MARIANNA.

Eu obedeço.

FREI GIL.

Deixai-me respirar... Ninguem nos ouve?

MARIANNA.

Ninguem.

FREI GIL.

Como dizia: um mal ingente
Vos ameaça ha muito. O Sancto-Officio
Tem olhos sobre vós.

MARIANNA.

O Sancto-Officio?
E porque? Ainda mais este martyrio!

FREI GIL

Eu não sei a razão, nem saber quero.
Só desejo servir-vos, mesmo quando
Tudo quanto se diz seja verdade.
Vós sois comediante, ides á scena,
E esse mundo profano vos conhece . .
A vida que passais é desprezivel.
Mereceis melhor sorte. Eu condoído
Quero vos proteger, quero salvar-vos.
Sois alvo da calumnia, e mais não digo;
Vós me entendeis.

MARIANNA.

O que? estou suspensa
O que devo eu fazer? qual é meu crime?

FREI GIL.

Já que vós o quereis, a custo o digo:

Um Antonio José, que eu não conheço,
E que talvez nest'hora em que vos fallo
Na Inquisição esteja por seus crimes...

MARIANNA.

Crimes! elle? Senhor, isso é engano.

FREI GIL.

Si o defendeis, oh filha, estais perdida.
Não toqueis em seu nome: ignore o mundo,
Ignore a Inquisição que um amor cego,
Um amor criminoso em vós existe.

MARIANNA.

Não amor criminoso; puro, e sancto
É o amor que nos une; o céo o inspira
N'uma alma nobre, estreme de baixezas,
Uma alma como a minha; é a amizade,
Mais forte que o amor. É isto um crime?

FREI GIL.

Folgo de vos ouvir, mas vos declaro,
Que o mundo com razões não se embaraça;
O mundo vos não crê.

MARIANNA.

Eu o desprézo!
Por propria experiencia eu o conheço,
E a minha profissão abrio-me os olhos
Sobre o que é mundo: e sem temor vos digo

Que por meu protector darei a vida,
E não me salvarei para perdel-o,

FREI GIL.

Reflectí. . consultai vosso interesse.

MARIANNA.

Mas primeiro o dever; o céo me obriga
A seguir o dever.

FREI GIL.

Pois bem, segui-o;
Com Antonio José ide á fogueira;
Ide morrer no meio de uma praça,
Apinhada de povo, que ha dous dias
No theatro vos dava mil applausos.
Ninguem vos chorará, pobre Senhora!
Eu só devo chorar, e no meu claustro
Resarei por vossa alma. (Enxuga os olhos.)

MARIANNA.

Oh scena horrivel!
Meu Antonio José!

FREI GIL.

O seu processo
Vos ha de complicar. Elle não póde
Escapar, e nem vós. Porêm, Senhora,
Si o não amais; si é só pura amizade

Que vos une, convem antes salval-o,
Do que morrer com elle inutilmente.

MARIANNA.

Salval-o? e como?

FREI GIL.

Um protector zeloso
Tendes em mim; meu credito, e dinheiro,
Tudo póde vencer; mas antes disso,
Deveis vos occultar. Neste momento
Tenho uma casa prompta á vossa espera;
Nada vos faltará; a vosso lado
Constante velarei de dia e noite;
E de Antonio José nós trataremos
Com mais vagar, que o seu negocio é serio;
Não se decide assim. Vinde, Senhora,
Sou vosso protector, vinde commigo.

MARIANNA.

Quem? eu? sair daqui? é impossivel,
Sem Antonio José.

FREI GIL.

Que pertinacia!
Quereis morrer na flor de vossos annos?
E por quem? Por quem só vos causa a morte!
As iras desprezais do Sancto-Officio,
E em mim vós insultais sua piedade.

Já que me desprezais, eu vos desprézo:
Mas eu me vingarei de vós, e d'elle;
Desse Judeo.

(Antonio José ouvindo estas palavras, mostra-se entre os hastidores, e insensivelmente vem tremendo, sem ser visto, como impellido por um ataque convulsivo.)

SCENA VIII.

MARIANNA, FREI GIL E ANTONIO JOSÉ.

ANTOINO JOSÉ (investe ao peito de frei Gil, este se curva, tremendo de medo).

Hypocrita maldito,
Nas minhas mãos estás; treme, malvado,
Infame seductor... Oh, já te curvas!
Onde está o poder que blazonavas?
Cuidavas estar só, e que podias
A teu salvo enganar, com vãos discursos,
Uma pobre mulher?

FREI GIL.

Oh, por piedade!

ANTONIO JOSE.

Piedade de ti!.. morre, malvado. (Como querendo suffocal-o com as mãos).

MARIANNA (correndo para elle).

Senhor, que ides fazer?.. Por Deos vos peço,
Não vos cegueis.

FREI GIL.

Perdão, não sou culpado,
Só para o vosso bem eu trabalhava.

ANTONIO JOSÉ (com um riso ironico misturado de indignação).

Para meu bem! Que infame hypocrisia!
Como espia a trahição naquelles olhos!
Como a impudencia treme-lhe nos labios!
Não sei quem me retêm? Que miseravel!
Sai de meus olhos, sai, põe-te na rua,
Já, e já, antes que eu de ti me vingue.

(Sai frei Gil, recuando com a cabeça baixa).

SCENA IV.

ANTONIO JOSÉ E MARIANNA.

MARIANNA.

Que fizestes, Senhor? allucinado
A conhecer vos déstes.

ANTONIO JOSÉ.

Nada temas;
Elle me não conhece, e sobre tudo
Com este vestuario. Não o ouviste,
Que até pensa que estou já na masmorra!

MARIANNA.

Assim é; mas convem acautelar-vos.
O Conde vos espera.

ANTONIO JOSÉ.

Sim, eu parto.
Bem me custa deixar-te.

MARIANNA.

É necessario.

ANTONIO JOSÉ (Abraçam-se).

Adeos, Marianna.

MARIANNA.

Adeos. (Apertando-lhe a mão.)

ANTONIO JOSÉ.

Nós nos veremos.

MARIANNA.

Deos permitta que sim.

ANTONIO JOSÉ (já na porta).

A Deos me entrego.

ACTO TERCEIRO.

SCENA I.

Vista de sala em casa do Conde de Ericeira. Uma mesa no meio, sobre a qual estarão varios livros e papeis; entre elles um livro mais para um lado, dentro do qual estará a carta que Antonio José escrevêra ao Conde.

O CONDE DE ERICEIRA (passeando).

O que devo fazer? Fórmo mil planos
Para salval-o, mas nenhum me agrada.
Talvez fosse melhor ir ao convento
Empenhar-me por elle... ou mesmo á casa
Do grande Inquisidor... Mas de outro lado
Póde muito bem ser que elle sabendo
Que eu o protejo, e que lhe dei asylo,
Mais de pressa o persiga, e até me force
A responder por elle ao Sancto-Officio.
Pobre Antonio José! e sobre tudo
Sendo de judaismo a sua culpa.
Si elle fugir quizessse, eu poderia
Alguns meios prestar-lhe... O mais prudente,
É bem nos informar desta denuncia,
Dar tempo a tudo, até que em fim se esqueçam.
Como elle está seguro em minha casa

Podemos reflectir com madureza. (Toca a campainha, e apparece um criado.)
Vê si Antonio José está dormindo;
Si não, que eu o espero... Em casos destes
Convem prever a tempo as consequencias.
Eu não creio o negocio entregue ao acaso;
Tem mil difficuldades certamente,
Mas nada é impossivel... Oh!... (Virando-se, dá com Antonio José que vem para elle.)

SCENA II

O CONDE, E ANTONIO JOSÉ.

ANTONIO JOSÉ.

Bons dias.

O CONDE.

Cuidei que hoje do leito não saisses!

ANTONIO JOSÉ.

Ao contrario; ha bem tempo que deixei-o.
Não se póde dormir a somno sôlto
Quando se vê a espada de Damocles
Pendente sobre a fronte.

O CONDE.

A phantasia
Creio que agora em ti mudou de cores.
Não gósto de te ver co'um ar tão triste.

Onde estão as satyricas facecias
Com que outr'ora zombavas deste mundo?

ANTONIO JOSÉ.

Eis dos homens a fraca natureza!...
Que mudança fiz eu de hontem para hoje!
Nem me conheço mais! Muda-se a sorte,
Muda-se o nosso genio! Eis como somos;
E a razão poucas vezes nos governa.
Si felizes, alegres nos mostramos,
Amamos o prazer, o jogo, o riso,
A dança, tudo emfim quanto transporta
Os sentidos na escala dos deleites;
E no meio das nossas alegrias
Do dia de amanhã nos esquecemos.
Emquanto nós folgamos, outros soffrem;
Insultamos a dôr dos outros homens,
Nem nos lembramos que o prazer é sonho,
E que só a desgraça é realidade!
Mas de repente a scena se transforma.
Do seio do prazer surge o infortunio,
E apparece a razão com ar sombrio
De tristes pensamentos rodeada...
Então das illusões o véo se rompe:
Vemos a nossos pés aberto o abysmo,
Que de flores cobria a f'licidade;
Conhecemos então o que nós somos;

Mil perigos então se nos antolham;
Fugimos do prazer, odiando o mundo,
E co'a morte e a verdade nos achamos!..
Oh contrastes da vida! Oh dia! Oh noite!
Cruel alternativa!... E sempre cego
Levar se deixa o homem pelo mundo.
Parece que a razão, envergonhada
De nada ter servido nos prazeres,
Nos deixa na desgraça.

O CONDE.

A culpa é nossa,
Que da razão tão pouco nos servimos.

ANTONIO JOSÉ.

Nossa, sim, mas não tanto; grande parte
Tem nisso nossos pais, e nossos mestres,
Que são da nossa infancia responsaveis.
Nunca a razão nos falla por seus labios;
Sempre o terror, o medo e o servilismo.
Os erros que co'o berço recebemos,
Tarde ou nunca os perdemos.

O CONDE.

Meu Amigo,
Só a philosophia nestes casos
Da nossa infancia os males curar póde.

ANTONIO JOSÉ.

Sim, a philosophia! Onde está ella?
Termo pomposo e vão!.. Quereis que eu chore
Como Heraclito sempre atrabiliario,
Aborrecendo os homens com quem vivo?
Ou que como Democrito me ria
De tudo quanto vejo? — Por ventura
Nisso consiste a natureza humana?
Quereis que eu seja estoico como Zeno?
Que diga que não soffro, quando soffro?
Por ventura não somos nós sensiveis?
Quereis que de Epicuro as leis seguindo,
Só me entregue ao prazer, ou que imitando
A Crates, e a Diogenes, me cubra
Com rôto manto, e viva desprezado,
Sem me importar co'as cousas deste mundo,
Como o cão que passeia pelas ruas?
Si eu vou seguir de Socrates o exemplo,
Pugnar pela razão, a morte é certa.
Quando toda a nação está corrupta,
Embebida no crime, e espezinhada
Por homens viciosos, quem se afouta
A seguir a virtude, muito soffre.
Para viver então é necessario
Que o homem se converta em sevandija,
Que seja adulador, vil, intrigante,
Para bemquisto ter assento entre elles.

O CONDE.

Tendes razão em parte; não a nego.
Mas, pensando melhor, e a sangue frio,
Deveis me conceder que a maior parte
Dos homens não reflectem seriamente
No que devem fazer; não é estranho
Que elles errem; porèm, nós Litteratos,
Nós que somos Poetas e Philosophos,
Que temos por dever servir de exemplo,
Já que Deos nos dotou de algum talento
Para sermos prestantes aos mais homens,
Não devemos obrar como elles obram.
Nós podemos de cada seita antiga
Extrahir o melhor; nunca devemos
Á risca respeitar nossos costumes,
Antes si elles são máos satyrisal-os,
Nem tambem atacal-os face á face,
Que então cahímos no geral desprêzo.

ANTONIO JOSÉ.

Que quereis á final? Que o vate seja
Poeta cortezão? que se mascare?
Que nunca diga as cousas claramente?
Que combine a verdade co'a mentira?..
Poeta que calcula quando escreve,
Que lima quanto diz, por que não fira,
Que procura agradar a todo o mundo,

Que, medroso, não quer aventurar-se,
Que vá poetizar para os conventos.
Eu gósto dos Poetas destemidos,
Que dizem as verdades sem rebuço,
Que a lyra não profanam, nem se vendem;
Estes sim, são Poetas. Quanto aos outros,
São algozes das Muzas; mercadores
Que fazem monopolio da poesia,
Com que escravos adulam seus senhores.
Quando escrevo meus dramas não consulto
Senão a Natureza, ou o meu genio;
Si não faço melhor, é que o não posso.

O CONDE.

Tu péccas porque queres; bem podias
Compor melhores dramas regulares,
Imitar Molière; tantas vezes
Te dei este conselho.

ANTONIO JOSÉ.

Eu o agradeço.
Molière escrevêo para Francezes,
Para a côrte do grande Luiz quatorze,
Para um Rei que animava Artes e Lettras,
E eu para Portuguezes só escrevo;
Os genios das Nações são differentes.
E de mais, por ventura por meus dramas
Sou eu denunciado ao Sancto-Officio?

Creio que não. Os frades bem se importam
Que eu faça o povo rir. Tomaram elles,
E todos os mandões que nos governam,
Que o povo só procure divertir-se,
Que viva na ignorancia, e não indague
Como vão os negocios, e que os deixem
A seu salvo mandar como elles querem.
Comtanto que os impostos pague o povo,
Que cego e mudo soffra, qu e obedeça,
E viva sem pensar, elles consentem
Que o povo se divirta.

O CONDE.

Meu Antonio,
Em parte tens razão, porém o povo
É culpado tambem porque obedece;
Quem tem a força em sí porque se curva?
O que é Nação? a somma de escriptores,
De artistas, mercadores, e empregados,
Gente do campo, frades, e governo:
Todos querem ganhar a todo custo,
Ninguem quer arriscar; disto resulta
A total decadencia em que vivemos.

ANTONIO JOSÉ.

Como vai Portugal! Que triste herança
Receberão de nós os filhos nossos!
Tantas lições sublimes de heroismo;

Tantos feitos de nossos bons Maiores,
Patriotico zelo, amor de gloria,
N'um seculo estragámos! Nada resta!
Que contraste terrivel! Como um dia,
Nossos annaes a historia relatando,
Apparecer devemos! Com que opprobrio,
Com que desprezo as gerações futuras
Dirão de nós, julgando nossos fastos:
— Éra de corrupção e decadencia!..
E o que fazemos nós! A passos largos
Marchamos para a queda. E que não haja
Um braço forte, um braço de gigante,
Que entre nós se levante, e nos sustente!
Como as Nações se elevam, se engrandecem,
E como pouco a pouco se degradam!
Torna-se o povo escravo, os Reis tyrannos.
Onde está Portugal? Nação que outr'ora
Do mar o sceptro sustentava ufana,
E mandava seu nome a estranhos povos?
A Hespanha, que terror impunha á Europa,
Quando n'ella imperava Carlos Quinto,
O que é hoje, depois que esse tyranno,
Sanguinario Philippe erguêo-se ao throno?
E essas Nações antigas, Grecia, e Roma,
Mães de tantos heroes, de tantos sabios,
Porque se despenharam da grandeza?
Porque a corrupção dos governantes

Até aos cidadãos tinha passado.
Nasce de cima a corrupção dos povos.
Sim, os governos sós são os culpados
Da queda dos Imperios: máos exemplos
São sempre pelos homens imitados.
Quando á testa do Estado se apresenta
Um homem sem moral, falto de luzes,
Que as honras Nacionaes vende á lisonja,
Quem o circúla imita seus costumes,
E este por sua vez é imitado,
Té que de gráo em gráo, sempre descendo,
A servidão ao povo contagía.
Tudo perdido está; só a vergonha,
Só a miseria, o opprobrio então se espera.

O CONDE.

Assim é; mas emquanto o povo dorme
O remedio é soffrer com paciencia.

ANTONIO JOSÉ.

O povo acordará.

O CONDE.

A elle toca
Defender seus direitos. Mas eu vejo
Que elle se cala, e mostra estar contente.

ANTONIO JOSÉ.

Não se devem fiar. Como o camello,

Sustenta o povo a carga emquanto póde,
E quando excede o peso ás suas forças,
Ergue-se e marcha, e deixa a carga e o dono.

O CONDE.

Pois que se erga, e que marche; eu não o impeço.
Eu não sou desses nobres ociosos
Que pesam sobre o povo; nem desejo
Que reine a tyrannia, ou a ignorancia.
Trabalho pela patria e pela gloria;
Posto que seja Conde, sou Poeta;
Sei que um bom escriptor vale mil Condes,
E curo de deixar uteis escriptos.

ANTONIO JOSÉ.

Oh, senhor, vós sois nobre duas vezes,
Nobre pelas acções, nobre no genio,
Sem fallar na nobreza dos Palacios.

SCENA III.

O CONDE, ANTONIO JOSÉ, E UM CRIADO.

O CRIADO.

O almoço está na mesa.

O CONDE.

Oh, é verdade,
Vai almoçar.

ANTONIO JOSÉ.

Eu só?

O CONDE.

Pois que cuidavas?
Eu almóço mui cedo; não chamei-te
Á hora, por cuidar que então dormias.

ANTONIO JOSÉ.

Então bem, até já.

O CONDE.

Aqui te aguardo.

SCENA IV.

O CONDE (só).

É um homem de genio. Assim o Estado
Soubesse aproveitar o seu talento;
Assim o genio governasse o mundo;
Ou então entre os Reis e as classes nobres
Só deviam nascer os grandes homens.

SCENA V.

O CONDE, E UM CRIADO.

O CRIADO.

Senhor Conde, aqui stá uma senhora,
Que pede uma audiencia.

O CONDE.

Dá-lhe entrada. (Sai o criado.)

SCENA VI.

O CONDE, E MARIANNA.

O CONDE.

Oh, Senhora Marianna! é a Senhora!

MARIANNA.

Sou de vossa Excellencia humilde serva.

O CONDE.

Sentemo-nos aqui . . . Que determina?

MARIANNA.

Desculpe-me o Senhor Conde; eu desejo
Saber noticias do infeliz Antonio.

O CONDE.

Commigo está.

MARIANNA.

E crê o Senhor Conde
Que elle possa escapar?

O CONDE.

Julgo provavel.
Fujo de lhe fallar sobre esse ponto,
De modo que elle ainda não contou-me
Como soube que foi denunciado.

MARIANNA.

Frei Eusebio, que é muito seu amigo,
Foi quem o prevenio hontem de noite.

O CONDE.

Vou mandal-o chamar; eu o conheço. (Toca a campainha e apparece o criado; entretanto escreve um bilhetinho.)
Vai aos Dominicanos, e procura
O padre Eusebio; entrega-lhe este escripto.
Que venha já. Oh lá, não te demores. (Volta para o meio da scena e assenta-se).
Não sei ainda o que será; eu penso
Que isto é uma invenção de frei Eusebio,
Sem fundamento algum; que elle o dicesse
Sómente para rir, e causar medo;
Posto que seja um padre respeitavel,
Incapaz de mentir; mas por galhofa,
Como Antonio José é engenhoso,
Talvez lhe esta pregasse.

MARIANNA.

O céo quizesse
Que o caso fosse assim! Mas eu não creio.
Para mim sempre é certa uma má nova.

O CONDE.

Eu penso de outro geito, e mais me inclino
A crer no que desejo.

MARIANNA.

O Senhor Conde,
Que pode effectuar os seus desejos

Vê o mundo melhor e mais risonho;
Tem razão; mas não eu, pobre coitada
Que de insano trabalho me sustento.

O CONDE.

Todos nós trabalhamos mais ou menos.
Diga-me, hoje que drama vai á scena?

MARIANNA.

A Castro de Ferreira.

O CONDE.

E representa?

MARIANNA.

Sim, Senhor.

O CONDE.

Lá hei de ir; desejo vel-a
Nessa parte sublime, e tão difficil.
É do nosso theatro o melhor drama,
Que tão mesquinho é elle, a obra prima
Do nosso bom Ferreira, que até hoje
Não achou quem a palma lhe roubasse.
Eu gosto do theatro, e tenho pena
Que este Antonio José não se elevasse
Ao genero sublime da tragedia,
Ou da boa comedia.

MARIANNA.

Suas Operas
Sempre são applaudidas pelo povo.

O CONDE.

Quizera antes que o fossem pelos sabios,
Quanto a mim, um auctor trabalhar deve
Por amor de sua arte tamsomente.
Mas Antonio José, apezar disso,
É um digno rival de Gil Vicente;
Sobre tudo é faceto: e só por isso
Ha de sempre ser lido com agrado.
Vamos vel-o; elle almoça. Dê-me o braço.
Vamos causar-lhe agora uma surpreza. (Saiem ambos.)

SCENA VII.

FREI GIL, E O CRIADO.

O CRIADO.

Eu vou participar ao Senhor Conde,
Que o Reverendo Padre aqui o espera.

FREI GIL.

Pois sim; podes dizer que frei Eusebio
Não 'stando no convento, eu vim por elle
As ordens receber do Senhor Conde.

SCENA VIII.

FREI GIL (só, aproximando-se da meza).

Que negocio será com tanta pressa?

Estimo bem ter vindo. Quantos livros! (Olhando para os livros, que estão sobre a meza. Pega n'um que está separado, e dentro do qual estará a carta, que Antonio José escrevera ao Conde, participando que se achava em perigo.)

Este é o que elle lê, que está de parte.
Que auctor será? Vejamos. (Abrindo a 1.ª pagina.)
Não conheço.

Boi-le-au Des-pre-aux. — Que nome esturdio!
Creio que isto é Francez, si não é Grego.
Aqui está no que perde elle o seu tempo!
E já bastante lêo! cá está marcado. (Abrindo o livro pelo meio, onde estará a carta de Antonio José.)
Isto é nota talvez. (Pegando na carta.)
É uma carta. (Lê, e olha para traz, assegurando-se que não ha ninguem.)

Oh! que cousa feliz! Como apanhei-o!
É de Antonio José. Eil-o assignado!
Estará elle aqui?... Si está!.. É elle
Que hontem vestido estava de criado.
Vai para lá de noite!... Hei de esperal-o.
Que livro!... Vou já pôl-o sobre a meza, (Procurando pôr o livro no mesmo logar.)

No seu logar... Aqui; creio que é isto.
Stava mais deste lado, assim virado.
O Conde o que estará fazendo agora? (Chega-se á porta escutando.)

Muito bem... muito bem... ahi vem gente! (Vem assentar-se pé por pé, tira da algibeira o breviario, e põe-se a ler.)
Não pecco contra a fórma.

SCENA IX.

FREI GIL E O CONDE.

(Frei Gil levanta-se à vista do Conde, e faz uma grande reverencia.)

O CONDE.

O padre mestre
Queira me desculpar. Eu sinto muito
Tel-o feito cá vir inutilmente.
Desejava fallar com frei Eusebio,
Sobre um particular.

FREI GIL.

Vossa Excellencia
É que ha de perdoar minha ousadia
De o vir incommodar; mais foi por zelo.

O CONDE.

Sou grato ao padre mestre.

FREI GIL.

Eu me retiro. (Vai-se, fazendo uma cortezia.)

SCENA X.

O CONDE, MARIANNA, E ANTONIO JOSÉ, entram depois que sai o Frade; Antonio José chega á janella.

O CONDE.

Como é zeloso; ou antes curioso!

MARIANNA (despedindo-se).

Deos guarde ao Senhor Conde; eu parto.

O CONDE.

Viva.

(Marianna dá dous passos para se despedir de Antonio José, que volta repentinamente da janella.)

ANTONIO JOSÉ.

É elle, é elle! eu reconheço o monstro.

O CONDE E MARIANNA (assustados).

Quem? (correm ambos para a janella.)

ANTONIO JOSÉ.

Frei Gil!

MARIANNA.

Sim, é elle!

O CONDE.

Felizmente

Que se retira, sem que fosseis vistos.

ACTO QUARTO

SCENA I.

Vista de Sala em casa de Marianna. Lucia assentada, fiando, perto da mesa sobre a qual estará um candieiro acceso.

LUCIA.

E não me hei de queixar com esta lida!
Toda a noite a esperar: forte martyrio!
A Senhora vai lá para o theatro,
Lucia que fique á espera, e guarde a casa!
Afinal já o somno vem chegando.
Ora pois, já são horas; já é tarde;
Já podia minha Ama estar de volta.
Mas que grande segredo será este?
Não me querem dizer! Esta cautela
Faz-me crer que isto é caso extraordinario.
A Senhora anda tão sobresaltada,
Não dorme, falla só, e se lamenta,
Nem conversa commigo como d'antes.
Eu desconfio muito. Isto é desgraça,
E desgraça bem grande! Oh, certamente,
Não é só o theatro que a molesta!
Que veio hontem fazer aqui tão tarde
Senhor Antonio? e fóra do costume

Tão gritador, tão serio, e ao mesmo tempo
Com ar tão abatido? E aquella carta
Ao Conde de Ericeira? E aquella farda
De criado? E a cautela! Aqui ha cousa.
Queira Deos, queira Deos que a pobre Lucia
Não se veja tambem mettida em trances! (Batem na porta.)
Quem é lá? É minha Ama certamente. (Levanta-se e vai abrir a porta.)

SCENA II.

LUCIA, MARIANNA, E FR. GIL. (Marianna assustada fica em pé com a mão na chave.)

MARIANNA.

Quereis, Senhor, deixar-me?

FREI GIL.

Um só momento
Por quem sois, escutai-me.

MARIANNA.

Já vos dice,
Que vos não posso ouvir.

FREI GIL.

Porque motivo?
Que mal vos fiz? Que sem razão é essa?

MARIANNA.

Retirai-vos, Senhor. Não vos conheço.

FREI GIL.

Ouvi-me, e vós sereis menos severa.

MARIANNA.

Quero emfim repousar; estou cançada;
Trabalhei toda a noite sobre a scena;
E não me é dado achar abrigo em casa.

FREI GIL.

E eu então? toda a noite ao ar exposto
Por vossa causa, fóra do convento,
Á espera, passeando á vossa porta;
E vós me repellis tão cruamente?

MARIANNA.

Eu não vos chamei cá.

FREI GIL.

Si me retiro,
Vós me ireis procurar, disso estou certo.

MARIANNA.

Pois quando eu procurar-vos, fallaremos.

FREI GIL.

Então talvez que seja inutilmente,
Que seja tarde, e o mal não tenha cura.

Uma vez dado o passo, o mundo inteiro
Não poderá valer-vos; nem eu mesmo
Me abrandarei co'o vosso inutil pranto.

MARIANNA. (Com vehemencia)

Que ides fazer, Senhor?

FREI GIL.

Oh! nada... nada...

MARIANNA.

Mas vós me ameaçais? Que mal hei feito?
Não basta já meu credito em perigo?
Quem vos tem visto entrar aqui tão tarde
Que hade de mim suppor?

FREI GIL.

Pois é mudar-vos.
Hontem offereci-vos uma casa,
E hoje reítéro a minha offerta.
Si aqui quereis ficar, ficai, sois livre,
Tambem vos não obrigo; mas lembrai-vos,
Que a vossa decisão é a sentença
Que se ha de executar em damno vosso,
E talvez de alguem mais . . .

LUCIA (assustada).

Que! isso é muito!
De alguem mais? Pois tambem eu entro nisso?

FREI GIL.

Quem te chamou aqui? Vai para dentro.
Mandai que esta criada se retire.

MARIANNA.

Não ha necessidade; é minha amiga.
Lucia, deixa-te estar.

LUCIA. (Pondo-se juncto de Marianna.)

Daqui não saio.
A menos que minha Ama não me ordene.

FREI GIL.

Tenho que vos fallar muito em segredo.

MARIANNA (pegando na mão de Lucia).

Eu não tenho segredos que lhe occulte.

LUCIA (beijando á mão de Marianna).

Que coração de Frade! O que quer elle?

FREI GIL (para Lucia).

Que te importa o que eu quero? Vai-te embora.
Si não sáis já daqui, eu te prometto
Que accusada serás do mesmo crime.

LUCIA.

Que diz elle, Senhora? eu criminosa!

MARIANNA.

Meu Deos! . . Meu Deos! . .

FREI GIL. (Para Lucia.)

Então! queres ouvir-me?

MARIANNA.

Mas, Senhor, vós não vedes a distancia
De uma mulher a um Religioso?
Que sinistra tenção nutris nessa alma?

FREI GIL.

Não ha mulher, nem ha Religioso,
Nem sinistra tenção; eu já vos dice,
Que vos quero fallar sem testemunha;
Não quero expor-me a dictos de criadas;
É segredo, repito; — e o tempo passa.

MARIANNA.

Valei-me, oh céos... Vai, Lucia, vai; mas olha;
Si me ouvires gritar, vem soccorrer-me.

(Retira-se Lucia, benzendo-se, e olhando para traz; Fr. Gil dá alguns passos, seguindo-a sempre com os olhos até que ella entre; Marianna sobresaltada, fica immovel.)

SCENA III.

FREI GIL (um pouco distante).

Escutai-me. (Indicando o meio da scena.)

MARIANNA. (Ficando no mesmo logar).

Eu vos ouço.

FREI GIL. (Com ar de exprobração.)

Ao menos hoje
Creio que estamos sós!..

MARIANNA.

Como estou sempre.

FREI GIL.

Não tanto assim, não tanto... hontem de noite
Tinheis um Cavalleiro ás vossas ordens!...
Eu louvo a vossa escolha, elle a merece;
Um para o outro vos fez a Natureza.

MARIANNA.

Senhor, que suspeitais?

FREI GIL. (Com ironia.)

Cousa nenhuma!..
Que posso eu suspeitar de uma Senhora,
Tão cheia de virtudes, tão severa,
Que treme á minha vista, e nem se atreve
A levantar a fronte, e olhar-me em face?
Mas que sabe salvar as apparencias,
Mancebos recebendo em sua casa
Com vestes de criado desfarçados!

MARIANNA.

Vós me calumniais.

FREI GIL.

Oh, que calumnia!
Foi sonho o que aqui vi; oh, sim, foi sonho.

MARIANNA.

E o conheceis? Sabeis que homem é esse,
Que assim me ousais fazer corar as faces?

FREI GIL.

Oh, não coreis! não é para isso o caso!
Não o conheço, não; mas attendendo
Á vossa alta virtude, e honestidade,
Deve ser vosso irmão, ou vosso primo.
Não é assim, Senhora?— Eu adivinho!

MARIANNA.

É tudo quanto tendes a dizer-me?

FREI GIL.

Ainda me resta intacto o meu segredo.

MARIANNA.

Pois acabai.

FREI GIL.

Não tenho muita pressa.

MARIANNA.

Tenho eu; que não devo dar-vos conta
Do que faço.

FREI GIL.

Vou já expor-vos tudo.
Mas dizei-me primeiro, si é possivel,
Como se chama aquelle moço de hontem,
Que me ousou insultar em vossa casa,
O braço levantar, e até ferir-me?
Sabeis qual é seu crime? Um sacrilegio!
Não tem perdão seu crime... Contra um Membro
Do Sancto Tribunal erguer o braço!!
Isto com testemunhas; vós bem vistes;
Sois complice tambem do mesmo crime.

MARIANNA.

E vós, Senhor, aqui porque viestes?
Que tinheis que fazer em minha casa?
Quem aqui vos chamou? quem vos conhece?

FREI GIL.

Não é essa a questão... Dizei seu nome?

MARIANNA.

Não sei.

FREI GIL.

Que! não sabeis! Ora essa é boa!
Pois recebeis em casa tanta gente,
Que os nomes não sabeis, nem um ao menos?
E então me perguntais porque motivo
Eu ousei aqui vir? Como si fosse

Necessario que vós me conhecesseis,
Para que eu me atrevesse a visitar-vos.

MARIANNA.

Vós me insultais, Senhor! A minha vida
Sem nódoa, não merece taes insultos.
Ninguem ha que se atreva a infamar-me;
Só vós, só vós, Senhor, sois o primeiro.

FREI GIL.

Ah! sou eu o primeiro! eu não sabia.
Pois praza a Deos que eu seja o derradeiro!
Mas deixemo-nos disso. Dai-me o nome
Que vos pedi.

MARIANNA. (Com pertinacia.)

Não sei.

FREI GIL.

Teimais inutil;
Dai-me o nome.

MARIANNA.

Não sei; já vos eu dice,
E repito outra vez; não sei seu nome.

FREI GIL.

Ah, quereis mo occultar! o Sancto-Officio
Ha de vos obrigar a confessal-o;
Então me fallareis de outra maneira,

Com menos altivez, com mais brandura.
Eu vos quero lá ver com esse orgulho
Responder: eu não sei, e tenho dito.
Veremos isso lá...

MARIANNA.

O Sancto-Officio,
Poderá contra mim armar seu braço;
Poderá empregar o ferro, o fogo,
A tortura, e os mais barbaros martyrios;
Mas não me ha de forçar a ser traidora;
Mais facil lhe será tirar-me a vida,
Que arrancar um segredo da minha alma.

FREI GIL.

Oh! Oh! Tanto valor me causa riso!

MARIANNA (com desprezo e indignação).

E eu creio, sim; co'uma alma como a vossa!

FREI GIL (fortemente).

Que dizeis? Oh, quereis luctar commigo!
Ah, não fôsseis mulher, que neste instante...

MARIANNA.

Neste instante estarieis de joelhos,
Pedindo-me perdão, si eu fosse um homem.
Cobarde!

FREI GIL.

Tanto orgulho já me irrita!

Eu quero, mulher louca, eu quero ver-vos
No Sancto Tribunal com esse orgulho.

MARIANNA.

Vós me não conheceis; eu vos desculpo.
Sou louca, sou mulher, fraca, sem armas;
Mas quando uma mulher teima e resiste,
Quando a virtude lhe vigora o peito,
Forças lhe dá o céo, nada ha que a vença.
Pela ultima vez, Senhor, vos digo,
Podeis me ir accusar ao Sancto-Officio;
Ide já, ide já: — eu aqui fico;
Ou si quereis levar-me, eia partamos.
Ao grande Inquisidor direi sem medo
O que vos dice já: não sei seu nome.
Poderão arrancar-me a propria lingua,
Cortar-me os labios, retalhar-me o peito:
Mas não desmentirei minha constancia.
Deos me verá gemer; em Deos confio
Que nessa occasião me dará forças
Para soffrer a prova do martyrio,
Sem arrastar á morte um innocente,
Para salvar-me á custa de seu sangue.

FREI GIL.

Um innocente! — E vós cuidais salval-o?
Cuidais que eu nada sei! que estou dormindo?
Que não sei quem é elle? que preciso

Que vós o accuseis? — O que eu queria
Era vos humilhar, era vingar-me.
Assaz vingado estou, mulher suberba!
Era Antonio José quem aqui stava.

MARIANNA (cheia de espanto e perturbada).

Elle? . . .

FREI GIL.

Antonio José, sim, elle mesmo!
Ah! cuidavas então que eu não sabia?
Sim, é esse Judeo refugiado
No palacio do Conde de Ericeira,
Que cuida que ninguem mais o conhece,
Porque anda co'a libré desse fidalgo.
Não, não ha de escapar, eu vos prometto;
O Judeo hoje mesmo ha de ser preso.

(Marianna ouve este discurso na maior agitação, tremula e como sem sentidos cai de joelhos aos pés do Frade, soluçando; depois de dizer o 1.º verso, segura com as duas mãos no braço de Frei Gil, este a afasta de si, marchando para o outro lado da scena; Marianna sem o largar é levada de rastos.)

MARIANNA.

Basta, basta, Senhor! estais vingado.
Por Deos, por Deos; deixai o desgraçado;
Sim, vingai-vos de mim; tudo mereço,
Mas que mal vos fez elle?

FREI GIL.

Elle é a causa
Da maneira por que me haveis tratado.

MARIANNA.

Não, Senhor, não é elle; o céo me escuta.
Perdoai, perdoai minha ousadia.

FREI GIL.

Já me pedis perdão?

MARIANNA.

Tudo por elle.
Nada quero por mim senão a morte,
Si vós m'a quereis dar.

FREI GIL.

Por elle nada,
Por vós tudo eu faria, si quizesseis;
Porêm vós não quereis; sois orgulhosa.

MARIANNA.

Orgulhosa, Senhor? e estou prostrada
Pedindo a vossos pés! Si fui suberba
Não me vedes bastante arrependida!

FREI GIL (transportado de alegria).

Marianna arrependida!... Oh! levantai-vos.

(Frei Gil ajuda Marianna a levantar-se, e tanto que ella se levanta, elle com uma mão segurando n'uma das de Marianna, com a outra passa sobre o braço como alisando-lhe a pelle.)

Levantai-vos, Marianna, vinde, vinde;
Estais arrependida! — Oh que alegria
Me banha o coração! Minha alma vôa;
Nem posso sustentar-me. Oh, si soubesseis
Que prazer me causais neste momento!
Eu tudo vos perdôo; e me arrependo
De vos haver tratado com dureza.
Perdoai-me tambem; vós perdoais-me? (Como ajoelhando-se, mas não de todo.)
Não é assim? dizei. De vossos labios
Quero ouvir meu perdão; essa voz doce,
Que me faz palpitar de amor o peito.
Vinde, cara Marianna; eu vos adoro.
Abraçai-me.

(Quer abraçal-a, Marianna o empurra, marchando para o outro lado cheia de horror, tendo ouvido todo o discurso do Frade immovel e estupefacta.)

MARIANNA.

Que horror! monstro, deixai-me.

FREI GIL (indo para ella).

Marianna, que fazeis! por piedade.

(Marianna corre de novo furiosa para o lado do Oratorio, sóbe sobre genuflexorio, pousa uma mão sobre o Oratorio, tendo o outro braço estendido; Frei Gil a segura pelo braço, puxando-a.)

MARIANNA.

Meu Deos, Meu Deos, livrai-me deste monstro.

FREI GIL.

Quereis zombar commigo, mulher perfida!

MARIANNA (caindo de joelhos).

Ai!!!

SCENA IV.

OS MESMOS E LUCIA.

LUCIA (olhando para o Frade que está tremendo de colera).

Em nome de Deos eu te esconjuro,
Si és o demonio com figura humana.

FREI GIL (chega-se para Marianna, que está nos braços de Lucia, olha, e sai n'um transporte de desesperação).

Oh, que fado é o meu! tudo me odeia.

SCENA V.

MARIANNA E LUCIA.

LUCIA.

Meu Deos, que hei de fazer? si ella aqui morre!
Oh Senhora Marianna!... Ella não falla!..

Como está fria!.. As mãos estão geladas!..
Que suor... Como está tão desmaiada!..
Palpita o coração! Ah não stá morta...
E eu sozinha... Como hei de soccorrel-a?
Deixal-a, e ir buscar algum remedio...
Não... já sei, eu vou pôl-a sobre a cama.

(Levanta-se com Marianna suspensa nos braços, e a vai levando devagar, indo ella de costas, de modo que Marianna, que vai com os pés arrastando, fique de frente; tendo dado alguns passos, Marianna firma os pés, levantando um braço, como acordando do desmaio; com este movimento Lucia cessa de andar, tendo-a sempre nos braços, até que Marianna lentamente torne a sí, e leva ambas as mãos aos olhos, para não ver a luz que lhe faz mal.)

MARIANNA.

Que clarão repentino!... Oh que fraqueza...
Volteia-me a cabeça... a casa... Lucia...

LUCIA.

Senhora, eu aqui stou. (Dá com ella alguns passos para diante.)

MARIANNA.

Dai-me a cadeira...
Que afflicção.

(Assentando-se; Lucia fica de um lado pondo um braço sobre as costas da cadeira, de modo que Marianna recline a cabeça sobre o braço d'ella.)

LUCIA.

O que tem, minha Senhora?

MARIANNA (pondo uma mão na testa).

Ai de mim!... a cabeça se espedaça.
Os cabellos me espinham... Ai! que é isto? (Dizendo ai, sente um forte tremor, como um arrepiamento geral, levantando os braços convulsivamente.)
Eu toda me arrepio! Oh! (Levantando-se repentinamente.)

LUCIA.

Senhora!
O que é? O que tendes?

(Marianna horrorisada olha fixamente, como vendo alguma causa, e aponta com o dedo, com o braço estendido, e soluçando quer fallar e não pode; depois de ficar por algum tempo nesta posição, grita com voz rouca e tremula)

MARIANNA.

Sombra horrivel!
Fugi; deixai-me em paz... deixai-me, oh sombra! (Empurrando com as mãos, e recuando, como si alguem a quizesse segurar).
Não mais; não mais; deixai-me. Oh Deos! salvai-me. (Corre, e ajoelha-se diante do Oratorio.)

LUCIA (levantando as mãos para o céo).

Noite de horror!... Oh Deos! que tenho visto!

MARIANNA.

Eis-me aqui miseranda; eis-me prostrada
A vossos pés, Senhor! Compadecei-vos
De uma fraca mulher. Ai! já me faltam
Forças para soffrer um mal tão grande.
É certa minha morte . . . Mas ao menos
Quero morrer, Senhor, na vossa graça.

SCENA VI.

MARIANNA, LUCIA E ANTONIO JOSÉ.

LUCIA (com transporte).

Vinde, vinde . . .

MARIANNA.

Quem é?

ANTONIO JOSÉ.

Sou eu, Marianna.

MARIANNA (correndo para elle).

Vós! . . Antonio José! O que fizestes?
Senhor, o que fizestes? — Que tormento!
Vindes buscar a morte nesta casa?

ANTONIO JOSÉ.

Como assim? que traidor aqui me aguarda?
Quem é? dize, onde está? falla, Marianna.

MARIANNA.

Ah, Senhor, nem valor tenho para isso,
Tão perto vejo o meu e o vosso damno.

ANTONIO JOSÉ.

O que ha de novo então?

MARIANNA.

Tudo se sabe.

Frei Gil . . .

ANTONIO JOSÉ.

Que! vi-o ha pouco, daqui perto;

Mas não me conhecêo.

MARIANNA.

Daqui saía.

(Antonio José assusta-se e fica suspenso.)

Acreditai, Senhor, tudo elle sabe;

Como andais, onde estais; talvez vos visse,

E fingisse que não vos conhecia,

Para melhor executar seu plano.

Elle aqui esteve; aqui esse malvado

Ousou . . . nem dizer posso.

ANTONIO JOSÉ.

Eu já percebo

Qual é sua intenção. Emfim, Marianna,

Convem tudo dizer-te. Brevemente

Sai do Porto um navio para a Hollanda;

N'elle tomo passagem. Lá seguro

Posso acabar os restos de meus dias.

Tenho cartas para Haya; o Conde mesmo

Foi quem tudo dispoz. Eu fui á casa,
Aproveitando a noite, e vim dizer-te
O derradeiro adeos . . . Porêm, Marianna,
Não posso aqui deixar-te, só, exposta
Á vingança cruel do Sancto-Officio.
Tenho pensado bem: eu só não parto.
Vem commigo.

MARIANNA.

Senhor, como é possivel?
Que vou eu lá fazer em terra estranha?

ANTONIO JOSÉ.

Ou ambos escapar, ou morrer ambos.
Outro meio não ha!

LUCIA.

E eu, Senhora?
O que ha de ser de mim? Ninguem se lembra
Da malfada Lucia.

MARIANNA (apertando a mão de Lucia).

Estamos junctas.

ANTONIO JOSÉ.

Então, nada respondes? Não decides?

MARIANNA.

Salvai-vos, vós, Senhor; deixai que eu morra.

ANTONIO JOSÉ.

Não, não parto sem ti. Minha Marianna.

Vamos junctos viver. Em qualquer parte
Onde a sorte levar-nos, eu prometto
De nunca te deixar; e si a amizade
Até hoje ligou-nos; si a desgraça
Nos aperta este laço; inseparaveis
Devemos sempre ser; sim, viviremos
Um para o outro; sim, tu serás minha,
Tu serás minha esposa; o céo me escuta.
Eis aqui minha mão (segura na mão de Marianna).

MARIANNA.

Eu vossa esposa!
Oh Senhor!..

ANTONIO JOSÉ.

Tomo Deos por testemunha,
Juro morrer por ti, ser teu consorte.
Sim, abraça-me, vem, cara Marianna (abraçam-se com transporte, Lucia chora de ternura).
Só pode agora a morte separar-nos.
(Ouve-se um grande tropel.)

MARIANNA.

Que rumor!..

ANTONIO JOSÉ.

Que será?

LUCIA (correndo para Marianna).

Fugi.

SCENA VII.

OS MESMOS E FREI GIL.

(Familiares do Sancto Officio, e Soldados, que entram repentinamente.)

FREI GIL.

Da parte

Do Sancto Tribunal.

(Os Familiares se apoderam de Antonio José, que corre para Marianna, como para abraçal-a, mas elles o impedem; entretando frei Gil se apresenta diante de Marianna, que convulsa e horrorisada mal o vê, e ouvindo aquellas palavras, grita.)

MARIANNA.

Ai!..

(E cai por terra. Lucia se ajoelha ao pé do seu corpo, cobrindo co'as mãos os olhos, debruça-se sobre elle. Antonio José, seguro pelos braços, dobra os joelhos, lançando o corpo e a cabeça para diante, e procura com os olhos certificar-se do estado de Marianna.)

ANTONIO JOSÉ.

Está morta!..

(Firmando-se repentinamente, e fazendo um forte movimento com todo o corpo, grita.)

Que eu não possa vingar a sua morte!..

(Aqui os Familliares o puxam, e o levam de rastos. Frei Gil desde que Marianna cai, fica estupefacto, com os olhos fixos no céo; assim termina o acto.)

ACTO QUINTO.

Vista do carcere do Sancto-Officio; uma escada no fundo. Antonio José deitado no chão sobre palhas, preso por uma corrente á pilastra que no meio da scena sustenta a abobada do carcere; um candieiro aceso, e um pote de agua.

SCENA I.

ANTONIO JOSE (fazendo um esforço para levantar a cabeça, olha para todos os lados, e firmando o cotovelo no cepo, que lhe serve de travesseiro, pousa a cabeça na mão, e com voz debil começa a fallar.)

É dia, ou noite?... O sol talvez já brilhe
Fóra desta masmorra... A natureza
Talvez cheia de vida e de alegria
O hymno da manhã entôe agora!
Mas para mim fechou-se o mundo, e o dia...
Para o mundo morri... Minha existencia
Já não conto por dias; sim por dores!
Nesta perpetua noite sepultado,
É meu unico sol esta candeia
Pallida e triste como a luz dos mortos.

Diante de meus olhos sempre accesa
Para tingir de horror este sepulchro.
Seu vapor pestilente respirando,
Vejo correr meus ultimos instantes
Como esse fumo negro, que ella exhala,
E em confusos novellos se evapora.
Para mim já não sôa voz humana!
Só perturba o silencio deste carcere
O ferrolho que corre, e a dura porta,
Que em horas dadas se abre ao carcereiro.
Por musica contínua esta corrente,
Que retine, e chocalha em meus ouvidos,
E de negros vergões me crava o corpo...
Si eu podesse dormir — um somno ao menos
Livre destas cadeias! — porêm como,
Tendo por cabeceira um duro cepo,
Este chão frio e humido por leito,
E palhas por lençol! — E porque causa?
Por uma opinião, por uma idéa
Que minha mãe herdou de seus maiores,
E a transmittio ao filho! — E sou culpado!..
É possivel que os homens tão máos sejam,
Que como um fero tigre assim me tratem
Por uma idéa occulta de minha alma?
Porque em vez de seguir a lei de Christo,
Sigo a lei de Moysés!.. Mas quando, quando
Esse Deos homem, morto no calvario,

Prégou no mundo leis de fogo e sangue?
Quando, na cruz suspenso, dêo aos homens
O poder de vingar a sua morte?
Que direitos teem elles, que justiça,
Mesmo por sua lei, de perseguir-nos?...
Oh que infamia! Assim é que elles entendem
Do seu legislador os mandamentos!
Leis de amor, convertidas em leis de odio!
E são elles christãos!... E assim manchando
O nome de seu Deos, ousam mostrar-se
Á face do Universo, revestidos
De sagradas insignias; profanando
Os Templos, que deviam esmagal-os!
E se inculcam de Deos Sanctos Ministros!
Oh céos, que horror! que atroz hypocrisia!

(Depois de um momento de pausa, esforçando-se para mudar de posição, tinem as cadeias; fica apoiado sobre o braço, com a mão no chão, e com a outra levantada e segurando na cadeia, que o prende á pilastra).

Ai... já não posso... Dóe-me o corpo todo.
Como tenho este braço. (Tomando uma larga respiração.)
O ar me falta...
Creio que morrerei nesta masmorra
De fraqueza e tormento... O meu cadaver
Será queimado, e a cinzas reduzido!
Oh, que irrisão!.. Quão vís são esses homens!

Como abutres os mortos despedaçam
Para fartar seu odio, quando a vida
De suas tristes victimas se escapa! (Com indignação.)
Não, eu não fugirei á vossa raiva,
Não mancharei meus dias derradeiros
Arrancando-me a vida; não, malvados,
Assás tenho valor para insultar-vos
De cima da fogueira. A minha morte
Quero que sobre vós toda recáia.

(Um momento de pausa; abaixa a cabeça como absorvido em algum pensamento e sacudindo-a, diz com voz baixa e compassada.)

Morrer... morrer... Quem sabe o que é a morte?..
Porto de salvamento... ou de naufragio!...
E a vida?.. um sonho n'um baixel sem leme...
Sonhos entremeados de outros sonhos,
Prazer, que em dôr começa, e em dôr acaba.
O que foi minha vida, e o que é agora?
Uma masmorra alumiada apenas,
Onde tudo se vê confusamente,
Onde a escassez da luz o horror augmenta,
E interrompe o recondito mysterio.
Eis o que é vida!.. Mal que a luz se extingue,
O horror e a confusão desapparecem,
O palacio e a masmorra se confundem,
Completa-se o mysterio... Eis o que é morte.
E minha alma?.. essa em mim existe agora

Como eu nesta masmorra esclarecida;
Vai-se a vida, e minha alma será livre,
De Deos receberá novos destinos,
Ou irá repousar na eternidade.

(Ouve-se o ruido do ferrolho que corre na porta que fica no alto da escada. Antonio José experimenta uma commoção repentina.)

Oh meu Deos!..quem será? Estou tão fraco
Que o menor movimento me apavora!

(Faz deligencia para ver quem vem; entretando frei Gil com um capuz que lhe cobre a cabeça e a cara, e cai em ponta sobre o peito, e apenas com dous buracos diante dos olhos, apparece no alto da escada, com um archote na mão, e lentamente desce; chegando á scena, crava o archote no chão, e ajoelha-se humildemente, levantando as mãos para o céo. Antonio José o contempla com pasmo.)

SCENA II.

ANTONIO JOSÉ E FREI GIL.

FREI GIL.

Senhor, o vosso servo humilde implora
A vossa protecção. Eis o momento
Que de mais caridade necessito,
Para poder domar o meu orgulho
E completar a minha penitencia.
Que seja esta masmorra o meu refugio

Onde humanas paixões entrar não ousem,
Onde eu, só pela dôr christã guiado,
Dos meus crimes passados me recorde;
Soffra todo o tormento dos remorsos,
E no excesso da dôr me purifique.
Senhor, Senhor, ouvi ardentes preces
Que hoje minha alma exhala arrependida. (Levanta-se.)

ANTONIO JOSÉ.

O logar é propicio á penitencia:
De certo que melhor não acharieis.

FREI GIL.

Propicio é o logar, sim; mas ás vezes
O coração humano é tão rebelde,
Tão pesado de vicios, que resiste
Á voz terrivel da verdade eterna,
Que tão alto resôa na masmorra,
No retiro do claustro, e em erma gruta.

ANTONIO JOSÉ.

A paixão mais insana, e mais fogosa
Quebra-se ante o rochedo da vontade;
Basta um desejo ardente e esclarecido
Para domar o peito: e uma Fé pura
Para que Deos perdôe.

FREI GIL.

Assim o creio;
E ouvindo-vos fallar dessa maneira
Exulto de prazer. Sim, Deos perdôa;
Mas os homens acaso nos perdoam
As offensas, e o mal que lhes fazemos?

ANTONIO JOSÉ.

E que importa que os homens não perdoem?
Diante do Senhor os homens todos
São réos, e como réos serão julgados,
E nenhum poderá julgar ao outro.
Si aquelle que só lê no livro occulto
Da nossa consciencia nos absolve,
Quem terá o poder de criminar-nos?

FREI GIL.

Porque não sois christão! Si a luz de Christo
Tivesse esclarecido a vossa crença,
Mais humanos discursos verterieis.
Os juizos de Deos são infalliveis;
Mas Deos julga no céo, na terra os homens;
E o Christo do Senhor, na cruz morrendo,
Perdoou, para que os homens perdoassem.
Nós pedimos a Deos que nos perdoe,
Como nós perdoamos; si elle outorga
As graças que diurnas lhe pedimos,

É por que os homens, seus amados filhos,
Vivam na terra em paz, em harmonia,
E as fraquezas do proximo desculpem.

ANTONIO JOSÉ.

Divina unção respira esse discurso;
Mas, Padre, vosso manto me revela,
Que vossa ordem profana a lei de Christo.
Vosso claustro de sangue está manchado;
Mora n'elle a trahição, o odio, a vingança;
D'elle fugio a fé, e a piedade.
Ide prégar no vosso mesmo claustro
As virtudes christãs. Si sois culpado,
Si arrependido estais dos vossos erros,
Será esta uma boa penitencia.

FREI GIL.

Vós o ouvis, oh meu Deos! tudo mereço.

ANTONIO JOSÉ.

Si desejais ser-me util neste instante,
Dai-me a mão, ajudai a levantar-me.

(Frei Gil lhe dá a mão, e Antonio José levanta-se, ficando apoiado por algum tempo sobre o hombro do Religioso.)

Ai... Eu vos agradeço... Já me custa
O peso supportar destas cadeias.
Muito tenho soffrido!

FREI GIL.

Brevemente
Recobrareis inteira liberdade.

ANTONIO JOSÉ (interrompendo-o vivamente).

Que dizeis? liberdade! Não, não creio;
Nem sonhando a esperança me consola.
Fagueira liberdade! ah, si eu podesse
Lançar-me inda em teus braços; ver de novo
O mundo que eu perdi, e como a Phenix
Renascida das suas proprias cinzas
Cantar minha victoria, e ver em sonhos
A masmorra, como hoje vejo o mundo!..
Mas que digo? Que tenho que ver n'elle?
Oh Marianna!.. onde estás? tu me deixaste;
E uma lagrima ao menos não me é dado
Derramar sobre a tua sepultura...
Não irei perturbar as tuas cinzas
Co'os meus tristes gemidos... Não, Marianna,
Não ficarei mais tempo sobre a terra:
Breve irei ver-te. — Ah, goza a paz eterna;
Goza, que eu me preparo para a morte...

FREI GIL.

A morte desejais?

ANTONIO JOSE.

Ah, venha a morte;
É só o bem que espero.

FREI GIL.

Mas vossa alma
Não deseja outro bem?

ANTONIO JOSÉ.

A eternidade!

FREI GIL.

E não temeis o tribunal eterno?

ANTONIO JOSÉ.

Deos é grande! e minha alma sai do mundo
Assás martyrisada pelos homens.
É em nome de Deos que eu soffro a morte;
E ainda não manchei o sacrificio,
Contra seu sancto nome blasfemando.
Co'o labéo de Judeo, com que me infamam,
Fica minha memoria nodoada.
A minha geração erra proscripta
Sobre os pontos da terra, e quando cuida
Achar occulto asylo onde repouse,
Encontra a maldição dos outros homens.
O Deos a quem meus pais sempre adoraram
É o Deos que eu adoro, e por quem morro.
Elle me ha de julgar.

FREI GIL.

E Jesus Christo?

ANTONIO JOSÉ.

E sancta a sua lei; assim os homens,
Por quem elle morrêo, a respeitassem.
Quem adora a um só Deos, e cumpre á risca
O triplice dever que elle nos marca
Em relação a sí, ao céo, e aos homens,
Nada póde temer.

FREI GIL.

Não mais vos canço;
Quereis morrer na lei em que nascestes,
Eu morrerei na minha; e Deos nos julgue
Com aquella infinita piedade
Que merecem tão fracas criaturas.
Mas, Antonio José, eu vos imploro,
Para salvar uma alma arrependida,
Uma só graça.

ANTONIO JOSÉ.

A mim? que fazer posso?

FREI GIL.

Tudo para applacar os meus remorsos,
E dar um lenitivo á consciencia,
Que sem cessar me exprobra, e me condemna.

ANTONIO JOSÉ.

Quem sois vós?

FREI GIL.

Um perverso, um criminoso

Diante do Senhor, e ante meus olhos,
E indigno do perdão que ouso implorar-vos.
Eu perturbei a vossa paz terrestre;
Arranquei-vos do mundo, e sepultei-vos
Nesta escura masmorra. . .assassinei-vos!
Fui eu. . . que horror!. . eu mesmo. Oh, Marianna!

(Levantando as mãos para o céo.)

ANTONIO JOSÉ (cheio de pasmo como duvidoso do que frei Gil lhe vai dizer).

Marianna!

FREI GIL.

Já não vive. . .

ANTONIO JOSÉ (ouvindo estas palavras, deixa cahir os braços sem força, e levanta os olhos para o céo; tremulo e soluçando, ergue depois os braços, e cobre o rosto com as mãos, e com ellas limpa as lagrimas, repetindo com voz chorosa).

Já não vive!. .
Minha cara Marianna!. . Eu já sabia. . .
Eu mesmo a vi cahir. . . Em vão tentava
Duvidar de meus olhos. . . Dessa lucta
Ao menos na incerteza vislumbrava
Uma esperança vaga. . . Eu me dizia,
Que talvez o terror me fascinasse. . .
Que um desmaio talvez. . . Porêm meus olhos
Assás me desmentiam. . . Sua imagem

Sem côr, sem vida, e sobre a terra immovel,
Para me exasperar se me antolhava...
O seu ultimo ai... seu ai de morte,
Grito horrivel da dôr, que o nó rompía
Entre sua alma e o corpo, de contínuo
Retumbava nos seios de minha alma...
Oh! porque não morri nessa hora horrenda,
Minha cara Marianna!.. Ah, si a incerteza,
Essa incerteza van, que eu só criava,
Com que eu só me illudia, era um abutre
Que o peito me roía lentamente;
Esta horrivel certeza de um só golpe
Me espedaça, e me extingue o sentimento...
Eis os bens que eu tão louco imaginava
No que emfim acabaram!.. Oh, Marianna!
E eu sou, oh dôr!.. de tua morte a causa!

(Cobre os olhos com as mãos, e assenta-se sobre o cepo.)

FREI GIL (horrorisado).

Ah, vingai-vos, oh céos, de mim vingai-vos!..
E eu fui que perpetrei tão negro crime?
Eu mesmo?—Oh, tenho horror de minha sombra!..
Não mais... não mais me occulto a vossos olhos...

(Dizendo isto arranca o capuz que lhe cobria o rosto, e se mostra pallido com os cabellos arripiados.)

Eis o crime pintado em meu semblante!

(Antonio José levanta-se repentinamente fazendo, ao mesmo tempo um movimento de horror.)

Eis, emfim, quem eu sou... Voltais o rosto?...
Tendes horror de mim? oh, sim, é justo...
Eu fui o vosso algoz... Senhor, vingai-vos,
Sim vingai-vos, Senhor; anniquilai-me
Com insultos... cobri-me de ignominia...
Mas vós nada dizeis?.. Esse silencio,
Esse silencio horrivel mais me infama...
Mais me exacerba a dôr... Crueis remorsos!
Despedaçai esta alma criminosa!
Não me poupeis... ah não...assassinai-me,
Como eu assassinei-a... Inferno! inferno!
Tu stás dentro de mim... ah, devorai-me...
Mas que silencio!.. tudo me abandona...
Tudo foge de mim...horrorisado...
E estas muralhas sobre mim não caiem!..
Ah...fujamos daqui... Assás vingada,
Assás vingada estais co'os meus remorsos...

(Foge furioso para o fundo da scena, quer subir a escada, porêm cego e no delirio tropeça e rola, e tonto trabalha para levantar-se, Antonio José entretanto quer dar alguns passos para segural-o, porêm é retido pela cadeia, e para não cahir segura-se á pilastra.)

ANTONIO JOSÉ (cheio de piedade).

Basta, basta!.. Si estais arrependido,
Si vossa dôr é plena, recordai-vos
Do que dice o Senhor: „De seus peccados
„Não mais me lembrarei, tudo perdôo;

„Porque eu do peccador não quero a morte,
„Mas sim que se converta, e que elle viva".

FREI GIL (ajoelhando-se).

Oh Palavras de Deos! ellas derramam
Na minha dôr um balsamo suave...
Eu não mereço tanto... Mas ditoso
Quem escuta, Senhor, vossas palavras
Nos dias de afflicção, e de amargura!
Ah, possam ellas inflammar minha alma
De fé, e de esperança; e os meus remorsos
Purificar a nódoa do peccado;
E como um doce orvalho saciar-me
Neste ardor, com que o crime me devora!...
Oh, Marianna! do céo onde desfructas
A palma do martyrio, e a paz dos justos,
Meu perdão condoída pronuncía

ANTONIO JOSÉ.

A força me abandona... Em vão tentara
Blasfemar, e exprobar-vos; neste instante
Minha alma se dilata, e a voz do mundo,
A voz da indignação morre em meus labios..
Oh, não sei que prazer nunca sentido
Me abala os ossos, e me inunda o peito.
Só vejo um penitente arrependido,

E ante mim o Senhor me diz: perdoa,
Mortal, perdoa; é teu irmão... Ah vinde.

(Para Frei Gil.)

Não vos aggravo a culpa... O vosso indulto
Recebei em meus braços.

(Frei Gil, chorando de prazer, atira-se nos braços de Antonio José. Ouvem-se algumas badaladas de sino, e um rufo de tambor, e os dous separam-se assustados.)

FREI GIL.

Céos! que escuto!

ANTONIO JOSÉ.

É talvez o signal da minha morte...

FREI GIL.

Senhor!...

ANTONIO JOSÉ.

Não receeis; dizei...

FREI GIL (soluçando).

Não ouso...

ANTONIO JOSÉ.

Eu entendo... é minha hora derradeira...
Bem... não tenho pavor... estou tranquillo...
Vós me servis de amigo... em vós confio...
Um só favor vos peço; prometteis-me
De o fazer?

FREI GIL.

Ordenai-me, eu vos prometto.

ANTONIO JOSÉ (tirando do bolço uma boceta de ouro).

Meus bens devem ser todos confiscados,
Vós o sabeis, não posso dispor d'elles;
Mas escapou-me ainda uma boceta,
Que eu trouxe do Brasil; foi um presente
De minha mãe, quando eu deixei a Patria.
Meu pai servio-se d'ella em sua vida.
(Dizendo isto, beija a boceta.)
Eil-a... inutil me foi nesta masmorra.
Dai á Lucia, que a venda, ou que a conserve;
A essa pobre Lucia, que nem mesmo
Sei onde hoje estará.

FREI GIL.

Na eternidade.

ANTONIO JOSÉ (surpreso).

Lucia!.. morréo?.. coitada...

GREI GIL.

Poucos dias
Sobrevivêo á morte de sua Ama.

ANTONIO JOSÉ.

Pobre Lucia... Pois bem, ficai com ella;
Si a recuzais, vendei-a, e dai esmolas

Aos pobres... Outra graça ouso pedir-vos:
Vós ireis ver o Conde de Ericeira,
Dizei-lhe que fui sempre seu amigo,
E que antes de morrer me lembrei d'elle,
E grato me mostrei aos seus favores.
Em meu nome pedi-lhe que elle queime
Alguns toscos, inuteis manuscriptos,
Que em suas mãos deixei.

FREI GIL.

Oh Providencia!
Em nuncio de desgraças me convertes!

ANTONIO JOSÉ.

Que dizeis?..

FREI GIL.

Oh, Senhor, poupai-me ao menos
Desta vez; não queirais saber o resto.

ANTONIO JOSÉ.

Que!... o Conde morrêo?.. Oh, por piedade
Dizei, dizei que não... tranquillizai-me...

FREI GIL (com voz funebre).

Eu entoei o cantico dos mortos
Na sua sepultura!

ANTONIO JOSE.

Oh!...

(E cai assentado sobre o cepo, mergulhado n'uma profunda dôr; depois de um momento de concentração, diz.)

Tabem elle!...
Morreram todos... Todos... E ainda vivo!
Eu tambem vou morrer... E n'um só dia
Tantos golpes recebo... e tantas mortes...

(Ouve-se o estrondo do ferrolho que corre, a porta de cima da escada se abre, descem alguns homens com brandões accesos, outros ficam nos degráos; um delles grita de cima.)

Antonio José!..

FREI GIL.

Deos!

(Antonio José sem dar accordo do que se passa, fica immovel no mesmo logar: um homem que traz os vestuarios da pena de fogo * se aproxima, tira-lhe a cadeia, e o veste, sem que elle offereça a menor resistencia; depois de vestido, o puxam pelo braço para que marche; então elle como si saisse de um lethargo, examinando com os olhos o que se passa em torno de si, apalpando o corpo e a cabeça, exclama com uma especie de riso de desesperação.)

ANTONIO JOSÉ.

Oh! felizmente!..
Vou saudar o meu dia derradeiro
De cima da fogueira... A dôr da morte
Não me fará tremer... Neste momento
Sinto todo o vigor da mocidade
Gyrar em minhas veias... Deos ouvio-me,
E de minhas miserias condoêo-se!..
Eu victima vou ser no altar de fogo,
E entre a fumaça de meu corpo em cinzas,

* Este vestuario consiste em uma carocha, ou mitra de papel pintado, e o sambenito; cujos desenhos se podem ver nas obras sobre a Inquisição.

Minha alma se erguerá como um aroma
Puro do sacrificio á Eternidade!...
Recebei-a, Senhor! — Eia, partamos!
Adeos, masmorra! oh mundo! adeos, oh sonho!

(Marcha intrepido, e sóbe as escadas; Frei Gil cobre a cabeça com as mãos, e encosta-se á pilastra. Ouve-se o cantico funebre, um rufo de tambores e pancadas de sino; desce o panno)

OLGIATO.

TRAGEDIA

EM CINCO ACTOS.

ELOGIO.

POR OCCASIÃO DA RESTAURARÃO E ABERTURA DO THEATRO DE S. PEDRO DE ALCANTARA, DO RIO DE JANEIRO, NO FAUSTOSO DIA 7 DE SEPTEMBRO DE 1839, ANNIVERSARIO DA INDEPENDENCIA DO BRASIL; RECITADO PELA NOVA ACTRIZ MARIA DA GLORIA VIEIRA.

Adornado com pompa jámais vista,
De novo se ergue o majestoso Alcáçar,
Por doricas columnas sustentado.
D'entre o pó, que o desleixo semeára,
De novo as Artes florescentes surgem,
Para saudar com jubilosos hymnos
O Dia do Brasil, da terra nossa.
Salve, oh Dia da Patria!... Egregio Dia!
Oh Sete de Septembro! Nunca o olvido
Extinguir poderá tua memoria.

O echo da Voz Forte inda resôa
Nas ferteis margens do sereno rio,
Que a imagem reflectio, banhou os labios
Daquelle que bradou: — Independencia!
Ainda resôa a voz da liberdade,
E nunca deixará de ser ouvida.

Qual se diz que de Orphêo a doce lyra
Homens, brutos, e pedras attrahia,
Assim um Povo inteiro, ao mago accento,
Os ferros sacudindo, alçou a fronte,
E ao Mundo se ostentou unido — e livre.
Mas ah! e quem sou eu, timida joven,
Para agora prestar meu debil orgam
A um canto digno de canoras aves,
Mais affeitas á luz do ethéreo campo?
Eu, que devêra só pedir indulto
Pelo primeiro vôo mal seguro,
Venho orgulhosa recordar taes feitos,
Que n'alma embebem sancto enthusiasmo!...
Ah! não importa... valha-me este Dia,
Valha-me o grande amor que aqui me arrasta,
E mais que tudo valha-me o Monarcha,
Cujo angelico rosto me proteje,
Entre as duas Estrellas que o ladêam.

E vós, concidadãos, vós bello sexo!
Á vista das riquezas que vos cercam,
Destas obras do Genio, das sublimes
Producções do Pincel*, que vos dá gloria,
Desculpai este unico defeito,
Esta flor murcha n'um jardim viçoso.

* Allude á pintura do Theatro, dirigida e executada pelo Sr. M. de A. Porto-Alegre.

Olhai, tudo é por vós quanto aqui vedes!
Por vós deram-se as mãos homens briosos,
E offrecendo seus bens, suas fadigas,
Co' a protecção da Patria, restauraram
Este templo das artes, onde as musas
Enfeitam a Moral co'os seus encantos.
Franqueadas estão da gloria as portas!..
Venham agora os predilectos filhos,
Interpretes sublimes dos segredos
Das humanas paixões; esses que o fogo
Da sancta inspiração não prostituem
Ante o altar do vicio, ou da lisonja;
E, fieis á missão por Deos imposta,
Por entre os guinchos de agoureiras aves,
Ovantes sobem da memoria ao templo;
Venham elles agora, cubiçosos
De ser no patrio ninho celebrados,
Dar ao Brasil Corneilles e Racines.
Não só das longes, europêas plagas
Celebrem-se entre nós d'arte os primores;
Não se diga — que só a Natureza
É grande no Brasil, que é nada o homem.
A Patria por vós chama; — vinde, oh Vates!
Vinde, oh Genios, honrar a terra nossa!
Fuja a discordia e o odio; de nós fuja
Essa inveja mordaz, que tudo estraga;
Essa inveja que róe, não edifica;

Essa inveja que impede que se louve
O merito e a virtude, e é qual verme
Que corta o grelo da nascente planta,
Que devêra brotar gostosos fructos.
Ah! não vistes o sol deste aureo Dia?!...
Pois por elle nós hoje vos pedimos
Que não negueis á Patria o genio vosso.

Magnanimo Senhor! Vida e Sanctelmo
Desta Náo que vacilla na tormenta!
Oh Anjo Protector, nossa esperança!
Que futuro de gloria vos aguarda!
De vós está pendente a nossa dita;
Co' uma palavra vossa, co'um sorriso
Podeis dar ao Brasil o que os Pericles
Deram á Grecia, os Médicis á Italia,
E o décimo Leão á sabia Roma!
Erga-se e brilhe vosso augusto nome
Acima desses que apregôa a fama.
Regai, Senhor, regai este terreno,
Que o céo abençoou. — Não faltam flores
Para esmalte do vosso excelso throno,
Só falta a protecção do vosso Braço.
Forçai que vos proclame o Mundo inteiro
— O Salvador do Imperio Brasileiro.

Á MEMORIA

DE MEU RESPEITAVEL PAI

PEDRO GONSALVES DE MAGALHAENS CHAVES,

SUA ALMA SUBIO A DEOS

EM 12 DE OITUBRO DE 1841,

VIVEO ENTRE OS HOMENS 86 ANNOS E 6 DIAS

DEIXOU A SEUS FILHOS

EXEMPLOS EDIFICANTES

DE TODAS AS VIRTUDES CHRISTÃES.

PROLOGO.

O argumento desta Tragedia é tirado da Historia Milaneza; historicos são os personagens, os factos e exemplos citados, e alguns episodios proprios deste genero de poema.

Em 1476 gemia Milão debaixo do ferreo jugo do Duque Galeazzo Sforça, filho de Branca Visconti, e do celebre *Condottiere* Francisco Sforça, de quem diz Machiavelli * „que a fim de poder viver como grande senhor em tempo de paz, não só enganou os Milanezes, que o tinham a seu soldo, como roubou-lhes a liberdade, e fez-se seu soberano".

No meio da geral corrupção, tres jovens gentis-homens, Jeronimo Olgiato, Carlos Visconti, e André Lampugnano, excitados pelos discursos de seu mestre Colas Montano, determinaram assassinar o

* Arte de guerra, Liv. I.

Duque, libertar a patria, restituil-a á sua antiga fórma de governo, e vingar ao mesmo tempo particulares offensas.

Era Galeazzo em extremo cruel, immoral e devasso, e uma irmã de Olgiato tinha sido victima d'elle. Feio retrato desse tyranno nos faz Machiavelli na sua Historia Florentina*; igual se lê na das Republicas Italianas de Sismonde de Sismondi, e ainda se póde ver este caso na resumida obra de Carlos Botta. Todos os historiadores e chronistas, entre estes Bernardo Corio, secretario de Galeazzo, concordam em pintal-o com tão negras cores, que o collocam entre os frios monstros que aviltam a humanidade.

Conferindo os historiadores, tracei o plano desta obra, conformando-me o mais possivel com a verdade do acontecido, e só tomando a liberdade necessaria para o natural enredo dramatico. Evitei

* Era Galeazzo libidinoso e crudele, delle quali due cose gli spessi esempii l'avevano fatto odiosissimo; per-chè non solo non gli bastava corrompere le donne nobile, che prendeva ancora piacere di publicarle; nè era contento fare morire gli uomini, se com qualche modo crudele non gli ammazzava. Non viveva ancora senza infamia d'aver morto la madre etc. Machiavelli, L. VII.

a presença do Duque por incompativel no meu plano; elle não faz parte da acção, apenas é um objecto externo a que ella se refere. E pois que já houve quem porisso amargamente me censurasse, como si de rigor devessem apparecer em scena todas as pessoas de que n'ella se trata, citarei a tragedia de Corneille (auctor bemquisto de classicos e romanticos) a qual tem por titulo — Pompeo — sem que n'ella tenha parte esse heróe.

Si eu introduzisse Galeazzo em scena, ver-mehia forçado, para conformar-me ao gosto do tempo, a dar-lhe o seu torpe e infame caracter; o que, além de vexar o actor que o interpretasse, incommodaria os espectadores, e offenderia a moral publica, cousa de que tão pouco entre nós se cuida. Será talvez nimio escrupulo de minha parte; mas, que jogo de scena poderia haver com um tigre que ia direito ao crime, de que alardeava? Que linguagem e acções daria eu a um tyranno, que se não fartava de devassidão, emquanto não saboreava a desesperação dos pais e dos maridos, por elle convertidos em ministros e testemunhas de sua pro-

pria deshonra? Tyranno tão vil, que entregava aos soldados de sua guarda as moças nobres que profanava; que fazia enterrar vivas algumas de suas victimas; que a outras forçava a nutrir-se com fezes humanas, deixando-as assim morrer lentamente com esse regimen, e misturando feroz zombaria ao supplicio que ordenava? Monstro, que repellio sua virtuosa mãe, e causou-lhe a morte! Tal era o Duque Galeazzo Sforça! E quereriam os apaixonados da realidade natural vel-o assim em scena?

Não citarei Racine; ouçam o mestre, em cuja auctoridade se appoiam. Mr. Victor Hugo*, distinguindo a realidade segundo a arte, da realidade segundo a natureza, diz: „Ha inconsequencia (etourderie) em confundil-as, como fazem alguns partidistas do Romantismo pouco adiantados. A verdade d'arte jamais poderá ser, como pretendem muitos, a realidade absoluta". Ora si para o todo é assim, o mesmo deve ser para as suas partes.

Permittam tambem que eu cite a auctoridade de um grande pilosopho: — Posto que a arte seja

* Prologo do Cromwel, Drama.

livre, diz Mr. V. Cousin*, não póde comtudo escolher outro fim que não seja o bello moral; nos meios de exprimir é que está a liberdade da arte. Assim todo o artista que, cingindo-se á natureza, contentar-se em copial-a fielmente, cahirá da fileira de artista para a dos obreiros."

Mas, dirão ainda: — Podias modificar o caracter de Galeazzo, fazel-o melhor, para que, sem grande escandalo, entrasse no drama. — Mas eu não pretendi compor um drama, sim uma Tragedia (não sei si estaremos de acordo sobre as essenciaes differenças dos dous generos). E si me era permittido fazer um Galeazzo diverso do historico, um Galeazzo de minha phantasia, e ideal, não poderei tambem deixal-o de parte, quando de sua presença não necessito?

Supponham que estava Galeazzo enfermo em uma cama, ou ausente em alguma quinta, quando na cidade occultamente tramavam a conspiração. A acção é completa e perfeita, porque pois me fallam em Galeazzo?

* Cours de Philosophie: sur le fondement des idées absolues du Vrai, du Beau et du Bien.

Não posso de modo algum acostumar-me com os horrores da moderna escola; com essas monstruosidades de caracteres preternaturaes, de paixões desenfreadas e ignobeis, de amores licenciosos, de linguagem requintada, á força de querer ser natural; emfim, com essa multidão de personagens e de aparatosos *coups de theatre*, como dizem os Francezes, que estragam a arte e o gosto, e convertem a scena em uma bacchanal, em uma orgia da imaginação, sem fim algum moral, antes em seu damno. Vem a pello lembrar que por isso, e só por isso excluia Platão da sua Republica os poetas imitadores da má natureza, dando comtudo entrada n'ella aos lyricos, que tecem hymnos em honra dos deoses, e louvores aos grandes homens*. Com igual fundamento declamou J. J. Rousseau contra o theatro, e oppoz-se ao seu estabelecimento em Genebra. Madama de Staël, menos severa que os dous philosophos, diz comtudo**: — Todos os affectos dos homens pensantes tendem a um fim ra-

* Republica de Platão. Livro X.

** De la Litterature considerée dans ses raports avec les institutions sociales. Cap. V.

zoavel; só merece verdadeira gloria o escriptor que faz servir as emoções a algumas das grandes verdades moraes."

Não fallemos mais nisto; e si Mr. V. Hugo* pretende que o poeta deve procurar, não o bello, sim o caracteristico, reduzindo desta-arte a Poesia a um Daguerreotypo de palavras, não faltará quem lhe responda, que o caracteristico serve á Poesia, mas não a constitue, e que outra é a sua missão. Vamos ao enredo.

Não me desgosta o emmaranhamento e complicação do enredo dramatico, nem me desagrada a barafunda romantica; mas dou todo o devido apreço á simplicidade, energia e concisão das tragedias de Alfieri e de Corneille.

Tragedia e Drama cousas são differentes; cada qual pede sua critica especial, como a historia e a chronica, o geral e o individual, a moralidade e o facto, o necessario e o contigente: não que se excluam os termos das antitheses, mas o predominio de uma destas categorias constitue a differença das duas composições.

* Prologo do Cromwel.

Posto seja mais difficil compor uma tragedia com assumpto simples e poucos interlocutores, sobeja comtudo em tal caso mais occasião ao poeta para mostrar seu genio, condição essensial de toda a obra de imaginação: então, na falta de complicações que fascinam a attenção, e illudem a curiosidade infantil, é mister para a belleza do poema grandeza de caracteres, sublimidade de pensamentos, energia de estylo, pureza de linguagem, e movimenta necessario; e de certo tudo isto demanda maior genio, e um verdadeiro enthusiasmo.

Verão os meus censores, si forem justos, que longe de remover as difficuldades, com ellas luctei, e si não sigo em tudo os principios da moderna escola dramatica, não é por ignoral-os, senão porque nem todos me parecem acertados. Em conclusão, mostre genio o poeta, não offenda a moral, empregue seu talento para despertar os nobres e bellos sentimentos d'alma, e escreva como quizer, que será estimado.

1841.

OLGIATO.

Personagens		Actores.
OLGIATO,	Milanezes nobres	... Costa.
CARLOS VISCONTI,	Milanezes nobres	... J. Florindo.
LAMPUGNANO,	Milanezes nobres	... J. Romualdo.
MONTANO, Professor publico		.... Amaral.
ANGELINA, Irmã de Visconti		.... Maria da Gloria.
SILVANIA, Aya de Angelina		.... Ricciolini.
Estudantes, povo, e tropa etc.		

A scena é em Milão em 1476.

Foi esta Tragedia representada pela primeira vez, na re-abertura do Theatro de St. Pedro d'Alcantara, no dia 7 de Septembro de 1839.

ACTO PRIMEIRO.

Vista de sala em casa de Visconti, com janella no fundo para a rua. — Angelina assentada juncto de uma mesa com um livro na mão; Silvania em pé, em posição de quem ouve.

SCENA I.

ANGELINA E SILVANIA.

ANGELINA.

Que versos tão sublimes!... Que energia
Tem Dante nas pinturas horrorosas!
Oh! e taõ grande genio foi proscripto,
E em Ravena morrêo longe da patria!
Com que nobreza vingam-se os poetas!
E na propria vingança honram a terra,
Que os vio nascer, e que lhes foi ingrata,
Enchem de medo, e opprobrio os inimigos,
E cingidos de louro á gloria sobem!
Oh Dante! oh Dante! si existisses hoje
Com que novos, terriveis episodios
Se não accumulára o teu Inferno!

SILVANIA.

Muito amais esse livro!

ANGELINA.

Elle me encanta,
Naõ só pelas bellezas da poesia,
Como pelas lições que d'elle extráio.
Si hoje houvesse um poeta como Dante,
Creio que eu o amaria, como nunca
Mulher amou.

SILVANIA.

Tão grande é o vosso affecto
Para os poetas?

ANGELINA.

Quanto, quanto invejo
De Beatriz a sorte! Oh! venturosa
A mulher que de um vate o peito inflamma,
E ufana dizer póde: — elle me adora;
Entre seus pensamentos elevados
Sua alma pensa em mim, por mim suspira.

SILVANIA.

Sim, de certo; até eu quando vos ouço
Ler esse livro, fico o auctor amando.

ANGELINA.

E quem póde deixar de amar o genio? (Ouve-se um rumor do povo que corre na praça, e depois tinnidos de cadeias de presos encorrentados que passam; Angelina levanta-se assustada.)

Mas que é isto, Silvania?... Tu não ouves
Um rumor, que na praça se levanta?

SILVANIA.

Ouço, Senhora... e cada vez se augmenta!

ANGELINA.

Não ouves o tinnido de cadeias,
O tropel de cavallos, e a celeuma
Do povo revoltado?

SILVANIA.

Si podemos
Á janella chegar, e n'um momento
Saber o qu'isso é, porque estaremos
Duvidosas aqui adivinhando?
Eu vou ver. (Dando alguns passos para a janella.)

ANGELINA.

Não... espera.

SILVANIA.

Que receio
Sem causa alguma assim vos sobresalta?

ANGELINA.

Em Milão estou sempre temerosa.

SILVANIA.

Esse temor agora é sem motivo.

ANGELINA.

Tu não conheces bem esta cidade.

As sedições agora são frequentes
Por toda a Italia.

SILVANIA.

Aqui não ha perigo.
Talvez esse motim seja da tropa,
Que passa pela rua, e dos paisanos
Que correm para vel-a... Eu já vos digo.
(Abre a janella.)

ANGELINA.

Sempre estou triste, inquieta, e pensativa.

SILVANIA.

Vinde ver!.. vinde ver!..

ANGELINA.

O que?..

SILVANIA.

Depressa!..
Oh! coitados!...

ANGELINA.

Que susto me causaste!..

SILVANIA.

Quanta gente, Senhora, encorrentada!

ANGELINA.

Desgraçados! nem eu me animo a vel-os!

SILVANIA.

Olhai, Senhora, — até um pobre velho!..

ANGELINA.

Nenhuma idade aqui é respeitada.

SILVANIA.

Que crimes esses homens commetteram,
Para soffrer tal pena?

ANGELINA.

Só Deos sabe
Si elles são criminosos. — As correntes,
Que esses homens arrastram, deveriam
Prender o tigre, que em Milão governa.

SILVANIA.

Senhora, que dizeis?

ANGELINA.

Digo o que penso,
E o que devia ser.

SILVANIA.

Que mal tão grande
O Duque vos causou?

ANGELINA.

Tu não conheces
Esse Duque, esse monstro abominavel.
Não vês como a cidade está deserta?
Como reina o terror na Lombardia?
Em Milão ninguem vive satisfeito.
O Duque cada dia se assignala

Por um crime que avilta a humanidade.
Não causam mais terror a peste e a guerra.
Não viste agora mesmo tantos homens
Cobertos de cadeias, macerados,
E expostos á irrisão do baixo povo,
Que só póde folgar com taes horrores?

SILVANIA.

Ahi vem vosso irmão.

ANGELINA.

Sai da janella.

SCENA II.

ANGELINA, VISCONTI E SILVANIA.

ANGELINA.

Visconti, o que ha de novo?... Não respondes!

VISCONTI (afflicto).

Minha irmã!... Não hei dito tantas vezes
Que á janella não chegues? — Tu procuras
Tua propria deshonra, e a de teu mano!
Não te lembras que o infame Galeazzo,
No crime infatigavel, tem espias
Por toda parte, — e que não poupa a virgem,
Nem a esposa mais casta! — E si o destino
Permittir que elle saiba que aqui moras,
Serás logo marcada em sua mente
Para saciar-lhe o ardor do vicio infando!

Sempre pensei que a voz da propria honra
Te fizesse cumprir os meus dictames,
E que mister não fôra renovar-te
Preceitos que aprazer-te deveriam.

ANGELINA.

Caro irmão, não presumas que meu peito
Menos que o teu a honra estima, e guarda.

VISCONTI.

Então, porque te expões?

ANGELINA.

Eu não me exponho!
Sei guardar-me melhor do que me guardas.
Essas exprobrações não as mereço;
Nem preciso que o irmão de pai me sirva.

VISCONTI.

Assim é que tu pagas meus cuidados!
O que fôra de ti sem o soccorro
De um braço varonil, que defendesse
A natural fraqueza de teu sexo?

ANGELINA.

Teu braço varonil nunca servio-me.

VISCONTI.

Minha irmã!.. tal discurso...

ANGELINA.

Não te offronta.

VISCONTI.

Não me offronta?.. Angelina!.. Que proferes?
Que dizes tu?

ANGELINA.

O mesmo que tu sabes.

VISCONTI (Fazendo um accionado de colera para Angelina).

Cuidas que eu posso ouvir-te á sangue frio?

ANGELINA (com ironia).

Agora, sim, te eu vejo cavalleiro!...
Desembaínha a espada, não recues.

VISCONTI.

Angelina! Angelina!... Não me insultes...
Que significa então essa ironia?

ANGELINA.

Que significa?.. Queres que eu te ensine
Quaes os deveres são que cumprir deves?
Montano que t'os diga, elle é teu mestre,
Não eu fraca mulher, a ti sujeita.

VISCONTI.

Angelina, eu não sei porque motivo
Tratas a teu irmão com tal desprezo?
No que me podes censurar?.. Que faltas
Commetti, sem que eu saiba, em meus deveres?...

Deixei já de velar em tua guarda?
Ou sou algum domestico tyranno?

SILVANIA (annunciando).

O senhor Olgiato...

ANGELINA.

Adeos; eu me retiro.
Fallaremos depois com mais socego.

VISCONTI.

Não posso adivinhar seu pensamento.

SCENA III.

VISCONTI E OLGIATO (entrando).

OLGIATO.

Amigo!

VISCONTI.

Ja tardavas.

OLGIATO.

Tu bem sabes
Que estive com Montano, nosso mestre,
E em sua companhia as horas voam.

VISCONTI.

Hontem com elle estive, e si não fosse
Minha irmã, cuja honra zelar devo,
Com elle inda estivera.

OLGIATO.

Meu Visconti,
Tu não sabes o quanto hoje perdeste!
Nunca Montano esteve tão sublime.
Que eloquencia de fogo, que vehemencia!
As palavras nos labios lhe ferviam!
Não parecia um velho; — o mesmo accento
Mais sonoro encantava! — Era um Propheta!
Não ha outro Montano neste tempo!

VISCONTI.

Que me dizes, amigo?

OLGIATO.

E tu perdeste!
E tu perdeste!... Que pezar eu tive.

VISCONTI.

Mas sobre o que versou hoje o discurso?

OLGIATO.

Sobre o estado actual da nossa patria,
Sobre este estado horrivel, lamentavel,
Que as almas generosas envergonha.

VISCONTI.

Sim?...

OLGIATO.

Depois de ter feito um breve quadro
Das fórmas de governo, e das virtudes
Que, por assim dizer, as constituem,

Montano nos pintou a f'licidade
Dos povos livres, onde as leis só reinam,
Onde não ha senhor, nem ha vassallos,
Nem causas pessoaes, porque se lucte;
Mas cada-qual sujeito por vontade,
Antepõe a justiça ao interesse,
E alegre sacrifica-se ao bem publico.
Depois, o seu dizer documentando
Co'os exemplos que a historia ampla recorda,
Elevou-nos a mente a esses tempos
Da grega, e da romana liberdade.
Mostrou-nos como Esparta, como Athenas,
Guiadas por heróes, por homens livres,
Com pouca gente combatter sabiam
Numerosos exercitos de escravos.
Lembrou-nos os Liônidas, os Phocios,
Aristhides, Melcíades, Pericles,
E outros muitos heróes que o mundo espantam,
Cujos rivaes só foram homens livres,
Filhos de Roma, dessa patria augusta
Dos Brutos, Scipiões, Catões, e Cassios.
Mostrou-nos como as artes floreceram,
Sem outro apoio mais que a liberdade;
Como a Philosophia leis dictava,
Sem medo dos tyrannos oppressores:
E citou-nos mil nomes de poetas,
De artistas, de philosophos, de sabios

Que honram a humanidade, e gloria deram
A esse curto espaço de terreno,
Cuja lembrança os despotas aterra,
Envergonha os escravos, e proclama
Em alto brado a força do homem livre!
Depois mostrou-nos como extincta a fonte
Que alimentava o tronco das virtudes,
Tudo murchou, morrêo, cahio a um tempo
Artes, lettras, sciencia, força, e gloria.

VISCONTI.

Eis porque os tyrannos não consentem
O exercicio livre da palavra,
Que tanto imperio tem sobre alma humana,
Por um sabio orador bem dirigida.

OLGIATO.

A palavra é o dom mais precioso
Da humana essencia; o laço que nos une,
E nos levanta a Deos, que nos fez livres.
A palavra é a voz da intelligencia,
Celeste influxo de um Poder Divino,
Que nos extrema deste lodo inerte.
A palavra é de Deos; — e nós devemos
D'ella usar sem temor, e com franqueza,
Para opoiar os nossos sacros fóros.
Si a palavra os tyrannos amedronta,
É porque, da verdade orgam terrivel,

Seus excessos condemna, e ensina aos povos
A vingar seus direitos conculcados.
Desgraçado do povo onde a palavra
Morre co'a intelligencia, de que é filha!

VISCONTI.

De que serve a palavra ao povo escravo,
Que da gloria não cura, embrutecido
Co'as vexações de um perfido tyranno?

OLGIATO.

Si as lições de Montano ouvisse o povo,
Galeazzo hoje mesmo não vivêra,
Ou teria o caminho arripiado.

VISCONTI.

Não ouve o povo de Montano as vozes;
Mas nós o que fazemos? — nós, que o ouvimos?..

OLGIATO.

Nós?... Nós o que fazemos?... Sim, é justa
Essa pergunta, que me faz de pejo
Corar as faces, e tremer de raiva....
O que fazemos nós, que mais que todos
Lamentamos do povo a cobardia?
Nós somos uns cobardes falladores;
Merecemos o opprobrio em que vivemos;
Somos todos escravos... Murmurando,
Nós mordemos os ferros que nos prendem.

Sem podermos quebral-os...

VISCONTI.

Caro amigo,
Eu soffro como tu; e a cada instante
Me lanço em rosto a propria cobardia;
Mil planos fórmo na irritada mente,
E ao mesmo tempo um não sei que me prende.
Reflicto, considero...

OLGIATO.

Acaso temes
O exito da empresa?

VISCONTI.

Nada temo
Por mim mesmo. Eu encaro o horror da morte
Com aquelle denodo com que outr'ora
Catão o ferro erguêo contra seu peito...
Mas...

OLGIATO.

O que?

VISCONTI.

Uma irmã, cujo destino,
Cujo amparo reclama a minha vida,
O animo me rouba. — Oh, quantas vezes
Tenho amaldiçoado esta existencia!...
O sangue em minhas veias se revolta!..

Eu nasci para ser um novo Bruto,
E sou escravo!... Oh misero Visconti!
Minha irmã!.. Ella só é quem me prende.

OLGIATO.

Agora vejo, meu prezado amigo,
Que tua alma em valor excede á minha!
De confusão me cubro ante teus olhos.
Tu por causa da irmã a vida prezas,
Vives para amparal-a; — eu, que infamia!
Não defendi a minha, nem vinguei-a!
Si irmã tu não tivesses, talvez hoje
Milão a ti devesse a liberdade;
E eu, que irmã já não tenho, a irmã querida,
Victima triste do cruel Galeazzo,
Que a honra lhe roubou, eu inda vivo,
Sem ao menos vingar tão grande affronta,
E ao mesmo tempo libertar a patria
De um jugo tão pesado, e tão ignobil.
É um remorso que me róe o peito,
Uma lembrança que me aseda a vida.
Já não procuro desculpar-me: eu trago
Sobre a fronte, patente aos olhos todos,
Esta nódoa que em vão desfazer busco,
E que sempre apparece, como um sello
Por impia mão gravado... Oh que vergonha
E ante a face do mundo ouso mostrar-me?
(Cobre o rosto co'as mãos).

VISCONTI.

Olgiato! meu amigo, inda és tão joven!
Vinte e tres annos tens agora apenas;
E quando tua irmã foi insultada
O que eras tu? e o que fazer podias?
Eras, a bem dizer, uma criança.

OLGIATO.

E talvez essa a unica desculpa
Com que ainda possa attenuar meu crime;
Crime, sim, de não ter a irmã vingado;
Si é que hoje posso merecer desculpa.

VISCONTI.

Não és, amigo, o unico queixoso.
Qual é a bella esposa, ou qual solteira,
Formosa, e nobre, que em Milão não fosse
Pelo vil Galeazzo profanada?
Quantos irmãos, e pais, quantos esposos,
Que opposeram ao monstro resistencia,
Não foram, maniatados, testemunhas
Do crime horrendo? E quantos não morreram
De desesperação, de dôr, de angustias?
Quantas virgens, depois dessa deshonras,
Não foram pelo monstro abominavel
Entregues á perversa soldadesca?...
Entretanto ninguem lembrou-se ainda

De dar ao monstro a merecida pena
De tantos crimes! Todos se lamentam,
Nenhum teve o valor de castigal-o.

OLGIATO.

Esse valor só cabe em almas nobres
De homens livres, e não no peito escravo.
A servidão geral é como a peste,
Que aos mesmos sãos terror, fraqueza inspira.
Ha muito que combato esse contagio,
Que me extingue o valor, e me acobarda.
Mas eu juro por Deos, que cedo ou tarde
Hei de ao Duque ensinar que não tão facil
Se pisa o collo do leão que dorme.
Hoje se curva o povo, e mudo soffre;
Amanhã póde ser que elle desperte,
Como o leão, de colera bramando,
E de sangue sedento.

VISCONTI.

Eu nada espero
Deste povo corrupto.

OLGIATO.

Si no povo
Não confias, em mim confia ao menos.

VISCONTI.

Qual é o teu intento? qual teu plano?

Meu intento é vingar a mim e a patria,
E dar um novo exemplo á humanidade.
Quanto ao plano, indiciso estou na escolha.
Meios não faltam de tirar a vida
A um tyranno devasso, rodeado
De tantos inimigos; mas eu quero
Que uma revolução lhe dê a morte,
E não a occulta mão de um assassino.
Não; não é minha causa que eu sustento,
Não é o homem que se vinga de outro;
É a causa do povo e da justiça;
E eu talvez seja apenas o instrumento,
O orgam da Divina Providencia.
Muitas vezes cuidamos que senhores
Somos de nossos feitos, mas de cima
Vem o celeste impulso, que nos move.

VISCONTI.

Eu louvo esse teu nobre enthusiasmo,
Digno de heroicos tempos; e Deos queira
Que, por muito escolher um meio heroico,
Não arrisques a causa, e a propria vida.
Hoje applaudem-se os Brutos, si triumpham,
Mas si na nobre empresa elles perecem,
Co'o labéo de assassinos são manchados.
Emfim, o vencedor inda que injusto
E acclamado heróe.

OLGIATO.

Isso que importa?
Não quero ser heróe, nem busco fama
Em troco de uma morte. A Providencia
Mais bondadosa foi para commigo...
Meu norte é a justiça, e não a gloria.
Logo que houver formado bem meu plano,
Sem temor hei de á risca executal-o,
E ás mãos de Deos entregarei o resto.

VISCONTI.

Vem, digno amigo, abraça-me. (Vai abraçal-o, e Silvania apparece.)
O que queres?

SCENA IV.

OS MESMOS E SILVANIA.

SILVANIA.

O senhor Lampugnano vos procura*.

VISCONTI.

Faze-o entrar. (Silvania retira-se.)
Convem guardar silencio,
Posto que Lampugnano amigo seja.

* Lampugnano, pronuncia-se Lampunhano.

SCENA V.

OLGIATO, VISCONTI E LAMPUGNANO.

LAMPUGNANO (agitado).

Vivam!

VISCONTI.

Bem-vindo sejas.

OLGIATO.

Como passas?

LAMPUGNANO.

Stou afflicto?

VISCONTI.

O que tens?

LAMPUGNANO.

Desesperado;
Cheio de indignação.

OLGIATO.

Alguma affronta
Do Duque de Milão?!...

LAMPUGNANO.

Caros amigos,
Eu venho relatar-vos a injustiça
Que me fez Galeazzo. — Quem diria
Que se atrevesse o Duque a despojar-me
Do Padroado que alcancei do Papa?

VISCONTI.

Que! o de Miramondo?

LAMPUGNANO.

D'Abbadia
De Miramondo, sim.

OLGIATO.

Pois Galeazzo
Ousa oppor-se a um favor de Sixto Quarto?

VISCONTI.

Escreve á Sancta Sé.

OLGIATO.

E neste caso
O que intentas fazer?

LAMPUGNANO.

Eu?... só vingar-me.
Basta já de soffrer esse perverso,
Filho de um conductor de mercenarios,
Que nos roubou a patria e a liberdade.

VISCONTI.

Acalma esse transporte; não te percas;
Reflictamos melhor.

LAMPUGNANO.

Tão grande offensa
Não, não ha de ficar sem um castigo.

OLGIATO.

Não, não ha de ficar. — Quereis ouvir-me?

Vamos agora á casa de Montano,
Vamos com elle consultar.

LAMPUGNANO.

Sim, vamos,
O nosso Mestre saberá guiar-nos.

OLGIATO.

Partamos.

VISCONTI.

Eu tambem vos acompanho.

ACTO SEGUNDO.

Vista de sala em casa de Montano; cadeiras, e uma mesa com alguns livros encadernados de pergaminho. Sai Montano de um lado da scena acompanhado de seus discipulos, e se encaminha para o outro lado, despedindo-se d'elles.

SCENA I.

MONTANO.

Ide, jovens amigos. — e lembrai-vos
Que si eu vos faço exercitar o corpo
Em gymnasticos jogos, não me esqueço
De dar tambem primeiro o alimento
Que vossas almas immortaes demandam.
Um espirito forte em corpo debil,
Em vez de ser senhor, torna-se escravo;
Um, para bem mandar, deve ser sabio;
O outro robusto ser, para servil-o.
Não é incompativel co' a sciencia
A rigidez do corpo; o grande Sócrates
Dêo exemplo a Platão desta verdade.
Nunca a fraqueza pôde ser virtude;
E si vossos parentes me censuram,
De vós justiça espero. — Cuida o rico,
Pelo prazer e o luxo amollecido,

Que o ouro tudo dispensa; — meus amigos,
Sciencia e força dictam leis aos homens;
Tudo o mais é vaidade transitoria;
E já houve Monarcha dethronado
Que achou recursos no ensinar meninos.
Adeos!

UM DISCIPULO.

Vossos dictames seguiremos.

OUTRO DISCIPULO.

Mestre, adeos.

MONTANO.

Ide em paz, meus bons amigos.

SCENA II.

MONTANO (só).

Já que perto de mim adeja a morte,
Quero deixar á geração futura
Quem a possa servir co' a penna, e a espada.
Façamos bem aos homens sem reserva,
Só por amor do bem; nem recompensa
Devemos esperar: que si em procura
De um premio, neste mundo, eu só obrasse,
Teria dado ao mal a preferencia.
Já tenho sido victima innocente
Da maldade dos homens... Perseguido
Tenho errado no mundo, e a toda parte
Levo os unicos bens que em mim possuo:
Um coração tranquillo, e uma alma forte

Pelo amor da verdade ennobrecida.
Si o que eu faço é um bem, concluir devo
Que os homens são ingratos... Mas que importa?
Tu, Sócrates divino, tu meu mestre,
Victima foste da injustiça humana;
E quem mais da verdade foi amigo?
O povo ignaro, habituado ás trevas,
Amaldiçôa a luz que o incommoda.
Como um vil criminoso foi punido
O Redemptor do mundo!... tanto é certo
Que o bem não tem o premio sobre a terra.
Não procuremos premio! — Esta existencia,
Si para o bem não serve, nada vale.
E pois que Deos se apraz em conservar-me
No posto em que elle mesmo collocou-me,
Serei firme atalaia; — á mocidade
Servirei com exemplos e conselhos.

(Assenta-se perto da mesa, e pega em um livro encadernado de pergaminho.)

Vem, oh meu companheiro da velhice;
Sempre que te consulto, eu abençôo
A memoria daquelle que instruio-me
Co' as tuas sans doctrinas: vem, amigo,
Meu divino Platão; tu me consolas
Nas minhas afflicções; tu purificas
Meus pensamentos, e me embebes n'alma
O balsamo sagrado da virtude,

Que dos labios de Sócrates colheste,
E me enche de vigor. Tu feliz foste:
Do sabio a f'licidade não consiste
Em transitorios bens, que o vulgo preza;
Ha outro bem maior, interno e puro
Que só o sabio e o virtuoso gozam. (Batem na porta.)
Quem me vem procurar a estas horas?
(Encaminha-se para a porta.)

SCENA III.

MONTANO, OLGIATO, VISCONT. E LAMPUGNANO.

MONTANO.

Oh, sois vós!...

OLGIATO.

Deos esteja em vossa guarda.

VISCONTI.

Viemos perturbar vosso descanço?

MONTANO.

Não, amigos, si eu posso ser-vos util.
Posto que velho, prezo a companhia
De jovens como vós.

OLGIATO.

Para instruir-nos
Sempre affavel e prompto vos achamos,

MONTANO.

De que me serviriam meus estudos

Si eu não tivesse a quem communical-os?
Outros tambem por mim se affadigaram.
Eu transmitto o que herdei, e pouco ajuncto;
E o mel na flor colhido pela abelha,
Si não servisse ao homem, se perdera.
Mas que tem Lampugnano? — Não me falla!
Que olhar tão pensativo!... Que ar tão triste!

LAMPUGNANO.

Desculpai-me, senhor....

OLGIATO.

Justos motivos
Tem elle de tristeza.

MONTANO.

Ser-me-ha dado
Saber quaes elles são?

VISCONTI.

Para isso mesmo
É que nós aqui estamos.

OLGIATO.

Lampugnano
Foi offendido, e nós que o estimamos,
Não podemos soffrer a sangue frio
Que um homem só se atreva impunemente
A calcar com suberba nossos fóros.
Desejamos ouvir vosso conselho.

MONTANO (para Lampugnano).

Dizei, então o que ha?

LAMPUGNANO.

Mestre, não posso.
Julgo melhor calar-me. Eis Olgiato,
E Visconti, que o caso narrar podem.
(Assenta-se meditativo).

OLGIATO.

Pois bem, eu contarei, — Sabemos todos
Que o Papa concedêo o Padroado
De Miramondo ao nosso Lampugnano:
Sixto Quarto foi justo nesta graça.
Agora Galeazzo, que não póde
Ver o merito erguer-se, e que não soffre
Que a virtude ache abrigo sobre a terra,
Oppõe-se á doação do Sancto Padre
Em menoscabo da justiça. — Infame!
Talvez para outorgar essa Abbadia
A quem não seja digno, a algum perverso
Que o tenha, nos seus crimes, ajudado.
Só a gente mais vil, a mais abjecta
É quem hoje entre nós cargos merece.
Ninguem vive seguro. Cada instante
Um cidadão é victima do Duque.
Este monstro, do Inferno parto hediondo,
Enche Milão de horror, de lucto, e sangue.

O clamor é geral. Toda a cidade
É um vasto redil de manso gado,
Onde esse feroz lôbo não se farta.
A vida, a honra, os bens, tudo elle rouba!
Seremos nós tão vís que nem ao menos
Pelo proprio interesse, e pela vida
Façamos um exforço, que a justiça,
O dever nos ordena em alto brado?
Seremos surdos ao clamor da terra
Com tanto sangue milanez regada,
Sangue, que do assassino pede sangue?
Ficarão tantos crimes sem castigo?
Tantas victimas suas sem vingança?
Teremos nós perdido todo o brio,
Todo o valor de nossos pais herdado?
Aconselhai-nos, Mestre, aconselhai-nos;
O que pensais? Dizei-nos; dirigi-nos.

MONTANO.

Eu?...

VISCONTI.

Vosso parecer ouvir queremos.

MONTANO.

Sobre o que?

OLGIATO.

Sobre o caso que hei exposto.

MONTANO.

Acho que Galeazzo foi injusto.

OLGIATO.

Isso só?

MONTANO.

E o que mais quereis que eu diga?
Lamento como vós que assim vivamos
Expostos ao capricho de um tyranno.

OLGIATO.

Nada mais?...

MONTANO.

Nada mais.

VISCONTI.

Será possivel?

OLGIATO.

Como! Pois respondeis com essa calma
Quando o furor abrasa nossos peitos?
Quando nos vedes promptos e dispostos
A vingar um amigo injuriado?

MONTANO.

Tambem de Lampugnano sou amigo,
E da sua afflicção parte me cabe;
Mas não me espanta o proceder do Duque.
Muito mais soffri eu, e não vinguei-me.
Eu fui por ordem sua, em plena praça
Açoutado; e porque? todos o sabem,
Por ter sido seu mestre, e ás suas faltas
Dado um leve castigo, que ás crianças

Todos os mestres dão para contel-as.
Por amor castiguei-o em sua infancia,
E elle como senhor de mim vingou-se.

OLGIATO.

E senhor o chamais! Sois vós escravo?

MONTANO.

Senhor elle é, não só de mim, de todos;
O povo todo como escravo o soffre,
Logo como senhor o reconhece.

VISCONTI.

Cada vez mais me espanta esta linguagem!

OLGIATO.

Si o povo o soffre, é que o temor o prende.

MONTANO.

Pois tanto um homem só temor inspira?
Terá elle do céo alguma força,
Ou as potencias infernaes o escoltam?

LAMPUGNANO (levantando-se precipitadamente, e com indignação).

Potencias infernaes são esses monstros
Que o defendem, cumprindo suas ordens;
Esses sicarios, que co'as mãos armadas
Sem cessar o rodeam, e nos privam
Como um muro de ferro de tocal-o.

OLGIATO.

Lampugnano diz bem. Nunca o tyranno
Ousa mostrar-se ao povo sem escolta.
Tanto sua fraqueza reconhece,
Que busca do terror a salva-guarda.
Cuidais vós que de tantos offendidos
Não haja quem medite na vingança?
A vingança é o nectar saboroso,
Que só póde acalmar o ardor da offensa.
Si não fosse o temor que a empresa inspira,
Ha muito que seu sangue sobre a terra
Teria de Milão lavado o opprobrio.

MONTANO.

Quem tem medo é escravo.

OLGIATO.

O homem livre
Receia expôr a preciosa vida
Inutilmente, quando a morte é certa,
E duvidoso o exito da empresa.

MONTANO.

Quem obra por dever não teme a morte;
E quem temendo aventurar a vida,
Prefere uma existencia vergonhosa,
A uma morte honrosa, não merece
Senão a escravidão.—Si de taes homens

Só se compõe o Estado, a tyrannia
Deve ser com razão o seu governo,
E flagellal-os para seu castigo.

LAMPUGNANO (com colera).

Então vós applaudís do Duque os crimes?

MONTANO.

A colera vos cega, e vos impede
De entender o que eu dice. Não approvo
Os crimes do tyranno; mas confesso
Que é necessario ás vezes um tyranno
Para instigar o indolente povo
A defender a sua liberdade.
Não se fórma o tyranno de repente;
O povo é quem o nutre pouco a pouco
Co'a propria corrupção; elle gerado
No luxo estragador, e na injustiça,
Não póde ter diversa natureza:
Filho da corrupção tudo corrompe.
Quando depois a tyrannia avulta,
E co'o peso dos crimes nos esmaga,
Todos clamam contra ella. Que dirieis
Si a terra se queixasse de que os cedros,
Cujas raízes d'ella a vida bebem,
Co'o peso dos seus ramos a incommodam?

OLGIATO (com emphase).

Tambem ha raios para o cedro altivo.

MONTANO (com tom sentencioso).

Precede ao raio horrivel tempestade.

LAMPUGNANO.

O que quereis então? que nós soffshould ramos,
Visto que o mal de nós origem tira,
Ou porque nossos pais tambem soffreram?

MONTANO.

Quem muito tem soffrido, facilmente
Continúa a soffrer, e soffre tudo.

VISCONTI.

São justas as razões do nosso mestre.
Em silencio escutei attentamente,
E agora reflectindo me recordo
Do que ha bem pouco tempo vio Ferrara.

MONTANO.

Lembrais bem.

VISCONTI.

Nicoláo, da casa d'Este
Um dos melhores Principes, rodeado
De tantos emigrados Ferrarenses,
Pelo Marquez de Mantua protegido,
Protegido tambem por Galeazzo,
Á testa de um exercito apossou-se
De Ferrara, que sob o ferreo jugo
De seu tio, o Duque Hercules, gemia.

Por uma brecha entrou sem resistencia;
Todo o povo feixou-se em suas casas,
Esse povo opprimido e escravisado!
Nicoláo passeava pelas ruas,
Promettendo abundancia e bom governo:
Ninguem á sua voz unio-se a elle!
E á voz de Sigismundo, esse tyranno
Irmão do Duque, que até-li medroso
Occultado se tinha, todo o povo
Contra seu protector corrêo armado,
Seu antigo tyranno defendendo.
De Nicoláo corrêo o nobre sangue;
E Hercules Primeiro, em recompensa
Da fiel servidão de seus vassallos,
Continuou nas suas tyrannias.
Tanto é certo que o povo escravisado
Perde a virtude, a força, a honra, o brio,
E que nem agradece a quem o serve.

MONTANO.

É um facto occorrido em nossos dias.

OLGIATO (com intrepidez).

E isso o que prova contra o nosso intento?
Trabalhamos acaso por salario?
É pelo preço vil da recompensa
Que nossa vida á Patria offerecemos?
Eu sei que muitas almas generosas,

Abrasadas no amor da liberdade
Se teem sacrificado neste mundo,
Sem extinguir a raça dos tyrannos.
Sei qual a sorte foi de Bruto e Rienzzo;
Sei que em grandes empresas não devemos
No povo confiar; mas não se segue
Que por elle devamos modelar-nos.
Eu mesmo vi como este povo estulto,
Co'o peso dos impostos esmagado,
Corrêo para applaudir a pompa immensa
Que Galeazzo ostentou nessa viagem
De Milão á Florença, sem lembrar-se
Que esse luxo insensato lhe custava
Duzentos mil florins de ouro, roubados
Ás familias, aos pobres e ao bem publico.
Desta somma a metade era bastante
A sustentar na guerra contra os Turcos
Negroponte, perdida sem defeza.
Emfim, convem prever maiores damnos;
Não posso mais soffrer tão fero monstro,
Sobejam-me razões para odial-o. (Para Montano.)
E vós, que em nossas almas embebestes
O amor da liberdade e da virtude,
Porque agora tentais com tal frieza
Extinguir o vulcão que nos devora?
Si é para mais pungir-nos, ocioso;
E si para acalmar-nos, impossivel:

Do dever ao impulso não resisto.
Tu, Visconti, receias proteger-nos,
Tens razão; tua irmã requer teu braço,
Vive para amparal-a, e defendel-a.
Quanto a mim, meus amigos, não recûo.
(Com decisão, tomando a mão de Lampugnano).
Dá-me a mão, Lampugnano; eu te prometto
Um braço forte, um peito destemido,
Decidido a se expôr aos golpes todos.
Vamos junctos morrer.

LAMPUGNANO.

Vamos vingar-nos!

OLGIATO.

Adeos! Adeos!..
(Querendo sair com Lampugnano, Visconti e Montano se oppõem).

VISCONTI.

Olgiato!

MONTANO.

Espera, Olgiato!

OLGIATO.

Deixai-nos...

VISCONTI.

Meu amigo, ouve primeiro.
Cuidas que no perigo te abandono?

OLGIATO.

Ah, não! Tens uma irmã!... Vive por ella;
Ella é pura e innocente como um Anjo;
Deos me preserve de roubar-lhe o apoio,
Que em ti lhe dêo.

MONTANO. (Segurando em ambas as mãos de Olgiato, e levando-as ao peito).

Oh joven corajoso!
Meu discipulo amado! tu corôas
Os esforços de um velho... Essa tua alma
É digna de um Romano de outro tempo.

OLGIATO.

Ainda não mereci honra tão grande.

VISCONTI.

Amigo meu da infancia, eu te supplico
Uma só graça; escuta.

OLGIATO.

Falla.

VISCONTI.

É certa
A morte para nós, quer eu te siga,
Quer te deixe, no caso que o tyranno
Possa escapar ao golpe que o espera.
E qual será de minha irmã a sorte?
Já cuido vel-a entregue ás impias garras

Desse cruento abutre; arrebatada
Vejo-a passar de suas mãos infames
Ás mãos tintas de nosso proprio sangue
Dessa desenfreada soldadesca!
Oh, que só esta idéa me lacera!
Não, meu amigo, pela Sancta Virgem,
Não queiras ser a causa da desgraça
De uma joven que te ama... Escuta, escuta;
Reflictamos melhor. — Que nos importa
Viver aqui, ou fóra destes muros?
Deixemos esta terra malfadada;
Vamos, vamos viver em outro solo,
Onde o ar empestado do tyranno
Não possa nodoar nossa virtude:
Vamos junctos viver com Angelina;
Sim, Olgiato, meu amigo! eu te amo,
E quizera que tu meu irmão fosses.

OLGIATO (com a maior perturbação).

Ah, Visconti!!!

VISCONTI.

Olgiato! céde, amigo!

OLGIATO.

Oh Deos!... Que me propões, Visconti?

VISCONTI.

A vida!

OLGIATO.

A morte, e a deshonra!

VISCONTI.

A Deos entrega
O castigo do monstro.

OLGIATO (com resolução estoica).

Já não posso;
Eu dei minha palavra a Lampugnano.

VISCONTI (para Lampugnano).

Lampugnano, desiste.

LAMPUGNANO.

Si quizeres,
Olgiato, desiste; eu não te obrigo;
Angelina merece um sacrificio.

OLGIATO (com transporte).

E minha irmã?...

VISCONTI.

Não lhe darás a vida
Com isso.

OLGIATO.

E a Patria?...

LAMPUGNANO (querendo sair).

Adeos; não te constranja
Minha presença.

OLGIATO.

Espera, eu vou comtigo.

VISCONTI.

Não, tu não sairás.... Assim recusas
A mão de minha irmã?

OLGIATO.

Não a mereço;
Ninguem me deve amar. — A minha dextra
Casou-se co' um punhal, e pede sangue.

VISCONTI.

Morrerás, Angelina! O meu amigo
É quem cruel te cava a sepultura.

OLGIATO.

Eu vou livral-a do feroz abutre
Que me roubou a irmã.

VISCONTI.

Com essa furia,
Cego, tu vás morrer.

OLGIATO.

Deixa que eu morra;
Vive tu...

VISCONTI.

Céde, amigo!

OLGIATO.

Não.

VISCONTI.

Escuta.

OLGIATO.

Não, não posso.

VISCONTI.

Cruel!...

OLGIATO.

Adeos!

VISCONTI (repellindo-o de si).

Pois vai-te,

Coração sem piedade! alma insensivel!

OLGIATO.

Adeos, amigos; — Lampugnano, vamos.

(Saiem ambos.)

VISCONTI (indo atraz d'elles).

Pára! Espera...

OLGIATO.

Não mais.

MONTANO (só).

Milão, stás salva!

ACTO TERCEIRO.

Vista de sala em casa de Visconti.

SCENA I.

VISCONTI E ANGELINA.

(Visconti assentado, com os cotovelos apoiados sobre uma mesa, em attitude de profunda meditação: Angelina em pé).

ANGELINA.

Caro irmão, o que tens?... Falla, Visconti.
Porque, nessa tristeza mergulhado,
Á tua irmã occultas os teus males?
Desabafa teu peito. — Porque queres
Aggravar tua dôr com tal silencio?
Não sabes que eu tambem comtigo soffro?
Que melhor confidente achar tu podes?
Talvez melhor que os teus proprios amigos
Eu possa consolar-te na desgraça,
Si é que alguma desgraça acontecêo-te!

VISCONTI (com perturbação).

Desgraça, sim... Mas não me inquiras.

ANGELINA (com espanto).

Como!
Não sou eu tua irmã?... A ti ligada,
Sem outro apôio, a tua desventura
Não será tambem minha?... Acaso pensas
Que não devo saber dos teus segredos
Para não revelal-os?... Tu te enganas!
Um segredo que tanto te incommóda,
Póde ter perigosas consequencias;
E uma mulher ás vezes tem lembranças
Tão repentinas, que attenção merecem.

VISCONTI (incommodado).

Ah! deixa-me, Angelina!

ANGELINA.

Irmão querido,
Porque voltas os olhos, e me ivitas?
Tanto minha presença te importuna?

VISCONTI (impaciente).

Ah! deixa-me; eu te rogo.

ANGELINA (com mais ternura).

E me repelles
Com tal dureza?...

VISCONTi (amargurado).

Cala-te.

ANGELINA (assustada).

Que é isto?
Serei eu de teus males causadora?
Então o que fiz eu?... Por que motivo?...

VISCONTI (com explosão dolorosa, levantando-se).

Tu não me deixarás?...

ANGELINA (suspensa um pouco como querendo suffocar o pranto, e com voz tremula).

Eu ja te deixo!

(Retira-se lentamente, limpando os olhos. Visconti encruza os braços, e caminha para a scena, reflectindo com inquietação).

SCENA II.

VISCONTI (só).

Que afflicção é a minha!... ah!... Olgiato
Deixou-me, ingrato, sem querer ouvir-me!...
Que hei de fazer?... Seu genio é indomavel,
Ardente, impetuoso;... elle não céde...
Seu coração é duro, inaccessivel
Aos encantos de amor;... sua alma estoica
Só de idéas severas se alimenta...
Nada posso fazer para abrandal-o.
Entretanto é mister qne eu me decida
A tomar um partido agora mesmo....
Seguil-o?... Não; que deixo a irmã sozinha:

Por mim não duvidára.... Abandonal-o,
Vêl-o marchar co'intrepidez á morte,
Para salvar a patria, e eu, cobarde,
Ficar, para gozar!... oh não, não posso!
Sou seu amigo!... Oh dura alternativa!
Que peso é uma irmã em casos destes!
E que meio haverá?... céos, inspirai-me!
Agora me recordo que Angelina
Ainda ha pouco me dice, que as mulheres
Teem ás vezes lembranças repentinas...
Talvez que ella me indique alguma idéa.
Angelina! Angelina!... Mas que faço?
Deverei confiar este segredo
A uma joven?

SCENA III.

VISCONTI E ANGELINA.

ANGELINA (com resentimento).

Eis-me aqui, Visconti.

VISCONTI.

Minha irmã...

ANGELINA.

O que tens para ordenar-me?

VISCONTI.

Nada, Angelina... Eu quero comprazer-te.
Quero de minha dôr expor-te a causa.

ANGELINA (com ironia).

Vê bem si te eu mereço confiança.

VISCONTI.

Sim, minha irmã... Desculpa-me, si ha pouco,
Afflicto como estava, repelli-te.
Um segredo importante me atormenta...
Já sabes que Olgiato busca a morte!

ANGELINA.

Que! a morte!... Olgiato?... E tu que fazes?

VISCONTI.

A deshonra talvez, sem que meu braço.
O possa sustentar, ou defendel-o.

ANGELINA.

Como assim?

VISCONTI.

Conspirando contra o Duque.

ANGELINA.

Conspirando? e com quem?

VISCONTI.

Com Lampugnano.

ANGELINA.

Com Lampugnano!... Que!... Pois tambem elle?
Gentil-homem do Duque, e seu amigo!

VISCONTI.

Um tyranno feroz não tem amigos,
E si elle ás vezes um valido escolhe
É só pelo prazer de aniquilal-o.
Galeazzo não quer que haja um só homem
Que ao menos uma offensa não receba.
Já com razão se queixa Lampugnano.

ANGELINA.

E o que se espera desse monstro horrendo
Que nem da propria mãe poupou a vida?
Não foi Branca Visconti envenenada
Em Cremôna?... E quem foi seu assassino?
Elle, que mesmo aqui a maltratava,
E alfim a desterrou, para livrar-se
De quem para a virtude o aconselhava!
Filho que nem a propria mãe respeita,
Que insulta a Natureza e as leis Divinas,
Como ha de respeitar as leis humanas?
Do inferno a porta está para elle aberta,
Satanaz o aguarda... A sua morte
Horrivel deve ser.

VISCONTI.

Talvez bem cedo
Vá dar contas a Deos de tantos crimes.

ANGELINA (com enthusiasmo).

Graças ao Céo! — cumprir-se-hão meus votos!

Já tomo alento mais desassombrada.
Apparecêo em fim uma alma nobre;
Para vingar as victimas do monstro,
E dar a paz aos corações das virgens!
Apparecêo um peito, um braço egregio,
Para salvar a honra das familias,
E extinguir o veneno em sua fonte!
Apparecêo um joven corajoso,
Um heróe milanez que ao povo ensine
A sustentar a sua dignidade!
E é Jeronimo Olgiato, o teu amigo,
Esse joven heróe, que tanto emprehende!
Não me enganaram meus presentimentos!
Aquelle rosto que a virtude anima,
Aquelles olhos firmes, fulminantes,
Aquella voz que encanta, e attrai as almas,
Aquella nobre majestade, impressa
Em todas as acções e movimentos;
Tudo n'elle um heróe me annunciava.
Eu sempre me dizia: — Este Mancebo
É destinado para grandes feitos;
Que com tal coração, com tal aspecto
Ninguem ao mundo vem inutilmente.
Si eu o estimava, agora...

VISCONTI.

O que?.. Prosegue.

ANGELINA.

Agora... e porque não direi que o amo?
Além dos dotes de celeste origem,
Não é elle de um tronco illustre e nobre?

VISCONTI.

Infeliz!... teu amor bem mal empregas.

ANGELINA (suspensa).

Que dizes?... Mal?...

VISCONTI.

Seu coração não sente
Por ti igual affecto.

ANGELINA (assustada).

Ama elle a outrem?

VISCONTI (com desdem).

A ninguem.

ANGELINA (tranquilla).

A ninguem?... Ah!

VISCONTI.

Sua alma
Não pertence a este mundo. Outros cuidados
A separam da terra... Um pensamento
Só o domina, e para a morte o impelle:
É como um sonho de febril accesso,
Que só lhe mostra em illusorio quadro
Um ponto luminoso, imperturbavel.

Em seu transporte esquece-se de tudo:
Firme como um penedo, não se dobra
Á força das razões, e dos exemplos.
Nada o pôde vencer; — nem o teu nome
De leve o enternecêo; fugio, deixou-me,
Só para o não ouvir.

ANGELINA (com espanto).

Meu nome! e como?
E com que intenção o proferiste?

VISCONTI.

Não t'o direi, por não angustiar-te.
Nunca, nunca, pensei!...

ANGELINA.

Não me angustías;
Podes fallar... Eu quasi que o prevejo.

VISCONTI.

Pois bem, isso te baste.

ANGELINA.

Dize ao menos
O que querias tu que elle fizesse?

VISCONTI.

Que por amor de ti prezasse a vida;
Que deixasse Milão com seu tyranno,
E viesse comnosco para Roma,
Ou para outra qualquer parte da Italia,
Onde viver podessemos tranquillos.

O mundo é grande! e nunca falta ao homem
Deos, a terra, e o ar; e co'o trabalho
Obtem-se o resto.

ANGELINA.

Então emigar queres?

VISCONTI.

Fôra resolução mais acertada.

ANGELINA.

E deixarás o amigo exposto á morte?

VISCONTI.

Elle o quer.

ANGELINA.

E depois, si a Providencia
Der a seu nobre esforço um digno premio;
Si elle vencer, o que farás?

VISCONTI.

Viremos
Abraçal-o, e applaudir o seu triumpho,

ANGELINA.

E elle então te dirá: — Tu me deixaste,
Quando se me antolhava a morte e a infamia:
Tu fugiste de mim, quando eu votava
Meu sangue e minha vida a bem de todos:
O céo me protegêo, vencí, e o povo
Por seu libertador grato me acclama:
Agora reina a paz na Lombardia:

Goza tranquillo o fructo da victoria,
Que meu braço alcançou para o bem publico;
Goza sem susto; já não ha um monstro,
Que te infunda terror. — Irmão querido,
Isto te elle dirá. — E com que rosto
Serás tu testemunha de seus feitos?
Teu nobre coração como varado
Não será de remorsos nesse instante?
Poderás vel-o, poderás ouvil-o
Sem que o pejo te roube a côr e a força?
Sem que nos labios tremulos, sem vida,
A teu pezar subitamente expire
A voz da gratidão para applaudil-o?

VISCONTI.

Angelina! não mais... Será possivel
Que até a propria irmã assim me exprobre!
E porque?... Tu não vês que si eu hesito
É só por causa tua? Não reparas
No grande risco de uma ousada empresa,
De um temerario arrojo?... Que é mais certa
A morte, que a victoria... E si eu te deixo
Só, e me entrego ao impeto da raiva,
Que me incha o coração ha muito tempo,
Si eu vou, e morro, — desvalida orfã,
O que ha de ser de ti? — Acaso devo
Uma vida arriscar, da qual depende
A tua propria vida, e a honra tua?

Oh meu pai! oh meu pai! si vivo fôras,
Comtigo ella ficára, e abençoado
Por ti, não esperára alheio impulso
Para ir sacrificar-me pela patria!
Ah, minha irmã!... como és cruel e injusta!
Quão mal de teu irmão conheces a alma!
Tu convertes em crime, ou em fraqueza,
O que é excesso em mim de amor fraterno?
Injusta, injusta irmã!

ANGELINA.

Não sou injusta,
Ah, não! Si te offendi, por Deos te peço
Que me perdoes;

VISCONTI.

Tu nem reflectiste
Nas palavras crueis, envenenadas,
Que contra mim soltaste, como settas,
Que estão meu coração dilacerando.

ANGELINA.

Basta! tua bondade reconheço.
Vejo que é só o amor que me consagras
Quem te faz hesitar em teus deveres.
Mas ouve: — para que não sacrifiques
A patria á tua irmã, nem esta á patria,
Façamos outra cousa.

VISCONTI.

O que? prosegue.

ANGELINA.

Vamos todos. — Eu quero acompanhar-te.
O horror ao monstro assás valor me inspira.
Si o céo nos fôr propicio, como espero,
Uma parte da gloria será minha,
E si morrermos, junctos morreremos.

VISCONTI.

Que estás dizendo? Que loucura é essa?

ANGELINA.

Dá-me, dá-me um punhal; irei comtigo.

VISCONTI.

Repara que és mulher, mulher e fraca!

ANGELINA.

Mulher no corpo sou, mas varão n'alma,
E si de homem vestir-me, serei homem.
Dá-me um ferro, e consente que eu te siga.

VISCONTI.

Qual ferro! com que mão has de vibral-o?

ANGELINA.

Com esta! — O mesmo sangue que te anima,
O sangue dos Viscontis em mim corre!
Nem serei das mulheres a primeira

Que pelo seu paiz se sacrifique;
Sempre a Italia foi fertil de Heroínas,
E Milão mais de mil vio em seus muros!

VISCONTI.

A colera te cega; não prosigas.

ANGELINA.

E porque?... Cuidas tu que o amor da patria,
O amor da justiça, o horror ao monstro,
De uma mulher no coração não cabem?
Não temos nós uma alma?

VISCONTI.

Mais prudencia;
Minha irmã!... mais prudencia... Ahi vem gente.
Quem me procura?

SCENA IV.

OS MESMOS E OLGIATO.

OLGIATO (sombrio).

Teu amigo Olgiato.
Senhora, tenho a honra de saudar-vos.

ANGELINA.

Outro tanto, senhor.

OLGIATO (para Visconti, apertando-lhe a mão).

Visconti!

VISCONTI.

Amigo.

OLGIATO (com voz grave e atribulada).

Sempre o serei. — Abraça-me, e desculpa
Do meu transporte o excesso.—Eu trago esta alma
Tão agitada, e o corpo tão molesto
De contínuas vigilias, que nem posso
No accesso de furor contrafazer-me;
De mais, um pensamento grande, — e horrivel,
Tu bem sabes qual é, tanto me absorve,
Que esquecido de mim, a nada attendo.
Arrependido estou...

VISCONTI (interrompendo-o).

Do teu intento?

OLGIATO.

Ah! não.

VISCONTI (desdenhoso).

Então de que?

OLGIATO.

Do meu transporte.
De te haver respondido ardendo em raiva,
Quando meigo devera agradecer-te
Um favor, um thesouro, um bem tão grande,
Que feliz me fizera até sonhando,
E que agora um destino fero e duro
Me obriga a rejeitar! — Fatal estrella

De certo presidio a hora infausta
Em que a triste mãe me dêo ao mundo!
Nasci para soffrer! — Obedeçamos
A vontade do céo.

VISCONTI.

Não és tu livre?
Não accuses o céo dos teus delirios.

OLGIATO.

O que sabemos nós sobre esse ponto?!...
Deos vê tudo; o futuro lhe é patente!
E o que eu hei de fazer, e ainda ignoro,
Já elle o sabe.

VISCONTI.

Então és fatalista?

OLGIATO.

Nem eu sei o que sou; e me confundo
Quando minha alma abysmo em tal arcano.
Tambem de que me serve aprofundal-o,
Si aos homens são vedados taes mysterios?
Nós só fazemos o que Deos permitte.
A fé é a melhor sciencia humana.

VISCONTI.

Assim é... Mas... porque tu me procuras?

OLGIATO.

Para que me perdoes, e me abraces.

VISCONTI.

E agora qual é o teu intento?

OLGIATO.

O mesmo.

VISCONTI.

O mesmo?!...

OLGIATO.

Sim.

VISCONTI.

Pois bem... Avante.
Faze o que intentas... Cobre-te de gloria...
Fique commigo a infamia de deixar-te...
Mas justa causa eu tenho... Deos o sabe.
(Cobre os olhos com as mãos, e assenta-se.)

OLGIATO (commovido).

Tambem eu... e só isso me angustía.

ANGELINA (com resolução).

A causa eu sou; — eu só... Mas já lhe dice
Que se esqueça de mim, ou que me deixe
Acompanhar-vos em tão nobre empresa.
A meu pezar sou causa de uma infamia...

VISCONTI.

Fòra melhor que te calasses.

OLGIATO (para Angelina).

Como?
Tudo sabeis, senhora?... e conspirada
Não estais contra mim?

ANGELINA.

Porque?.. só sinto
Que meu irmão, por mim, de sí se esqueça.
Este amor fraternal tão excessivo
É só quem o flagella, e me constrange.
Ah! senhor Olgiato, eu vos invejo
O nobre pensamento, — e mais que tudo
Invejo a sorte de homem. — Malfadada!
Porque nasci mulher?

VISCONTI (com profundo pezar).

Para desgraça
Minha e tua...

ANGELINA.

Assim é...

OLGIATO.

Oh, caro amigo!...
Senhora!... por quem sois,... por Deos vos rogo,
Não mais vos afflijais... Vossas palavras
São agudos punhaes nos meus ouvidos.
Esquecei-vos de tudo, — e de mim mesmo.
Quizera aqui morrer para aplacar-vos.
Eu o culpado sou; — sim, morrer devo,

Eu só,... para aplacar ao mesmo tempo
A sombra de uma irmã, que de contínuo
Se mostra ensanguentada ante meus olhos,
Clamando que lhe vingue a honra e a morte,
E de meu braço a lentidão crimina!
Não ignorais, senhora, o fim horrivel
De minha triste irmã... Como vós, bella,
Jonven e recatada, não livrou-se
Das torpes mãos do infame Galeazzo.
Esta lembrança como um quadro vivo
Me segue, e me acompanha a toda parte,
No meu leito, na rua, agora mesmo,
Agora mesmo se me antolha a imagem
De minha cara irmã... em vós a vejo,
E me péde... Ah! senhora, perdoai-me;
Desculpa-me, Visconti; — o que ella péde
É o que tu em meu logar farias.
Tu inda tens irmã... Temes por ella;
Eu por amor da minha, a morte busco.
Ah!... Não fosse este o peso que me esmaga,
Que a vossos pés, senhora, neste instante
Depuzéra o punhal, e amára a vida.

VISCONTI (enternecido lançando-se nos braços de Olgiato).

Oh, meu amigo!... basta... não me firas
O coração... Eu louvo o teu intento.

ANGELINA.

Senhor,... as minhas lagrimas expliquem
O que meus labios proferir não ousam.

OLGIATO (com mágoa).

Ai de mim!... Oh mil vezes desgraçado!
Oh minha mãe!... porque me déste a vida?

ANGELINA (com ternura).

Ah, senhor Olgiato!...

VISCONTI.

Meu amigo!

OLGIATO (suffocado).

Não posso mais;... o coração me estalla...
Falta-me o ar... suffoca-me... deixai-me...

(Querendo sair, Angelina e Visconti o seguram pelo braço com ternura.)

ANGELINA E VISCONTI.

Oh Deos!

OLGIATO.

Ah!

VISCONTI.

Tranquilliza-te.

ANGELINA.

Assentai-vos.

(Olgiato assenta-se abatido, cobre os olhos com as mãos, e sacode a cabeça como desesperado.)

SCENA V.

OS MESMOS E LAMPUGNANO.

VISCONTI.

Lampugnano!

OLGIATO (levantando-se á esta voz e em attitude estatica).

Pois já!!!

LAMPUGNANO (embaraçado).

Nada é comtigo.

VISCONTI (assustado).

Então o que ha?

ANGELINA.

Que susto!

LAMPUGNANO (para Angelina).

Nada...

VISCONTI.

Falla.

LAMPUGNANO (para Visconti).

É um particular;... a ti sómente
Quizéra expor. (Para Angelina.)
Senhora, desculpai-me.

VISCONTI.

Segredo?!...

ANGELINA.

Que temor me gela o sangue!

VISCONTI (com sorriso affectado para Angelina).

Retira-te, Angelina;... contentemos
Ao senhor Lampugnano,

ANGELINA.

Eu vou... Que é isto!

SCENA VI.

OS MESMOS, MENOS ANGELINA.

VISCONTI.

Podes fallar.

LAMPUGNANO.

Nem mesmo assim me animo.

OLGIATO.

Lampugnano! que novas vens trazer-nos?
Meu coração parece que adivinha.
Não digas.

VISCONTI.

Falla, amigo!

LAMPUGNANO (para Olgiato).

É necessario
Para evitar talvez maior desgraça.

VISCONTI.

Dize já.

LAMPUGNANO.

Galeazzo...

OLGIATO E VISCONTI.

Galeazzo?!!...

LAMPUGNANO.

Sabe já...

VISCONTI (assustado).

Sabe o que?

LAMPUGNANO.

Que sacrificio!

VISCONTI.

Não me occultes o mal que tem remedio.

LAMPUGNANO.

Só por isso sou nuncio de más novas.

VISCONTI.

É de minha pessoa que se trata?

LAMPUGNANO.

De outra talvez mais cara...

VISCONTI.

De Angelina!...

(Fica imovel com os olhos pasmados.)

OLGIATO.

O coração presago m'o dizia!...

LAMPUGNANO.

O Duque sabe que ella está comtigo,
E já...

OLGIATO (interrompendo-o).

Não digas mais... prevejo o resto.
Oh monstro!... não ha sangue que te farte!

VISCONTI (como tornando a si com um riso feroz).

Elle já sabe... e já projecta a infamia!...
Oh!... em vão procurei suster o raio;
Elle cahio-me em fim!... Pois bem, agora
Sei o que hei de fazer... eu me decido...
Somos tres...

OLGIATO.

O que intentas?

VISCONTI.

Meus amigos,
Angelina nos ouve... Não podemos
Livremente fallar... Algumas ordens
Tenho que dar... Assim, ide esperar-me
Um pouco no jardim do Cemiterio
De Sancto Ambrosio.

OLGIATO.

Lá te aguardaremos.

VISCONTI.

Bem.

(Olgiato e Lampugnano dão alguns passos para sair, Olgiato pára, e voltando o rosto para a scena.)

OLGIATO (com intenção).

O praso é ao pé da sepultura
De minha irmã.

VISCONTI.

Ao pé da sepultura!...

OLGIATO.

Sim, lá mesmo.

VISCONTI.

Pois bem...

OLGIATO E LAMPUGNANO.

Adeos!

VISCONTI.

Té logo,

ACTO QUARTO.

Vista de jardim que faz parte do cemiterio de Sancto Ambrosio, plantado de salgueiros e cyprestes; alguns tumulos de marmore, e entre elles o da irmã de Olgiato, que deve estar no primeiro plano, á direita do espectador; no fundo o exterior da Igreja, de architectura lombarda; algumas arcadas em perspectiva, representando ao longe o claustro da Igreja. O céo sereno, e pouco estrellado. A scena é esclarecida pela lua. Do lado opposto ao tumulo mencionado haverá um oratorio de pedra, diante do qual estará uma lampada accesa, suspensa por uma cadeia de ferro.

SCENA I.

OLGIATO (só, encostado ao tumulo de sua irmã).

Eis-me aqui, minha irmã! — Nunca Olgiato
Esqueceo-se de ti. — Bastantes vezes
Teem minhas preces lugubres vibrado
Os ares deste funebre remanso.
Assás sobre esta pedra que te cobre
Tenho vertido lagrimas saudosas...
Este é o refrigerio de meu peito,
Triste consolação do malfadado,
Para quem já não ha logar no mundo..
Ah, corram minhas lagrimas... ah, corram

Sobre este frio marmor! — Sobre a campa
Bem resoam as lagrimas dos vivos...
Talvez ultimas sejam! — Si eu podesse
Aqui ficar, como uma dura estatua,
Debruçado sobre esta sepultura,
Em pedra convertido! — Mas do mundo
A voz ainda me chama; — e o teu cadaver,
Querida irmã, ao mundo me repelle.
Eu irei, sim, irei, ao teu mandado,
E nem hei de voltar sem ter cumprido
O horrendo sacrificio... O punhal tincto,
E gotejando o sangue ainda quente
Daquelle algoz da tua honra e vida
Hei de trazel-o aqui: — hei de com elle
Marcar o dia da vingança tua
Juncto ao teu epitaphio; e por memoria
Como um tropheo craval-o nesta pedra.
Não, não me has de escapar, eu te prometto,
Ou hei de aqui ficar eternamente,
Como estes que da morte o somno dormem,
Livres do teu furor, livres do mundo.

(Depois de um momento de pausa.)

Mas ah! nem mesmo a idéa da vingança,
Que de minha alma o ardor refrigerava,
Póde agora acalmar o meu tormento.
Esta afflicção interna, este martyrio,
Esta angustia mortal que me suffoca,

E me faz odiar o mundo e a vida,
Como se ha de extinguir?— Posso vingar-me;
Mas da vingança é breve o regozijo,
E após no coração renasce a mágoa,
E a lembrança da offensa nunca morre.
Oh monstro! tu não tens bastante sangue
Para n'elle affogar as minhas iras.
Eu quizera, rompendo as tuas veias,
Que teu sangue jorrasse como um río,
E de Milão lavasse o pavimento,
Que por teus pés infames foi calcado.
Quizera retalhar em mil pedaços
Esse teu corpo, a Satanaz vendido,
E com elles dar pasto aos cães errantes.
Mil vidas que tivesses, si as perdêras
Na ponta de um punhal, uma após outra,
Entre mil agonias, e mil vascas,
Nem assim pagarias teus horrores.
Não ha tormentos por crueis que sejam
Que igualem a teus crimes vergonhosos:
Não ha castigo que soffrer tu possas,
Que outros por ordem tua não soffressem:
Para ti todo o inferno inda não basta;
Infame matricida, vil devasso,
Nasceste para algoz, não para Duque.
Grande Deos! onde está tua justiça?
Onde está tua sábia providencia?

Teu amor e bondade em que consistem?
Porque geras os máos? — ou, si os não geras,
Porque consentes que elles nos dominem,
Que elles sejam dos bons o atroz flagello?
Terás fechado os olhos a este mundo,
Tão pejado de horrores, que parece
Um inferno onde Lucifer só reina?
Não te accendem as iras tantos crimes?
Teus raios onde estão, que os não dardejas
Sobre a cabeça do impio ousado e louco
Que as tuas sanctas leis profana e pisa?
Oh meu Deos! oh meu Deos! será possivel
Que viva, e mando tenha sobre os homens
Um monstro que te insulta, quebrantando
Teus mandamentos todos, sem que a terra
Se abra para tragal-o, mesmo quando
Elle curvado aos pés dos teus Altares
Te pede que o protejas, e o defendas?..
Fôra melhor que a terra não fizesses,
Si para seres taes a destinavas...
Mas que impiedade é esta!...onde me arrojo?
Que abysmo em meu furor me estou cavando?..
Ah! — Póde a Deos interrogar um homem?!
Senhor! o teu poder é sem limites,
Tua bondade immensa, inexgotavel,
Perdoa o meu delirio, e nem consintas
Que a esperança e a fé deixem minha alma,

E a blasphemia se abrigue nos meus labios.
Nada sou, oh meu Deos! nada mereço,
E na minha demencia só te rogo
Que assás valor me dês para servir-te.
Limpando a terra deste novo Nero.
Si isto mesmo é um crime, não me attendas,
Não me attendas, Senhor; eu só desejo
Em tudo conformar-me aos teus mandados,
Ainda mesmo que não os comprehenda...
Quem sabe si o tyranno é o instrumento
Da vingança do céo, como o verdugo
É da humana justiça o confidente!..
Ah!.. si agora uma voz de entre estas campas
Animar-me viesse, ou dissuadir-me!..
Si algum presentimento, algum presagio
Me revelasse agora o meu destino!...
Céos, que me ouvis! oh lua, que esclareces
O sepulchral horror deste jasigo!
Estrellas, que brilhais no firmamento!
Oh tumulos! Oh sombras! Oh cyprestes
Desta medonha habitação da morte!
Dai-me um signal, eu vos invoco, — dai-me,
Eu quero,... eu ouso até desafiar-vos!
Sombra de minha irmã! vem, eu te evoco,
Vem, — mostra-te a meus olhos.. oh!.. É ella!..

(Treme horrorisado, recua, e depois se encaminha para o logar em que se lhe afigura a sombra, examinando o que seja.)

Que!.. É uma illusão!.. Fui fascinado
Pelo clarão da lua entre os cyprestes!...
Ainda visto não tinha aquella estatua
Que alveja co'o luar!... Como enganei-me...
Cuidei a sombra ser da irmã querida...
Mas por mim não altera a Natureza
Suas leis... Ninguem vem,.. ninguem me escuta...
Só da morte o silencio me responde...
O coração palpita... arrepiados
Tenho ainda os cabellos... Que frieza
Me afrouxa os membros... Minha irmã, recebe
Este corpo magoado de vigilias,
E de tormentos, sobre tua campa...

(Emquanto diz estos versos com voz cançada, marcha lentamente para o tumulo, e atira-se sobre elle.)

Ah, quando acabarei esta viagem!...
Já seu peso se torna insupportavel...
Oh! quanto, minha irmã, por ti padeço!
Quanto perco por ti! — Bella Angelina,
Recusei teu amor, e tua dextra,
O coração magoei do meu amigo;
Entretanto eu te adoro... tu somente
És de minha alma o predilecto encanto.
Quanto perdi!... Tu deves odiar-me...

(Tomando repentinamente attitude de quem escuta com espanto.)

Que!.. Ouvi um susurro... não me engano,
Ouço passos... alguem aqui caminha...

SCENA II.

OLGIATO E VISCONTI.

VISCONTI (dentro).

Olgiato!...

OLGIATO.

Visconti!...

VISCONTI.

Tardei muito?

OLGIATO.

Não.

VISCONTI.

Com quem conversavas?

OLGIATO.

Eu? — Co'os mortos,
Que me hão de ver bem cedo no seu reino.

VISCONTI.

Deixemos essas lugubres idéas.
Onde está Lampugnano?

OLGIATO.

No caminho
Separou-se de mim, para ir á casa
De Montano.

VISCONTI.

A que fim?

OLGIATO.

Para trazel-o;
Sua presença aqui é necessaria.

VISCONTI.

Eu inutil a creio. — As cans lhe pesam,
E o fazem refflectir como um medroso
Em criticos momentos. Na cadeira
Sobeja-lhe o vigor para exprimir-se;
Mas para a acção lhe falta aquella audacia
Que só em peitos juvenis se encontra.
Que não venha elle agora dissuadir-nos,
Co'os gelados discursos da prudencia.
Não nos convem ouvir razões oppostas
Ao nosso firme intento. Só nos cumpre
Tratar da escolha de acertado meio,
Que a efficacia da empresa não destrua.
E como já seu animo definha,
Ou co'o pendor da idade, ou co'o perigo
Que enorme se lhe antolha, assás receio
Que a sua frouxidão nos contagie.
Stou decidido emfim, não me arrependo:
Hei-de ir avante, quando mesmo tudo
Contra mim se conspire; e si Montano

Vier para indicar razões contrarias,
Eu sairei daqui sem dar-lhe ouvidos.

OLGIATO.

Não importa; devemos attendel-o,
Devemos respeital-o; é nosso Mestre;
E si a velhice a intrepidez murchou-lhe,
Não lhe roubou comtudo o nobre orgulho
De homem honrado, independente e livre.
Velhice como a d'elle é respeitavel!
Nós somos filhos de uma tal velhice.
Na corrupção geral que nos rodeia,
De quem herdamos a nobreza d'alma?
O ardente amor da sancta liberdade,
Que como um fogo gyra em nossas veias,
D'onde nos veio? d'onde? — De seus labios!
Foram suas lições que nos ergueram
Da classe desses nobres ociosos,
Distinctos pelo alarde de seus vicios.
Sem elle, talvez nós, menos zelosos
Do pundonor, seguissemos a trilha
Em que se perdem tantos gentis-homens.
O insulto que vingar tanto almejamos,
Muitos o sollicitam. Não são raros
Os que fecham os olhos á deshonra
Que segue o Duque ao centro dos palacios,
Onde tantos esposos o recebem

Com prazenteiro rosto e acatamento,
Crendo-se honrados co'a visita sua.
Eu não sei sem Montano o que seria,
E o que pensára; assim agradecido
Confesso o que lhe devo, e não me abato
O nome publicando de meu Mestre.

VISCONTI.

Nem creias tu que ingrato me envergonhe
De confessar o mesmo: oh não!.. Diverso,
E mui diverso é isso do que eu dice.

OLGIATO.

Nem eu te exprobro.

VISCONTI.

O que te eu dice, e digo
É que tão firme estou no meu projecto,
Que não ha forças que voltar me façam.
E quando elle se opponha, argumentando
Co'a idéa do perigo, nem por isso
Á morte fugirei, si ella me espera
Como o unico premio deste arrojo.

OLGIATO.

Nem eu... Mas eil-os já.

VISCONTI (olhando).

É só um homem!

OLGIATO.

Um só!... Então Montano!...

VISCONTI.

É Lampugnano!

SCENA III.

OS MESMOS, E LAMPUGNANO.

OLGIATO.

Vens só!

LAMPUGNANO.

Não. Ahi vem tambem Montano;
Mas elle com prudencia demorou-se,
Por não entrarmos dous ao mesmo tempo;
Que, como inda transitam, poderia
Suspeitar-nos alguem, e até seguir-nos.

VISCONTI.

É muito receiar...

OLGIATO.

Vou esperal-o (sai).

SCENA IV.

VISCONTI E LAMPUGNANO.

VISCONTI.

Dize-me, Lampugnano, de que fonte
A noticia te veio, que me déste?

E como soube o Duque que Angelina
Se acha em Milão, em minha companhia?

LAMPUGNANO.

Cório, seu secretario, foi quem hoje
Em conversa m'o dice; eu apressei-me
A prevenir-te logo; o resto ignoro;
Mas difficeis não são as conjecturas:
Naturalmente algum de seus espias,
O seu Mouro talvez soube, e contou-lhe.

VISCONTI.

Esse Mouro!.. ainda eu hei de baptisal-o,
Mas ha de ser co'o sangue d'elle mesmo!
Esse Mouro, escudeiro do tyranno,
Tem a muitos christãos tirado a vida.

LAMPUGNANO.

Eis Montano.

SCENA V.

LAMPUGNANO, VISCONTI, MONTANO
E OLGIATO.

MONTANO.

Ora pois, Deos não permitta
Que seja este logar um mão presagio.
Conspirar contra os vivos entre mortos!...

OLGIATO.

Entre mortos, — mas victimas do monstro!
Alli stá minha irmã!..

VISCONTI.

E vós, oh Mestre,
Prestais fé a presagios?

MONTANO.

Os Romanos
Mais sabios do que nós acreditavam.

VISCONTI.

E vós?

MONTANO.

Eu sou christão.

VISCONTI.

Tambem o sómos.
Deixemos os augurios, e os Romanos.

OLGIATO.

Amigos, estes mortos nos escutam!
Deos nos vê, elle seja nosso guia,
E de nós o temor afugentemos.
Mestre, vós já sabeis que justa causa
Neste logar nos une. Só se trata
De vingar a justiça, e dar ao mundo
Novo exemplo de amor á liberdade!
Nossa missão é esta. E quando temos

A justiça e a razão do nosso lado,
Temos a força; — e Deos será comnosco.

MONTANO.

E já tendes previsto as consequencias?

OLGIATO E VISCONTI.

Todas.

MONTANO.

E não temeis....

OLGIATO E VISCONTI.

Nada tememos.

MONTANO.

Lampugnano! não fallas?

LAMPUGNANO.

Eu vos oiço;
Meu intento gravou-se na minha alma;
Acompanhado, ou só, hei de cumpril-o.

MONTANO (com enthusiasmo).

Eu louvo, e prezo vossa nobre audacia.
Vós me honrais! si eu morrer não faço falta.
Fiz homens! — Cada qual me excede em brios.
(Mudando de tom.)
Porêm... si eu vos dicer que Galeazzo
Sábe que conspirais contra seus dias!...
(Movimento de attenção da parte do todos.)
Si trahidos estamos!...

OLGIATO, VISCONTI E LAMPUGNANO.

Nós trahidos!...

OLGIATO.

E por quem?

VISCONTI.

Impossivel!

LAMPUGNANO.

Não importa;
Si isso é certo, empreguemos maior zelo,
Maior actividade. Hoje façamos
O que amanhã talvez seja impossivel.

OLGIATO.

Não percamos o tempo: agora mesmo
Vamos a toda parte procural-o,
Cadaqual do seu lado; e morra o infame
Onde estiver.

VISCONTI.

Pois bem; morra. — Partamos.

(Todos, excepto Montano, dão alguns passos para sair.)

MONTANO (pegando no braço de Visconti).

E tua irmã?...

(Olgiato e Lampugnano páram.)

VISCONTI (puxando o braço).

Não me falleis mais n'isso.
Agora minha irmã é só a morte.

MONTANO.

Esperai, esperai; quero primeiro
Abraçar-vos.
(Abrindo os braços para abraçar a todos.)
Oh bravos gentis-homens!
Meus amigos! Meus filhos! Meus discipulos!
Desculpai-me. Eu só quiz exp'rimentar-vos.
Vosso valor, porêm, vossa constancia
Agora me confundem. Meus discursos,
Minha frieza, tudo foi astucia
Para mais excitar vossa coragem.
Posso agora fallar-vos. Quem conspira
Deve a morte encarar com rosto firme,
Os perigos prever, e desprezal-os:
Sobre isso dispensais os meus conselhos.
Mas, dizei-me: que plano haveis traçado?

OLGIATO.

Nenhum por ora.

VISCONTI.

Eu creio que devemos
Ir ao palacio, e mesmo em audiencia
Feril-o.

MONTANO.

É temerario esse projecto;
Ninguem se chega ao Duque; sua guarda
Sem cessar o rodeia

LAMPUGNANO.

Então podemos
No jardim esperal-o: elle costuma
As vezes passear co'a esposa e os filhos,
Mal escoltado.

MONTANO.

Si isso for possivel,
Além da espera até que o dia chegue,
Não passareis de occultos assassinos.

OLGIATO.

Não; assassinos não! antes morramos,
E saiba o mundo todo quem nós somos.
Um logar procuremos onde o golpe
Seguro seja, e a um tempo bem patente,
Porque vejam que nós nada tememos.
Amanhã vai o Duque a Sancto Estevam
Com toda a sua côrte, acompanhado
Do Embaixador de Mantua, e o de Ferrara,
Como é de uso, assistir áquella festa.
É bôa occasião; junctos á Pia,
Podemos aguardal-o; e n'um momento
Ao entrar, nós iremos recebel-o
Nas pontas dos punhaes, entre o tumulto.
Dest'arte é impossivel que elle escape.
Eu creio que o terror será tão grande,
Que estupefactos todos, e indecisos

Nos deixarão sair; então iremos
Chamar o povo ás armas, dando vivas
Á liberdade: o povo já sem medo
Do tyranno, ha de á nossa voz seguir-nos.

VISCONTI.

Não escolhamos mais.

MONTANO.

É nobre e ousado
Esse plano; e depois?

OLGIATO.

Convocaremos
O Senado.

MONTANO.

E a Duqueza?

OLGIATO.

O que for justo
O Senado o fará.

MONTANO.

E seus dous filhos,
João, e Hermes?

VISCONTI.

Que morram! Extingamos
Toda a raça dos Sforzas, todos esses
Irmãos de Galeazzo: Luiz Mouro,
Octaviano, Ascanio, e o Duque Bari.

OLGIATO.

Esses sim, mas os filhos!... innocentes
Criancinhas, que mal fizeram ellas?

VISCONTI.

Tambem Deos castigou a raça humana
Pelo crime do pai, do homem primeiro.
O peccado de Adam peccado é nosso.

OLGIATO.

Pois que nunca governem, mas que vivam,
E que a infamia do pai sobre elles pese.
Longe de nós a barbara vingança,
E a sêde de matar. Ah! não manchemos
Co'o sangue da innocencia a nossa gloria.

LAMPUGNANO.

Assim seja!

VISCONTI.

Pois bem; morra o tyranno,
E dos mais não tratemos

MONTANO.

Meus amigos,
Nós temos decidido sobre a terra,
Mas ha no céo quem mais que nós decide!
Invoquemos seu nome, e seu soccorro:
Digne-se elle approvar o nosso intento;
Tudo com Deos; Deos seja o nosso guia.

OLGIATO (pondo um joelho em terra de fronte do Oratorio de pedra; os mais fazem o mesmo).

Oh Sancto protector desta Cidade,
Do povo Milanez guarda e esperança,
Nosso concidadão, oh grande Ambrosio,
Si o nosso intento de expelir da patria
A impureza, o crime, e a tyrannia
A tua approvação merece, roga
A Deos por nós, que vamos corajosos
A patria libertar...

TODOS (levantando-se).

Assim Deos queira.

(Querendo retirar-se, cáia a lampada no chão; param todos com signal de terror.)

OLGIATO.

Que presagio fatal!...

MONTANO (resoluto).

Ao Duque.

VISCONTI (intrepido).

Vamos.

ACTO QUINTO.

Vista de uma sala ricamente adornada, pertencente ao consistorio da Basilica de S. Estevam, habitação do Arcipreste: largas janellas no fundo com vidros de variadas cores; portas lateraes, devendo a da entrada, no lado esquerdo do espectador, ser de madeira, que possa cahir com estrondo. — Ao levantar o panno, Olgiato, com Angelina pela mão direita, recebe com o braço esquerdo o abraço de Montano. Emquanto este falla, Visconti e Lampugnano tambem alegremente se abraçam; com as mãos dadas vão depois lentamente para a janella, onde fingem conversar.

SCENA I.

MONTANO, OLGIATO, ANGELINA, VISCONTI, E LAMPUGNANO.

MONTANO.

Une teu peito ao meu; — sente, Olgiato,
Como meu velho coração palpita
Com vigor juvenil, cheio de gosto!
E por ti, é por ti que elle assim bate!
(Voltando-se para Angelina.)
Senhora, permittí que hoje meus labios
Da esposa de um amigo a dextra rocem.
(Indo beijarlhe a mão, Angelina immediatamente abaixa a cabeça, e beija a de Montano, que procura arredal-a.)

ANGELINA.

Respeitavel Montano, a vossa, a vossa.

MONTANO (Aperta a mão de Angelina contra o peito).

O céo vos abençôe.

VISCONTI (no fundo).

Não reparas

Que o povo se retira!

LAMPUGNANO.

Eu vou á Igreja

Fallar com o Arcipreste. Talvez haja

Alguma novidade.

OLGIATO (voltando a cabeça).

Não. É cedo

O Duque vem mais tarde.

MONTANO.

Eu vou á Missa.

OLGIATO.

Nós já ouvimos uma, e como o frio

Nos fazia tremer, o Arcipreste

Nosso amigo, que via-nos gelados,

Nos trouxe para aqui, onde esperamos.

MONTANO.

Amigos, eu já volto.

LAMPUGNANO.

Eu tambem desço.

SCENA II.

OLGIATO, ANGELINA E VISCONTI.

VISCONTI.

Posso agora morrer! — Minha Angelina,
Já tens um protector! Dei-te um esposo
Digno de teu affecto, e de teu sangue.
Elle achará em ti todas as graças
De que é merecedor. Serás senhora
Daquelle coração, onde imperava
Só o amor da patria, e o da justiça.
Aquella dextra é tua! — aquella dextra
Votada á patria, vai colher os louros
Que hão de cingir-lhe a fronte neste dia,
Em que has de recebel-o nos teus braços.
Teu dia nupcial será marcado
Co'um grande feito em prol da liberdade;
E quando o anniversario festejares
Deste dia de gloria, um povo inteiro
Ha de unir sua voz aos teus accentos,
E de Olgiato repetir o nome
Entre mil vivas e festivos hymnos.
Amigo! meu Irmão! — minha alegria

É tal que até dissipa o véo sombrio
Que o horizonte da vida nos envolve.
Já não vejo o perigo; e só a gloria
No porvir radiante se me antolha.
Já me parece a empresa concluída,
O tyranno sem vida, e o povo livre.

OLGIATO.

Igual prazer me absorve, e me arrebata!
E minha alma anciosa em seus transportes,
Até parece não caber no peito.
Dentro de mim eu tenho um paraiso,
Tenho um céo de prazeres ineffaveis!
Em torno a mim sorri-se a Natureza!
O céo, o sol, o ar, a terra, tudo.
Como que agora á voz de Deos se eleva
Do chaos para saudar-me! Oh que ventura!
Este dos dias meus é o primeiro!
Angelina! meu anjo! minha esposa!
Que f'licidade a esta se compara?
A teu lado surgir vejo a alegria,
Que ao tumulo baixou co'a irmã saudosa.
Ondas puras de vida se deslizam
De teus olhos aos meus, e me restauram
O animo quebrado e moribundo:
E para maior bem, e maior gloria,
O mesmo fogo que meu peito abrasa,

E longo tempo consumio-me a vida,
Arde em teu coração em chamma intensa.
Tua alma como a minha o vicio odeia,
E contra um vil tyranno se conspira.
Vivirás sem temor; tua virtude,
Para intacta ficar, não necessita
Do mundo aos olhos tímida occultar-se!
Não, ninguem haverá que te amedronte.
Para o monstro que vive, é dada a hora
De ir responder ao tribunal eterno.
O punhal aqui 'stá;... e a mesma dextra,
Com que jurei-te amor, ha de brandil-o,
Para que o peito teu, ermo de susto,
Palpite juncto ao meu, e alegre viva.

ANGELINA.

Ah!.. meu esposo!.. agora á par da gloria
De ser tua, é que sinto um duro espinho
A trespassar-me o peito. — Antes quizera
Que não devesses hoje offerecer-me
Um punhal, e uma dextra ensanguentada;
E... Deos sabe o que mais!.. Eu não pretendo
Co'a minha timidez acobardar-te;
Mas desde hontem, que o irmão de ti fallou-me,
Desde a passada noite, em que cedeste
Aos votos de Visconti, e aos meus occultos,
Comecei a temer por tua vida.

Amor é sempre assim; por isso espero
Que de ti menos digna me não julgues.

OLGIATO (segurando na mão de Angelina).

Cara esposa, dissipa esses temores!
Nós venceremos; — juro por teus olhos.

VISCONTI.

O céo nos ha de proteger.

OLGIATO.

De certo.

ANGELINA.

Queira o céo.

OLGIATO.

Porque não!.. O céo é justo

ANGELINA.

Comtudo... em sacrificio voluntario,
De minha vida eu dera a melhor parte,
Para que se evitasse este perigo.

OLGIATO.

Qual perigo! — é só gloria!

ANGELINA.

Gloria!.. e o susto?

VISCONTI.

Não te afflijas, irmã; pensa nos louros,
E o teu animo de hontem hoje invoca.

ANGELINA.

Hontem não era esposa!

VISCONTI.

Eras amante,
E de Olgiato as virtudes te encantavam.

ANGELINA.

Amantes tães como eu prezam a gloria,
Mas a esposa quer paz.

OLGIATO.

Paz nós teremos,
Tranquilla, honrosa, quando libertada
A patria da oppressão que nos avilta,
Formos colher seus saborosos fructos.
E de mais, poderia eu possuir-te,
Sem esta tempestade momentanea?
Tanta ventura a seu furor só devo.
Deveria o esposo de Angelina
Ser um homem sem nome, occulto e fraco,
Que não soubesse defender co'a espada
O seu bem, sua esposa, o seu thesouro?
E que uma alma de fogo não tivesse,
Onde o incenso de amor perenne ardesse,
Cujo aroma elevasse até as nuvens,
Hymnos em teu louvor, em honra tua?!

ANGELINA.

Nunca, nunca, isso não. Um nobre orgulho

De meu peito se apossa aos teus accentos.
Nem meu temor é tal, que eu me degrade
A infundir-te n'alma a cobardia.
Para te merecer devo elevar-me,
Bem o sei... mas eu te amo... e digo tudo.

OLGIATO.

Ah! que thesouro o céo me ha concedido!
Oh Anjo de candura; oh peito egrégio,
Que se ha de unir ao meu! eu te agradeço,
Tanto amor, e bondade. Na tua alma
Ao través de teus olhos, claramente
Vejo o prazer mesclado de agonia,
Como uma nuvem pallida que gyra
Em torno do planeta fulgurante.
Mas a um grito de gloria, que não tarda,
Fugirá essa nuvem momentanea;
Como ao raiar da aurora os olhos se abrem,
E os vapores do sonho se dissipam.

(Ouve-se tropel na escada.)

SCENA III.

OS MESMOS E LAMPUGNANO.

LAMPUGNANO (com furor).

Oh desesperação!

ANGELINA (assustando-se).

Meu Deos!

VISCONTI.

Que é isso?

OLGIATO.

Que ha de novo?

LAMPUGNANO.

Ah tyranno! Inda este dia!

OLGIATO.

O que fez?

VISCONTI.

Algum crime?

LAMPUGNANO.

Antes mil crimes
Por despedida ao mundo elle fizesse;
Mas não nos escapasse. Dos seus crimes
O maior para mim é a existencia.

OLGIATO.

Como assim?

LAMPUGNANO.

Nossa empresa está burlada.

OLGIATO E VISCONTI.

Burlada!...

OLGIATO.

Então porque?

LAMPUGNANO.

Não vem o Duque.

VISCONTI.

Não vem?

OLGIATO.

Não póde ser.

LAMPUGNANO.

É o que digo.

Satanaz o protege.

VISCONTI.

Algum aviso.

LAMPUGNANO.

Só do Inferno.

ANGELINA.

Quem sabe si trahidos.

OLGIATO (para Angelina com rapidez e persuasão).

Ah! não; não é possivel.

LAMPUGNANO.

Não, de certo.

ANGELINA.

Então porque não vem?

OLGIATO.

Talvez que elle hontem
Em algum lupanar se demorasse,
E hoje cançado do prazer impuro,
E do excesso de vinhos e iguarias,
Não possa ter-se em pé.

VISCONTI.

Ha de ser isso.

LAMPUGNANO.

Não sei qual seja a verdadeira causa.
Acaba de informar-me o Arcipreste,
Com quem fallei, que esta manhã o Duque
Mandou chamar o Bispo, por que fosse
Celebrar na Capella do Palacio.

OLGIATO.

E o Bispo foi?

LAMPUGNANO.

Não sei; mas é provavel.
Já ninguem mais espera pelo Duque.

OLGIATO.

Será crivel que o céo guarde seus dias?!

SCENA IV.

OS MESMOS E MONTANO.

MONTANO (alegremente).

Exultai, exultai! Debalde o Inferno
Procurou defender o seu amigo:
Deos o conduz ao altar do sacrificio.

OLGIATO (transportado de alegria).

Oh felizmente!

VISCONTI.

Então não foi o Bispo?

MONTANO.

Não; razões poderosas o impediram.
Do palacio chegou um mensageiro,
E annunciou que o Duque não tardava.
Esteve alli contando ao Arcipreste
Que Galeazzo abatido amanhecêra.

OLGIATO.

Não me enganei; a noite foi lasciva!

MONTANO.

Ergueo-se pensativo e taciturno.
Não se sabe si algum terrivel sonho,
Cuja recordação inda o affligisse,
O somno perturbou-lhe toda a noite.
Elle porêm não diz...

VISCONTI.

Algum presagio!
O coração ás vezes adivinha.

OLGIATO.

Os remorsos talvez...

LAMPUGNANO.

Remorsos! Elle?
Elle que nunca os teve! Alma de lôdo

Insensivel a tudo! Elle que zomba
De tudo quanto os homens mais respeitam!

OLGIATO.

Si remorsos não tem, tem medo ao menos!
O medo é o abutre dos tyrannos.
Elle se apraz no crime, ri-se, e folga,
Mas do assassino a sombra o amedronta,
E sua escolta o prova. Estou bem certo
Que muitas vezes no prazer ardente
Ha de ao menor estrepido gelar-se.
Nem os somnos lhe invejo, e seu socego.
Assim mais pune o medo que o remorso.
Continuai; o resto?

MONTANO.

Galeazzo
A seu pezar forçado a vir ao templo,
Foi vestir-se, e tomou sua couraça,
Com que sempre medroso o peito forra:
E depois, como si ella o opprimisse,
Arrancou-a, e lhe poz o pé em cima.

LAMPUGNANO.

Tanto melhor; virá sem armadura!

VISCONTI.

Mais depressa o punhal lhe ha de ir ao peito,
Sem resistencia, o coração varar-lhe.

OLGIATO.

Deos decretou-lhe a morte, vós o vedes.

VISCONTI)para Montano).

E o que mais?

MONTANO.

Quiz depois ver seus dous filhos;
E como si esta vez ultima fosse,
Quiz saciar seus olhos em miral-os.
Abraçou-os mil vezes, e beijou-os:
E viram mesmo de seus rubros olhos
Distillar uma lagrima, como essa
Que o moribundo verte quando expira.

ANGELINA.

Coitado!

MONTANO.

Ambos os filhos assentados
Sobre os joelhos seus, o afagavam
Co'um sorriso infantil. Vendo o mais velho
Correr aquella lagrima, enxugou-a,
E lhe dice: „Meu pai, estás chorando!
Nunca assim nos beijaste.“ — Nisto o Duque
Suspirou.

(Angelina enxuga os olhos, e Olgiato procura disfarçar sua commoção.)

LAMPUGNANO.

Não tenhais d'elle piedade.
Muito se tem chorado. Muitas faces

Inundadas de pranto, e maceradas
Por causa d'elle, nunca o abalaram,
Nem lhe impediram o infernal sorriso
Da perversa e feroz brutalidade.

ANGELINA.

Oh! porqu' elle é tão máo!...

OLGIATO.

Si assim não fosse
Ao ouvir tal narração me commovêra.
Felizmente nenhum de nós tem filhos.
Ah, si um raio do céo o illuminasse!
Si elle aos pés dos altares compungido
Perdão a Deos pedisse!..

VISCONTI.

Que alma é essa
Que conspira, e lamenta o inimigo!
Queres chorar agora?

OLGIATO.

Meu Amigo.
Eu não sou assassino. Só Deos sabe
Que grande sacrificio á patria faço!

LAMPUGNANO.

Assassino é o monstro. Nós cumprimos
Um sagrado dever.

OLGIATO.

Dever terrivel!...

Mas — cumpra-se. — Jurei, não me arrependo.

MONTANO (com ironia).

Não te vais arriscar com tal ternura...
Da convulsiva mão póde cahir-te
O pesado punhal no duro trance.

OLGIATO.

Não receieis, Montano; hei-de mostrar-vos
Que de vós recebi lições de esgrima:
E si a dextra tremer, o que duvido,
De minha irmã a sombra ha de ajudal-a

MONTANO.

Bom será que não falte esse socorro.

OLGIATO.

E si esse me faltar, eu tenho a esposa...
Vejamos o punhal...
(Tirando o punhal, e fazendo alguns movimentos com ar de riso.)
Creio que assenta
Na minha dextra um ferro!
(Para Angelina, que parece absorvida em um profundo pensamento.)
...Não te assustes...

ANGELINA (tornando a sí como inspirada).

Não! — Eu sou tua esposa!

(Levando repentinamente a mão ao punhal que Olgiato empunha, sem com tudo o tirar: movimento de susto da parte de todos.)

OLGIATO (recuando a mão).

O que pretendes?

ANGELINA.

Céde-me esse punhal por um momento;
Eu quero só beijal-o, e já t'o entrego...
Que pódes receiar?

OLGIATO (entregando o ferro, e acompanhando todos os seus movimentos com os olhos).

Eil-o.

ANGELINA.

Este ferro
Vai restaurar a antiga liberdade!
Olgiato! sou eu... a tua esposa,
A patria, a tua irmã, que neste instante
Te armam com elle a dextra.

(Entrega o punhal.)

MONTANO.

Oh heroína!

VISCONTI (abraçando Angelina).

És minha irmã!

OLGIATO (com enthusiasmo).

És minha esposa!... Esta arma
Commigo voltará mais satisfeita,

E para sempre ficará sangrenta.
(Como inspirado.)
Dia da liberdade, eu te saúdo.
Oh sol, não volverás ao teu occáso
Sem que um grito de gloria a ti se eleve!
Espalha tua luz sobre esta terra
Tão fertil em heroes em todo tempo.
Si ha Neros entre nós, tambem ha Brutos!
Oh bello céo da Italia! tu que ouviste
De um povo inteiro os funebres suspiros:
Tu que viste do fero Barbaroxa
A espada rutilar como um cometa
Em torno de Milão, de guerra e fome
Moribundo, e afogado em proprio sangue:
Tu que viste estes muros arrasados,
Esta cidade em combros de ruinas,
E sobre elles carpindo-se as viuvas
Dos filhos procurar os brancos ossos:
Tu que viste, e inda vês tantos horrores,
Hoje comnosco exulta de alegria!
Ah, cobre-te de gala, e te prepara
Para ouvir nossos hymnos de victoria.
E vós, supremo Deos, a cujo impulso
Obedecem os mundos; vós que tendes
Em vossas mãos a sorte dos imperios:
Vêde si um sancto fogo nos abrasa,
Si é justo nosso horror á tyrannia,

E vigorai, Senhor, os nossos braços.
Treme, treme, Galeazzo, entre teus guardas!
Dize um adeos á vida, e vem, infame,
Pela ultima vez manchar o Templo;
Has de beijar-lhe a porta, — porêm morto.
Tremei, escravos, que escoltais o monstro;
Apontai vossas duras alabardas:
Dentro de vosso circulo de ferro
Ha de a morte cahir por nós mandada,
E co'o sangue do tigre salpicar-vos.

(Ouve-se o toque do sino, e sons de trombeta, que annunciam a chegada do Duque.)

VISCONTI.

Eis o signal!...

LAMPUGNANO.

O Duque!...

OLGIATO.

Eia! ... partamos,
Sem demora... Um a braço.

(Para Angelina, que cobre os olhos com uma mão, e com a outra abraça a Olgiato, que faz o mesmo.)

ANGELINA.

Adeos!...

VISCONTI.

Montano,
Ficai com Angelina;... consolai-a...

OLGIATO.

Sim, ficai... Até já.

LAMPUGNANO.

Longe a tristeza.

(Caminham todos para a porta).

TODOS.

Adeos!...

MONTANO.

Ide com Deos, voltai com elle!...

SCENA V.

ANGELINA E MONTANO.

ANGELINA (olhando para a porta).

Ah!...

MONTANO.

Senhora, escutai;... vinde assentar-vos.

ANGELINA.

Que momento cruel para uma esposa!

MONTANO.

Maior depois será vossa alegria.

ANGELINA.

Aquelles sons vibraram na minha alma,

E me encheram de horror até os ossos.

MONTANO.

Nada mais natural; eu que sou homem
Pelo rigor dos annos enrijado,
Um abalo senti naquelle instante.
O prazer tambem causa igual effeito...
Mas descançai, sentai-vos.

ANGELINA.

Não; eu quero
Ver tudo da janella.

MONTANO.

Eu não consinto,
Conversemos...

ANGELINA.

Não sei; sinto uma angustia
Que me suffoca a voz... nem fallar posso.

MONTANO (com emphasi).

Vosso valor será cantado um dia!

ANGELINA.

Que valor!... já não tenho... tremo toda.

MONTANO.

Reposai...

(Um rumor surdo da parte de fóra que crescerá pouco a pouco.)

ANGELINA.

Não ouvis?...

MONTANO.

O que?...

ANGELINA.

Os vivas!...

Vivas a Galeazzo!...

MONTANO.

Isso que importa?

O povo juncto só diz viva, ou morra;

Morra — logo dirá.

ANGELINA.

O rumor cresce.

VOZES FÓRA.

Traição... traição...

ANGELINA.

Traição!...

VOZES FÓRA.

Morrêo!... Mataram!

MONTANO.

Ouvis?... Morreo o Duque.

VOZES FÓRA.

Morra!... morra!...

ANGELINA (com anciedade).

E agora... para quem serão taes gritos?

MONTANO.

Para o Duque.

ANGELINA (inquieta).

Não; não... si elle está morto,
Como inda gritam — morra!...

MONTANO.

Sempre o povo
Dá vivas a quem vive, e morra ao morto.

ANGELINA (correndo para a janella do fundo).

Vós me illudis. Deixai-me; quero ir vel-os;
Quero ao povo lançar-me...

MONTANO (impedindo-a).

Que loucura!
Retende-vos, Senhora!

ANGELINA (já na janella, olhando para a rua).

Não!... Deixai-me.
Quero ir morrer com elles... Ah! não vêdes
Que jogam com pedaços de um cadaver!...

MONTANO.

É o Duque...

ANGELINA (na maior desesperação).

Não; não... É Lampugnano!..
Vêde... vêde a cabeça!..

MONTANO.

Si elles vivem...

ANGELINA (fazendo esforços para sair, Montano a sustem pelo braço).

Pois eu quero abraçal-os...

MONTANO

Eil-os todos!..

ANGELINA.

Onde estão?

MONTANO.

Não ouvis passos na escada?

SCENA VI.

OS MESMOS, E VISCONTI.

(Que entra ferido mortalmente).

ANGELINA (recebendo Visconti nos braços).

Ah! meu Irmão... Ferido!... E meu esposo?...
Onde está? Já não vive?.. Irmão, não fallas?

MONTANO (segurando em Visconti).

Visconti!

VISCONTI (cahindo).

Adeos!... Eu morro...

ANGELINA (estática de horror).

Ah!

MONTANO.

Dia infausto!

SCENA VII.

OS MESMOS, E OLGIATO.

(Que entra precipitadamente, com o punhal ensanguentado na mão.)

OLGIATO.

O tyranno morrêo... Eis o seu sangue.
Céos! que vejo! Visconti! Meu amigo!
Morto! Oh Deos! Oh desgraça!.. Minha esposa!..
Gelada!...

(Angelina, que até alli estava em pé horrorisada, olhando para Visconti com os braços erguidos e estatica, cai nos braços de Olgiato.)

MONTANO (corre, e feixa a porta; grande tropel na escada.)

Que rumor!... Eil-os...

(A porta cai sobre a scena, entra a soldadesca.)

OLGIATO.

Tyrannos!

MONTANO.

Antes assim morrer; morramos todos;
Dá-me a esposa; defende-te.

(Tira-lhe Angelina dos braços.)

OLGIATO (rodeado da multidão).

Sicarios!
Escravos! Eis-me aqui... Em vossas garras,
Morre quem vos quiz dar a liberdade.

A SOLDADESCA E O POVO.

Ao cadafalso! ao cadafalso!

OLGIATO (já de rastos).

Vamos?

A morte é dura! mas a gloria eterna.

Angelina!..

(Montano cai com um joelho em terra. Angelina, que está em seus braços, fica com a cabeça apoiada sobre o joelho levantado, e o resto do corpo no chão.)

MONTANO.

Oh meus Deos!... Misericordia!

OTHELO

OU

O MOURO DE VENEZA.

TRAGEDIA DE DUCIS.

Traduzi esta tragedia em poucos dias para comprazer ao insigne actor João Caetano dos Sanctos, que ardentemente, e com todo' a brevidade desejava represental-a em seu beneficio; e sendo esta traducção mui conhecida, por ter sido impressa em 1842 e tantas vezes representada em varios theatros do Brasil, julguei dever incluil-a nesta collecção, de que excluo outras menos aceitas. Fazendo esta declaração sinto prazer em escrever ainda uma vez o nome desse grande artista brasileiro, que tanta vida dêo ao nosso theatro, que hoje por elle chora.

Personagens.	Actores.
MONCENIGO, Doge de Veneza	J. Romoaldo
LOREDANO, Filho do Doge	Florindo.
ODALBERTO, Senador, pai de	Amaral.
HEDELMONDA, Filha de Odalberto	Estella.
HERMANCE, Aia de Hedelmonda	Riccioline.
OTHELO, General Mouro em serviço de Veneza .	João Caetano
PEZARO, Guerreiro Veneziano	Caqueirada.
Senadores, Officiaes etc.	

A scena é em Veneza.

OTHELO.

ACTO PRIMEIRO.

Sala do Senado. Os Senadores estão assentados, alguns officiaes em pé.

SCENA I.

MONCENIGO, SENADORES E OFFICIAES.

MONCENIGO.

Bani o susto, illustres Senadores!
Veneza armou-se ao grito do perigo.
Dos novos revoltosos a torrente
Othelo a suspendeo em seu arrojo.
Esse fogo, em Verona acceso, ha muito
Que occulto em suas cinzas se inflammava;
Porêm sem combustiveis, no ar perdido,
Apenas produzio terror ligeiro.
O céo contra os rebeldes se declara;
E a victoria bem cedo...

SCENA II.

OS MESMOS E PEZARO.

MONCENIGO.

Sois vós, Pézaro?
Digno amigo de Othelo, a vós pertence
Narrar do seu valor os claros feitos;
De Veneza o triumpho é obra sua.

PEZARO.

Ah! si o visseis c'os vossos proprios olhos!
Para vencer as ondas furiosas
Dos rebeldes, bastou mostrar-se Othelo!
Não é tão prompto o raio! elle se arroja:
Amigos (grita), a patria defendamos!
Cidadãos e soldados n'um instante
Parecem só formar um combatente.
Todos após corrêmos, attrahidos
Por aquellas feições, e côr tostada
Pelo sol africano, e mais que tudo
Pela destimidez do heroe glorioso.
O chefe dos rebeldes, cujo damno
Se augmenta, teme a sorte do combate,
Com prudencia o suspende, e se apodera
De um posto mais feliz a seus esforços,
Que os primeiros transportes nos estorva.
Mas cedo sua audacia abateremos;
Perdão hão de pedir-nos humilhados.

Corro a vel-os; si querem mais combate.
Sangue inda tenho para dal-o á patria. (Sai.)

SCENA III.

MONCENIGO, SENADORES E OFFICIAES.

MONCENIGO.

Vêde em que crise estamos, Senadores!
Grandes perigos grandes homens pedem.
Quando elles pela patria a morte affrontam,
Pertence aos pais do povo o animal-os.

SCENA IV.

OS MESMOS E ODALBERTO (furioso e fóra de si).

MONCENIGO.

Acalmai, Odalberto, o vosso susto;
Do subito terror o Estado se ergue.

ODALBERTO.

Não, não; na minha dôr não entra o Estado!
Eu gemo por mim só, sobre meus males.
Minha filha...

MONCENIGO.

O que tendes?

ODALBERTO.

Minha filha!
Oh desgraça imprevista!

MONCENIGO.

Que! é morta?
Odalberto, fallai; chorais por ella?

ODALBERTO.

Não, não é sua morte que me opprime.
Venho pedir justiça : um monstro ousado,
Um vil, um corruptor, um temerario
Seduzio-a, e levou-a em sua fuga.
De um occulto hymeneo o nó nefando
Unio-os contra os meus sacros direitos.

MONCENIGO.

Eu tremo como vós. Este Senado
Punirá sem demora o criminoso.
Desde já sobre a fronte do culpado
Pende o ferro das leis, para vingar-vos.
Nomeai o impostor.

SCENA V.

OS MESMOS E OTHELO.

ODALBERTO (apontando para Othelo que entra rapidamente).

Eil-o presente.

MONCENIGO.

Othelo!

ODALBERTO.

Sim. (Para Othelo.) Minha vingança teme.

Mas antes de punir este estrangeiro,
Este amigo, este ingrato que ultrajou-me,
Este fero Africano, que de lucto,
De pranto, e horror encheo minha familia,
Seduzindo Hedelmonda; nobre Doge,
Ordenai que a meus olhos a conduzam;
Pois minha filha está nestes logares.

MONCENIGO (para dous officiaes).

Ide; em breve voltai com Hedelmonda;
Odalberto, seu pai, é quem o ordena.
(Saiem os officiaes.)

ODALBERTO.

Doge, sois pai, e possuís um filho
Joven, obediente, e virtuoso,
Que, vivendo distante destes muros,
Nunca instruio-se n'arte dos ingratos,
E dos vís seductores; Doge, em nome
Desse filho, que unico vos resta,
Em nome da sagrada humanidade,
Por minhas cans, por todos os direitos
De pai, que me outorgou a natureza,
Do corruptor puni a insolencia.
(Para Othelo.)
Tu, desgraçado dize, com que astucia
Minha filha induziste a acreditar-te?
Como pensar que uma innocente virgem,

Tão moça, tão submissa e respeitosa,
De mil nobres amantes pretendida,
A um monstro como tu amar podesse?

OTHELO (comprimindo o furor).

Eu me calo, Odalberto, eu não respondo;
Um jus tendes assás de confundir-me.
Mas si já, quando fui amigo vosso,
A terra em que nasci não me era um crime,
Eu vos rogo que agora em minha fronte
Meus remorsos vejais, não vossa injuria.
O céo deo-me co'a vida, por meu damno,
Um coração sensivel e amoroso;
Eis meu crime; e si eu fosse consultado,
Perto de vós, senhor, nascido houvera.
Mas emfim, esse clima, minha infamia,
Occulto me não vio em seus desertos!
Que! de Africano o nome é um opprobrio?!
Minha côr prejudica o meu denodo?!
Mouro me chamam?! Disso orgulho tenho!
Tal nome ha de ir aos seculos vindouros.
Mas o amor tem a gloria em menospreço;
Dasarmar-vos, senhor, eis a victoria
Que á custa de meu sangue comprar quero.
Ao menos meu respeito vos aplaque;
E si eu não tenho avós que me ennobreçam,
De meu corpo contai as cicatrizes.

Esqueci-me dos bens que me fizestes.
Recordai-vos porêm dos meus serviços,
Que me amastes, que eu saio de um combate,
E que este Mouro, emfim, salvou o Estado.

ODALBERTO.

Que importa o teu valor? N'um peito infame,
Barbaro peito a intrepidez bem cabe.
Ha muito concebeste o plano indigno,
E aguardavas o instante de ferir-me...
Senadores! é de honra que se trata!...
Si de vossas esposas tendes filhas,
Póde a mesma deshonra nodoar-vos.
Vingai-me, e preveni vosso perigo...
Minha filha! ai de mim!... e eu confiava
Neste ingrato... Eis-aqui a recompensa.

MONCENIGO.

Othelo, respondei. A crer me custa
Que o mais sacro dever assim trahisseis.
Porque modo podestes seduzil-a?

OTHELO.

Senhor, eu vou contar-vos; escutai-me.
Curioso Odalberto, em seu palacio,
Quiz os feitos saber da minha vida.
Por cumprir seu desejo, desde o berço
Narrei-lhe a minha historia; meus trabalhos,
Meus combates e riscos, meu navio

Sobre estrangeiras costas naufragando,
E a morte quasi sempre ante meus olhos.
Emquanto assim fallava, absorta e tremula
Hedelmonda, senhor, me ouvia attenta;
E si alguem a chamava, si precisa
Era sua presença em outra parte,
Ella, encurtando a ausencia, bem depressa
Voltava, e reprimindo suas lagrimas,
Dos infortunios meus ligava o fio.
Um dia, oh! bem fatal! (deixai que o diga)
Á sua piedade expuz em longo,
Dos males que eu soffri todos os quadros:
„Que! dice-me ella, Othelo esteve em ferros?
Vós em ferros! oh Deos! si nesta terra
Algemados visse eu os vossos braços.
Eu, posto que mulher, doce julgára
Morrer por vós, tomar o logar vosso.
Si algum guerreiro pretender-me a dextra,
Dizei-lhe que me conte igual historia,
Que no meu coração terá entrada."
Eu notava a candura da innocencia,
E a dôr os seus encantos descorava.
Ella queria disfarçar o pranto,
Eu o vi, e o meu pranto ao seu junctou-se.
O segredo saío dos nossos peitos;
Da piedade por mim o amor nasceo-lhe;
Seu aspecto piedoso a alma tocou-me...

Eis-aqui por que meio, e por que geito
Um amor innocente seduzio-nos.

SCENA VI.

OS MESMOS, HEDELMONDA, HERMANCE, E OFFICIAES.

HEDELMONDA (conduzida por dous officiaes).

Pára... Onde estou?

ODALBERTO.

Seguí o vosso guia.
Receais mostrar o tímido semblante?
Não condiz co'a virtude esse receio.

HEDELMONDA.

Que abatimento? obscuros tenho os olhos!

ODALBERTO (para Hermance).

E vós, que protegeis sua innocencia,
Que a educastes na infancia em meu palacio,
Eu vos dou graças; minha filha, eu vejo,
Com importunas leis não foi tratada.

HEDELMONDA (para Hermance).

Ah! sustenta-me.

ODALBERTO.

A colera domemos.
Este é pois o esposo que escolheste?

HEDELMONDA.

Que responder? . . . Meu pai! sei que este bravo,
Confundido ante vós, não deveria
Lisongear-se de ter-me por esposa.
Mas em Veneza todos o louvavam;
Vós mesmo celebraveis sua gloria.
Seu infortunio soube captivar-me,
Não o nego; eu senti-me commovida
Co'a narração do heróe que a patria exalta!
Eu o escutava mesmo em seu silencio.
Porque só vêdes n'elle um Africano,
Si elle iguala em valor aos avós nossos?
O Senado o estima, o povo o adora,
Elle salvou Veneza do perigo,
E ainda póde salval-a em outro ensejo.
Ah! possa a voz do sangue desarmar-vos.
Consentí. . . (Ajoelhando-se.)

ODALBERTO.

Não; deixai os meus joelhos.

MONCENIGO.

Ella a clemencia de seu pai implora;
Attendei-a. . .

ODALBERTO.

Eu só penso na vingança.

MONCENIGO.

O que pois desejais?

ODALBERTO.

Quero que o prendam.

MONCENIGO.

Um heróe vencedor!

ODALBERTO.

Só vejo o crime,
E não o seu valor.

MONCENIGO.

Mas sua gloria
Reclama ao menos que o Senado o julgue.

ODALBERTO.

Não serve a gloria de refugio ao crime.

MONCENIGO.

Moderai essa colera imprudente.
Lembrai-vos de que estais ante o Senado;
Quereis que elle castigue ás vossas ordens?

ODALBERTO.

Sua justiça é sempre o interesse.

MONCENIGO.

Que escuto!

ODALBERTO.

Protegei esse insolente;
Eu leio o seu perdão nos vossos olhos.
Assim sempre infieis republicanos
A seu grado premeiam os serviços.
Porêm minha vingança bem depressa... (Baixo.)

MONCENIGO.

Odalberto, não mais; parai; lembrai-vos
Que insultais o Senado. Acreditai-me,
Taes despeitos, a que se arroja o orgulho,
Mui perigosos são em qualquer parte,
Sobre tudo em Veneza.

ODALBERTO (para sua filha).

É tempo ainda.
Eu me posso acalmar; escolhe, e dize
Qual de nós dous seguir aqui pretendes?

HEDELMONDA (olhando para Othelo).

Meu pai...

ODALBERTO.

Basta... eu já vejo em sua fronte
O diadema brilhar, com que elle mesmo
Ornou sua conquista... Mas espero...

MONCENIGO.

Odalberto!

ODALBERTO.

E a ti isto que importa?
Entre mim e o céo 'stá meu pleito agora.
(Para Othelo).

Tu me enganaste... Oh céo, para vingar-me,
Faze que elle tambem seja enganado.
Presta á traição os ares da verdade,
Aos olhos deste ingrato, que a merece.
E si elle a descobrir, que allucinado,
A verdade pareça-lhe mentira.
Confunde tudo, e sempre duvidoso,
Que a mentira e a verdade o atormentem;
Que esses falsos clarões no abysmo o lancem,
E procurando o bem, commetta um crime:
E que então a verdade apparecendo,
Só na borda do tumulo o aclare.
E tu, meu sangue outr'ora, ingrata filha,
O céo me instrue da sorte que te espera.
(Para Othelo mostrando o diadema de diamantes que cinge a fronde da fiha.)

Graças te dou, cumprir-se-hão meus votos.
Tu lhe cingiste a fronte co'a desgraça.
Véla sobre ella; tão querida esposa,
Que o pai trahío, o esposo trahir póde!
Nota meu dito; adeos.

SCENA VII.

OS MESMOS, MENOS ODALBERTO.

HEDELMONDA.

Quem? eu trahil-o!

MONCENIGO.

São explosões do seu primeiro accesso.
Elle tem um caracter violento,
Porêm seu coração pende á ternura,
E ha de a voz escutar da natureza.
Othelo, vossa gloria e sentimentos
Teem sagrados direitos, que Odalberto
Reconhecel-os ha de em breve tempo.
Entretanto animai a Hedelmonda;
Dissipai-lhe o temor deste momento;
Mas lembrai-vos que a guerra não deixou-nos,
E os olhos tende sobre os revoltosos.

OTHELO.

Sensivel Doge, e vós, Senado augusto,
Eu sei que é justa de Odalberto a ira.
Ser-me-ha dado esperar, que desarmando
Seu odio o tempo, e emfim vossa bondade,
Movam seu coração em favor nosso?
De vós depende só nosso destino,

Homem sou, e soldado : eis os meus titulos.
Nascido em terra barbara, e nutrido
Longe das côrtes, nunca me ensinaram
A adornar meu discurso. Involuntario
Foi tudo em nossas almas impellidas.
Si agradei, foi sem arte, e sem intento!
Não deo-me o céo um rosto lisonjeiro,
Capaz de seduzir. Eu reconheço
O bem que tenho, e quero merecel-o.
Dizei em que logar este Africano
Deve erguer as bandeiras da Republica.
Quero que o mundo no futuro diga:
„Quando Veneza co'a feliz armada
Aspirava dos mares o dominio,
Hedelmonda vivia; ella casou-se
Com um Mouro; esse Mouro era afamado;
Maior inda elle foi, elle a adorava;
Sua fronte adornada de victorias
Soube mostrar-se bella ante seus olhos.

MONCENIGO.

É dest'arte que as almas generosas
Sabem sempre encantar o objecto amado.
Ide, valente Othelo, e sêde o mesmo.
Si Hedelmonda inflammou-vos com seus olhos,
Seu coração tambem amar-vos deve.
O invencivel poder do amor mil vezes

Classes e nascimentos desconhece.
O amor, altivo de seus sacros foros,
Bem como a liberdade, chama o homem
Ás leis da natureza, e á igualdade.
Deixemos esses titulos pomposos,
Com que tanto a vaidade se apavona.
Uma honra só ha, — servir á patria!
A ella déstes vosso braço e glória;
Não carece de avós um tal guerreiro.

(Retiram-se todos, excepto Othelo e Hedelmonda.)

SCENA VIII.

OTHELO E HEDELMONDA.

HEDELMONDA.

Crês que meu pai um dia nos perdôe?
Dize. Elle amou-nos.

OTHELO.

Sim, cara Hedelmonda,
Elle se hade abrandar. Mas ah, dissipa
O temor que inspirou-te o seu accesso.
Cedo, ou tarde verá com indulgencia
Este amor, que ora offende o seu orgulho.
Demos graças ao céo... Que f'licidade
No engano de julgar-me teu esposo!
Si elle soubesse que o não sou ainda,
Para longe hoje mesmo te levára.

Ah! Eu corria ao templo com transporte,
Sem testemunha, eterno amor jurar-te;
Já ía coroar minha ventura,
Quando Veneza em lagrimas banhada,
E a voz da honra ás armas me chamaram.
É tempo que o hymeneo com seus encantos,
Com seus sagrados nós nos encadeie.
Crês em meus juramentos?

HEDELMONDA.

Sim, eu creio!
Ao coração de Othelo o meu se entrega.
E tu no voto meu me crês tão firme
Que nunca meu amor por ti se extinga?
Do que dice meu pai já te não lembras?

OTHELO.

Quem? eu? disso lembrar-me! Oh não! si acaso
Ligeira sombra da menor suspeita
Roubar-te a doce paz, que de repente
Páre em meu coração todo o meu sangue!

HEDELMONDA.

Tu és feliz então?

OTHELO.

Bastantes vezes
Sobre minha cabeça ouvi os gritos,
E o furor das tormentas; vi dos mares

As ondas levantar-se, e além perder-se
No espaço. onde mil raios lampejavam;
Doce era a calma após esse ruído:
Mas não chega a esta placida ventura,
Esta ventura interna, immensa, ignota,
Não gozada até-qui por nenhum homem.
Nestes transportes creio que minh'alma
Em extasis devora n'um instante
Todo o prazer de minha vida inteira.
Nem mesmo o peito para tanto chega.
Ah, neste ensejo é que eu morrer devêra!
Oh céo, tu que conheces meus desejos,
Escuta minhas preces: a esta orphã
Serve de pai; que seja a sua sorte
Por mim, por meu amor sempre ditosa!
Tu a não entregaste a mãos tyrannas.
Para agradar-lhe, e merecer-lhe o affecto,
Dá-me as virtudes que á sua alma déste.
Faze que eu igualando-a digno seja
Da excessiva ventura que me inunda.

ACTO SEGUNDO.

Sala no palacio de Othelo.

SCENA I.

HEDELMONDA, E HERMANCE.

HEDELMONDA.

Eis a morada do meu caro Othelo!
Porque, ao vel-a, me intristeço e choro?
Oh! quão grato me fôra seu aspecto
Si achasse aqui meu pai, do esposo ao lado!

HERMANCE.

Possa Othelo apressar este consorcio,
E occultal-o co'as sombras do mysterio.

HEDELMONDA.

Elle propoz-me este hymeneo secreto,
E cuidadoso trata de encobril-o.
Tu desde o berço, Hermance, me pensaste,
E com teu leite a infancia me nutriste!
Ah! quando o coração, de magoa cheio,
Mal póde o peso supportar que o opprime,

Como é doce encontrar uma alma terna,
Que a nós unida a nossa dôr lamenta,
Chora comnosco... Oh minha cara Hermance!..

HERMANCE.

Que tens?

HEDELMONDA.

Desde que eu vi a luz do dia
Me consagraste amor e teus cuidados.

HERMANCE.

É certo; e mal que os olhos descerraste,
Fui a primeira a estender-te os braços.

HEDELMONDA.

O céo, este refugio da virtude,
Tirou-me a mãe, e a irmã como tu sabes;
Ah!... e eu perdi a paternal ternura!

HERMANCE.

Espera; suas iras venceremos.
Da bondade do céo não desesperes.

HEDELMONDA.

Meu erro agora vejo claramente.

HERMANCE.

Do grande Othelo a gloria esse erro offusca.
Cai a censura ao grito da victoria.

HEDELMONDA.

Dizem que sobre o mar, e em outros climas
A novos riscos voará bem cedo

HERMANCE.

Voltará vencedor de estranhos povos.

HEDELMONDA.

Si ao combate escapar, temo o naufragio.

HERMANCE.

Sempre has de ter no coração mil sustos?

HEDELMONDA.

Eu amo, e temo. Hermance, acaso pensas
Que minha mãe, si o céo a conservasse,
Para o nosso hymeneo meu pai movêra?

HERMANCE.

Creio que sim.

HEDELMONDA.

Quando eu, querida Hermance,
Cheia de dôr chorava sua morte,
Tu não podeste mitigar meu pranto.

HERMANCE.

Então, longe daqui, á magoa entregue,
A meu pai em perigo consagrava

Minha ternura e zelo. Elle em meus braços
Expirou, e já eu disto informei-te.
Mas porque até hoje me occultaste
Da morte de uma mãe as circumstancias?
Como teu coração nada me ha dito?

HEDELMONDA.

Não ouso, Hermance, começar tal caso:
Desde que o amor, e que meu pai me espantam,
Minha mãe mais que nunca se me antolha.
Ah! que de certo mereci meus males!

HERMANCE.

Heldemonda! teu pranto a mim occultas?

HEDELMONDA.

Tu de meus passos todos testemunha,
Sabes, Hermance, em que profunda calma
Deslizou minha infancia. Ás leis sujeita
Da terna mãe, e de uma irmã aos olhos,
De seu amor gozava o doce encanto.
Oh céo! como tão cedo te mostraste
Contra mim! De uma morte prematura
Foi minha triste mãe ameaçada;
Eu a vi definhar todos os dias;
E sobre sua fronte, inda tão joven,
Vi o brilho eclipsar-se; cada instante

De sua vida o resto consumia.
Inda me lembro: quasi agonisante
Algum objecto horrivel a occupava;
Encarou-me com olhos dolorosos:
Dirias que sua alma na hora extrema
Co'a luz luctava de um porvir sinistro;
E co'um grito de horror: Oh filha, exclama.
„Vem, desce á paz dos tumulos commigo.
„Mas que vejo, oh destino, em tuas sombras!
„Morrerás desgraçada... oh minha filha!"
Isto dizendo, parecia que ella
De meu seio afastar queria a morte;
E que sua alma afflicta e desvairada
Um ferro via sobre mim pendente.
Seus braços sem alento procuravam
Abraçar-me; eu senti-me suffocada
Contra seu coração agonisante;
Ella gritava: — oh minha cara filha!
E sua voz me repetia ainda:
Morrerás desgraçada!...

HERMANCE.

Que! tu tremes!

HEDELMOMDA.

Meu amor, meu destino, ah tudo eu temo.
Verei cumpridas tão crueis palavras.

HERMANCE.

Que dizes?

HEDELMONDA.

Ah, Hermance, já não tenho
Mãe, não tenho irmã, não tenho amigos,
Nem mais tenho esperanças sobre a terra . . .
Não me abandones.

HERMANCE.

Eu abandonar-te!
Inda que desça ao tumulo comtigo
Ser-te-hei fiel té o ultimo suspiro.
Amizade, respeito, animo, zelo
E tudo que uma mãe, dando-te ao mundo,
No seu peito sentio, terna, amorosa,
Sinto eu por ti. Si o céo sempre inflexivel,
Vê em teu erro um crime imperdoavel,
A pena sobre mim cahir só deve.
Mas porque com suspeitas vans te inquietas?
Vê em Othelo o braço de Veneza,
Vencedor entre nós, vencedor n'Asia;
Vê este nome, sem avós, tão grande,
Como da injuria se vingou da sorte;
E com elle compara, e seus serviços,
Esses nobres sem gloria, e viciosos,
Que só herdaram de seus pais illustres
Da descendencia o opprobrio fulgurante.
Talvez devas temer, que o céo severo

De teu pai o orgulho emfim castigue.
Não; amante não ha, da escolha altivo,
Que o coração de Othelo, e os olhos tenha.
Si os brandos gestos da innocencia amavel
Nos podem prometter feliz destino;
Si em tão doce presagio crer devemos;
Si existe uma ventura, ella te espera.

HEDELMONDA.

Teu augurio feliz a alma me enleva;
Tu me dás a esperança, dás-me a vida...
Mas eu ouço um rumor...

HERMANCE.

Nestes logares
Devo velar, e tudo ver, eu mesma.
Permitte-me um momento. (Sai.)

SCENA II.

HEDELMONDA (só).

HEDELMONDA.

Oh, minha Hermance,
Tua ternura augmenta teus cuidados.
De ti careço; sem pensar ás vezes,
Sem o perigo ver n'elle cahimos.
Grata te sou, e o amor que te consagro
Começou no meu peito desde a infancia.

SCENA III.

HEDELMONDA, E HERMANCE.

HERMANCE.

Um estranho, senhora, quer fallar-te,
E parece curvado de pezares;
Sua voz, sua graça e mocidade,
E a dôr, tudo por elle me interessa.

HEDELMONDA.

Que entre, Hermance.
(Hermance sai.)

SCENA IV.

HEDELMONDA (só).

HEDELMONDA.

Como elle, padecendo,
Com mais prazer eu sirvo aos desgraçados.
(Hermance conduz o joven e se retira.)

SCENA V.

HEDELMONDA, E LOREDANO.

HEDELMONDA.

Posto que eu não devesse aqui mostrar-me,
Não quiz deixar comtudo de attender-vos.
Si desejais abrir-me o vosso peito
Livremente podeis desabafal-o.
Posso eu saber que objecto aqui vos guia?

Si a sorte, que mil vezes nos arrastra,
Na desgraça, tão moço, sepultou-vos:
Porque meios, dizei, posso eu mudal-a?

LOREDANO.

Mudal-a? Não, senhora! a sorte infausta
O ultimo bem roubou-me na desgraça.
A esperança perdi; e lamentando
Meus males, só podeis exacerbal-os.

HEDELMONDA.

O que quereis? Fallai.

LOREDANO.

No actual conflicto
Ia contra os rebeldes tomar armas,
Morrer por meu paiz; elles pediram
Um perdão, que lhes foi já concedido.
Frustrou-se o meu desejo. Porêm, consta
Que medita o Senado occulta empresa.
A armada prompta está; sem que se saiba
Deve Othelo affrontar novos perigos.
Diz-se que elle escolheo guerreiros fortes,
Moços, impetuosos, destemidos;
Eu procuro o perigo. Será facil
Qu'elle um logar me dê entre os que o seguem?
Esta graça por mim quereis pedir-lhe?

HEDELMONDA.

Que desejo! Devo eu satisfazer-vos?
E porque procurais esses perigos?
Dizei.

LOREDANO.

Para morrer.

HEDELMONDA.

E nada póde
De tão funesto intento dissuadir-vos?

LOREDANO.

É cessar de soffrer deixar a vida.

HEDELMONDA.

E por vossas desgraças perseguido
Tão joven podereis....

LOREDANO.

A juventude
É muitas vezes a estação dos dores.

HEDELMONDA.

Ah, que eu faço essa triste experiencia;
Creio que já ninguem meu fado ignora.

LOREDANO.

Ninguem, senhora.

HEDELMONDA.

Meu amor funesto
Assim vai occupar a voz da fama!
Ai de mim! e haverá quem me lamente?

LOREDANO.

Nisto vê-se a attracção das duas almas,
Da belleza o poder... Mas (sós estamos)
Crê-se que vosso pai, cego de colera...

HEDELMONDA.

Acabai.

LOREDANO.

Vai perder-se, e imprudente,
Attrahir a vingança do Senado.

HEDELMOMDA.

Que escuto?!

LOREDANO.

Observam-no. Elle é violento;
E talvez neste instante á morte corra.

HEDELMONDA.

Á morte? Á minha dôr sêde sensivel.
Senhor! vós conheceis a lei do Estado;
É certa a sua perda. Ah, si carpistes

Estes dous corações tão mal fadados,
Que um innocente encanto attrai e arrastra;
Si o vosso escuta o grito da natura;
Si elle sente tambem de amor a chamma;
Si me é dado empregar vosso soccorro,
Salvai, salvai meu Pai, velai sobre elle.
Quanto me servirão vossos cuidados!
Salvando-o, salvareis a minha vida.
Parece que hoje o Céo aqui vos manda
Para salvar meu pai, e a triste filha.
Não recuzeis a graça que eu imploro.
Fallai, correi, voai, é tempo ainda;
Vêde meu pranto, meu terror, meus olhos;
Eu tremo, eu desfaleço... eis-me prostrada.

LOREDANO.

Prostrada! Oh céo! Pensais que vosso pranto
Tocou meu coração, só por ouvir-vos?
Senhora, é certo, eu posso soccorrer-vos!
Oh Deos! ja vida quero e não a morte.
Não me imploreis; feliz na desventura
Serei em vos servir; como si fosse
Meu pai, procurarei salvar o vosso.
Mas não vos agiteis; eu parto, eu corro,
Vou procural-o; seguirei seus passos;
Meu sangue verterei para salval-o;
E meu premio será a vossa estima.

SCENA VI.

HEDELMONDA, LOREDANO, OTHELO, E PEZARO.

(Nesto momento Othelo e Pezaro no fundo do theatro observam a Loredano.)

LOREDANO (continuando).

Em breve tempo voltarei a ver-vos.

HEDELMONDA.

Senhor, eu vos espero.

LOREDANO.

Adeos, senhora.

HEDELMONDA.

Adeos.

(Loredano e Hedelmonda se retiram cada um para seu lado. Othelo e Pezaro os seguem com os olhos, até que desapparecem.)

SCENA VII.

OTHELO E PEZARO.

OTHELO (monstrando Loredano).

Quem é?

PEZARO.

De longe vi-lhe o rosto;

E si posso julgar da sua idade,
E um joven.

OTHELO.

Oh céo! Quem deo-lhe entrada?
Pezaro, tu que dizes?

PEZARO.

Tudo ignoro.

OTH .LO.

Mas, dize-me; não viste nos seus gestos
Signaes de viva dôr? Eu creio mesmo
Que de seus olhos lagrimas corriam.

PEZARO.

Consulta a Hedelmonda neste instante.

OTHELO.

Que temer dessas lagrimas?... N'uma alma
Tão bella, deve ser tudo innocente.
De suas affeições não desconfio.
Com meu amor respeito lhe tributo.
Quem? Eu interrogal-a! Eu vejo, Pézaro,
Rara virtude neste sacro objecto.
Tu me conheces; este braço viste
Nos combates luctar pela Republica.
Sempre livre, vivendo entre phalanges,

Filho feliz da sorte e do renome,
Só procurando a gloria, e não cuidoso
Que amor devêra captivar-me o peito,
Minha vida entregava ao meu destino:
Mas depois que o amor avassallou-me,
Tomei um novo ser. Eu penso, e creio
Que existo apenas pela vez primeira.
Como meu coração feliz exulta!
Sim, por um só olhar, por um só dito
De Hedelmonda, eu cedèra a pompa e os louros
Que ao guerreiro em triumpho a fronte enfeitam.
Sim, meu Pézaro, o amor (quem o diria?)
Quasi que faz-me desdenhar a gloria.
Concebes tu do meu ardor o excesso?
Tanto amor, vejo bem, espantar deve
Essa tua frieza; mas teu peito
Ainda não sentio o seu encanto.
Ah! que talvez assim males evitas.
Sob as nossas bandeiras, creio, amigo,
Que a fortuna me chama a novos feitos;
Si eu voltar vencedor, si o céo coroar-me,
Pensas tu que Odalberto me perdôe?
Que sensivel á gloria...

PEZARO.

Não te illudas.
Melhor conhece, amigo, esses ingratos,

Esses nobres ligados pela sede
Do prazer de reinar, que só os une.
Vê como a igualdade destruíram,
E roubaram ao povo a liberdade;
E, fingindo deixar-lhe seus direitos,
Só para sí o mando reservaram.
Teu valor e virtude o povo exalta;
Mas aos olhos de todos esses grandes
Não passas de um soldado aventureiro.

OTHELO.

Soldado aventureiro!... Essa insolencia,
Essa palavra á gratidão me obriga!..
Sim, graças ao desdem com que me tratam,
Eu mereci, por mim só sustentado,
O nome de soldado aventureiro!
Esses grandes assás tiveram tino
Entre sí consagrando herdados fóros;
Como elles devem tudo ao nascimento,
O nascimento é tudo ante seus olhos.
E o que seriam si os avós não fossem?
Mas eu, do bosque e da natura filho,
Que tudo devo a mim, nada á impostura,
Sem temor, sem remorsos, com simpleza
Ostento minha força a liberdade.
Odalberto porêm, confesso, amigo,
Muitas vezes mostrou-me um peito humano;

O inflexivel rigor não tem do orgulho,
E póde a voz ouvir da natureza.

PEZARO.

Não penses triumphar do seu orgulho,
Não; jamais Odalberto...

OTHELO.

Amigo Pézaro,
Os momentos são caros. Neste dia
Quero pelo hymeneo assegurar-me
Do amor de sua filha. Mas confesso:
Odalberto me afflige; seus direitos,
De pai o nome a lastimar me obrigam.
Que eterna dôr causei a esse velho!
Si elle se perde!... Aqui entre os prazeres,
Por toda parte, sem cessar attento,
Parecendo dormir, véla o governo.
Com marcha tenebrosa elle prosegue;
Mudo, co'um véo coberto, e a espada em punho,
Occulta ao dia a victima, e a sentença,
E pune o pensamento como o crime.
Aqui, cai o accusado na masmorra,
E lá no abysmo chora, e ninguem ouve.
De um dito, de um olhar se offende o Estado,
E a justiça tem sempre ar de vingança.
Póde um homem morrer, a lei matal-o,

Sem que o pai, ou que o filho disso saiba.
Sem rumor descarrega a morte o ferro,
Corre o sangue em silencio, e vis algozes.
Mal começa a suspeita, se apercebem!..
De Odalberto o perigo já me assusta.

PEZARO.

De outro perigo estremecer tu deves.
Sabes tu o que o amor póde em Veneza?
Como aqui as paixões se dissimulam?
Como se trai a fé com ar tranquillo?..
Othelo, ainda Hedelmonda não é tua:
Teu hymeneo apressa.

OTHELO.

Caro amigo,
Ajuda-me a occultal-o com teu zelo.
Conduze-me ao altar, aonde eu possa
A ti e o céo tomar por testemunhas.
Foi no rumor dos campos, e entre as hostes
Que os encantos gozámos da amizade;
Foi lá, que a honra só, sem mais protestos,
Este affecto gravou em nossos peitos;
Vem; jamais possa a sorte vingativa
A amizade romper de dous soldados.

ACTO TERCEIRO.

SCENA I.

HEDELMONDA, E HERMANCE.

HERMANCE.

Sim, os olhos dos homens temer deves;
E quando aqui voltar o moço estranho,
Eu quero introduzil-o, sem que Othelo
O saiba: não convêm isso dizer-lhe.

HEDELMONDA.

E porque occultar-lhe?

HERMANCE.

Elle te adora,
E se mostra ciumento e suspeitoso.
Talvez uma faísca na sua alma
De um transporte fatal ateie a chamma.
Meus conselhos escuta; tem cautela.
Esta arte, estes cuidados preventivos
Teem com uteis receios muitas vezes
Magoas poupado a peitos innocentes.

HEDELMONDA.

Tu me serves de mãe; sobre mim véla;
Dispõe de minha sorte; a ti me entrego.
Oh Deos; si eu de meu pai causasse a morte!

HERMANCE.

De uma vida, senhora, a ti tão cara,
Vou de amigos fieis saber a sorte;
E o que d'elles souber virei dizer-te. (Vai-se.)

SCENA II.

HEDELMONDA (só).

HEDELMONDA.

Não sei; mas busco em vão minha coragem...
Este dia nublado se me antolha...
O peito inquiro sobre meus presagios,
E o peito me responde com temores.
Não sei que tempestade me annuncia,
Que nasce, e cresce, e cai-me sobre a fronte.
Juncto de ti, meu pai, ante teus olhos
Minha infancia passei em paz, sem sustos.
Oh Deos! si elle morrer! de horror eu tremo!
Nunca o Estado perdôa quando véla!
Oh Ceo! si sou a causa de seus males,
Faze que ao menos ao perigo o arranque!
Alguem vem... É o moço. Ah! elle ao menos

Postoque na miseria, não se accusa
Da desgraça do pai! E eu.....

SCENA III.

HEDELMONDA, E LOREDANO.

(Hermance acompanha a Loredano, e se retira logo que o introduz.)

HEDELMONDA.

Nobre estranho,
Quando tudo me assusta, o que colhestes
Que me possa acalmar?.. Meu pai...

LOREDANO.

Senhora,
Dizem, e tal noticia assás me inquieta,
Que elle longe da patria um logar busca;
Que ultrajou o Senado em seus discursos;
Que imprecou contra o Estado de Veneza,
E que emfim já medita na vingança,
Conspirando co'os nossos inimigos.

HEDELMONDA.

Não!.. Conheço meu pai; elle inflammado
Exallar seu furor poude, fallando;
Mas, trahir o Estado!.. Nunca, nunca.
O Estado teve em nossos ascendentes
Muitos heroes, e nunca vio traidores.

D'elles meu pai descende, e os segue em tudo:
E eu o insultára si temer devesse.

LOREDANO.

Como vós penso; e sua mesma furia
Mostra com que excesso elle ama a patria.
Mas vós podeis apaziguar seu peito.
Como ha de elle ser surdo ás vossas preces?
Ah! vossos olhos brilharão serenos,
O amor, e o hymeneo hão de aditar-vos.
Mas eu, só destinado ao soffrimento,
Eu, que a vida detesto, e busco a morte!..
Senhora, vós que tanto lastimais-me,
Alcançastes de Othelo o bem que imploro?
Posso seguil-o, e me entregar á guerra?
Posso dever-vos o favor da morte?

HEDELMONDA.

Eu já ía, senhor, sim, eu já ía
Cumprir minha promessa. Othelo ouvia-me...
Mas vosso rosto, vossa juventude,
Vossa profunda dôr, e este interesse
Que temos pelo heroe que busca a morte,
Esse suave abalo da piedade
Nos labios as palavras me cortaram...
Porque ateimais em tão tristes designios?

LOREDANO.

Mais que nunca em meu peito agora os tenho.

HEDELMONDA.

Um pai tendes ainda?

LOREDANO.

Sim, senhora.

HEDELMONDA.

Porque quereis causar sua desgraça?

LOREDANO.

Força-me o desespero, e me allucina.

HEDELMONDA.

Ah! não deixeis, senhor, de um pai a casa!

LOREDANO.

Não vejo mais asylo no Universo.
Houve um tempo, ai de mim, em qu'eu tranquillo...

HEDELMONDA.

Acabai; em mim tende confiança.
Vosso nome? Quem sois? senhor, dizei-me.

LOREDANO.

Nunca.

HEDELMONDA.

Dizei qual é vossa familia?
Onde educou-vos vosso pai a infancia?

LOREDANO.

Um estrangeiro disso encarregou-se.

HEDELMONDA.

Estrangeiro! Porque?

LOREDANO.

O céo o sabe,
Nunca accusei a paternal ternura.
Por mim mão assassina elle temina.
No decurso das nossas civis guerras,
Um virtuoso ancião com seus exemplos
Governou minha idade impetuosa.
Deo-me na infancia o céo em seu retiro
Quadros tocantes, que a innocencia preza:
Pais e filhos, esposos venturosos,
Vivendo á custa das fadigas suas,
E entre sí soccorrendo-se. Eu gozava
Esta tão pura vida, e tão suave,
Este bem que nos dá a natureza,
Este do coração grato socego,
Encanto verdadeiro da existencia,
Bem de um momento, que se chora sempre!. .
Lá a victoria resoou de Othelo;
E eu vim; de sua gloria testemunha,
Vi Veneza, e seus arcos de triumpho,
E bandeiras c'roadas de ouro e louros.

Ah, nunca, nunca eu vi pompa tão bella!
O andar solemne de um Senado augusto,
Os templos, os soldados, o tumulto,
A marinha, e este povo sobre as aguas;
A luz de immensos fogos, que abrazavam
O céo e as ondas, repellindo as trevas,
E Othelo que, modesto, parecia
Ignorar o esplendor do seu triumpho...
Taes objectos minha alma extasiavam!
Eis que se me apresenta uma belleza!
A pompa do triumpho deslumbrou-se,
E o céo a mim abrio-se nos seus olhos.
Nesse instante minha alma escravisada
Fez-lhe oblação da minha sorte e vida.
Inquieto meu amor não mais deixou-a.
Oh! quantas vezes para atormentar-me
Lá no triste Apenino appareceo-me
Sua imagem, que sempre me seguia,
Nas cavernas selvagens, nos desertos
Nas bordas da torrente, onde meus olhos
Enganados, chorando, a procuravam.
Emfim, meu infortunio consumou-se;
Casou-se; ella é feliz... ama... é amada:
Eis o ultimo golpe do meu fado...
E assás o meu transporte vos accusa.

HEDELMONDA.

Que escuto? E vós ousais assim fallar-me?

Fez-me digna a desgraça desse ultraje?
Cuidais vós que meu peito enfraquecido
Da virtude perdêo o nobre orgulho?
Seja qual fôr o amor que eu tenha a Othelo,
'Stou dispota a me honrar sempre a mim mesma.
Não, não cuidei, senhor, que hoje devesse
Ouvir a confissão do vosso affecto!
Meu dever, offendido neste instante,
Não me permitte mais que vos escute.

LOREDANO.

Senhora, eu mereci tão justa colera.
(Caminhando para o fundo do theatro.)

SCENA IV.

OS MESMOS, E ODALBERTO

LOREDANO (aparte vendo Odalberto).

Odalberto!.... Escutemos (pára).

HEDELMONDA.

Céos! que vejo?
Meu pai!... Que pallidez em vosso rosto,
Da desgraça e dos annos mostra o ultrage!

ODALBERTO.

Porque me fallas da desgraça minha,
Si tu mesma a causaste? Que te importa

Minha velhice, si de mim fugiste?
Quando em minha miseria vês teu crime,
Quem direito te dêo de pai chamar-me?
Porêm outro interesse aqui me guia.
Venho arrancar-te aos laços criminosos.
Recobrei meus direitos. Esse odioso
Impostor não está pelo consorcio
Armado de um poder, que é meu ainda;
Teu esposo não é.... Si a voz da honra
Soa em teu coração; si ao meu tu queres,
Restituir sua familia e sangue;
Si queres que eu te chame minha filha,
Segue meus passos; tudo está disposto.

HEDELMONDA.

Vós sabeis que rumores neste dia
Meu amor causou.

ODALBERTO.

Todos nos lastimam,
E de um peito innocente se condóem,
Que um perfido attrahio. Ah! neste instante,
Cruel, em que te vejo, commovido
Sinto por ti meu coração ainda.
Sim, teu rosto, meu odio suspendendo,
De tua irmã e mãe mostra-me a imagem.
Quando a morte extinguio-lhe a luz da vida,
Porque com ella não levou-me á campa?

Dize-me: o que me resta na velhice?
Lagrimas, desamparo, e desespero?

HEDELMONDA.

Meu pai!

ODALBERTO.

Sim, eu o sou, meu pranto o attesta.
Ah! lembra-te do meu amor paterno;
Lembra-te dos primeiros meus cuidados;
Com que zelo eduquei a tua infancia!
Minha esperança em ti toda cifrava.
No campo, ou no conselho, em paz ou guerra,
Minha familia e o Estado me occupavam;
Destes caros objectos me nutria,
E amando os filhos, mais a patria amava.
Volta a ti, minha filha; a razão ouve;
Vê o que aspiras, e de quem descendes.
Para erguer-te, e salvar sua memoria,
Attende a vinte Doges teus maiores,
Que te fallam da gloria sua, e dizem:
„Por nós, Veneza erguida sobre as aguas,
Os mares submetteo aos seus vassallos!
Por nós, quando cahía Roma escrava,
Lhe veio a moribunda liberdade."
Attende a tua irmã, morta tão moça;
Attende a tua mãe, que nos seus braços
Te apertava expirando. Ah, sem familia,
Sem soccorro, sozinho sobre a terra,

Da dita de ser pai queres punir-me?!
Por ti, si queres, de hymeneo mais bello
Posso ainda accender o archote. Eu tenho
Um plano.

HEDELMONDA.

Ai de mim!

ODALBERTO.

Vem.

HEDELMONDA.

Como seguir-vos?
Não viverá Othelo si perder-me.

ODALBERTO.

Choras por elle?

HEDELMONDA.

Eu hoje reconheço
Que mais que elle cem vezes sou culpada!
Que a agradar-me ensinei-lhe sem designio;
Que a razão perturbei-lhe involuntaria.
Fui eu, co'os olhos sobre os seus pregados,
Que o seduzi co'as minhas brandas vozes;
Fui eu, que nos seus olhos lacrimosos,
Procurei o poder dos meus encantos.
Pouco a pouco o amor em nós firmou-se:
Elle era virtuoso, triumphante,
Vosso amigo.

ODALBERTO.

Eis-aqui o que me irrita,

E augmenta minha injuria. Quando ao falso
Eu prestava um acolho lisongeiro,
Elle via um logar para ferir-me,
E contra mim se armava com meu sangue!
Para vencer a minha repugnancia,
Cuidou que cedo ou tarde me opporia
O hymeneo necessario; mas não ha-de
Da sua ingratidão gozar o premio.

HEDELMONDA.

Meu pai....

ODALBERTO.

Já basta: tenho resolvido.

HEDELMONDA.

Lembrai-vos.

ODALBERTO.

Que! a defender te atreves
A um perfido, a um barbaro?! A tal nome
Sinto minha razão já perturbada.
Assigna este bilhete.

HEDELMONDA.

E que designio
E o vosso, Senhor?

ODALBERTO.

Assigna, eu mando,
Ou este ferro vai ferir-me o peito.

HEDELMONDA (a parte).

Que farei?

(Ella assigna o bilhete precipitadamente, e o entrega ao pai.)

ODALBERTO.

Minha filha, estou contente:
És de minha familia agora o apoio,
E o da minha velhice. O céo guardou-te
Um joven, um heroe de crime estreme.
Em quem paixões, o exemplo e a impostura
Não mudaram ainda a natureza;
Que ainda estranha de Veneza o fausto,
Que deve encher do seu destino a altura,
Cujo consorcio o pai deixou-me a escolha:
Emfim, é Loredano, de alta origem,
Filho do Doge.

HEDELMONDA.

Oh céo!.. Senhor, e como
Sabeis vós que é por mim que elle suspira?

LOREDANO (saíndo do fundo do theatro onde estava occulto).

Senhora, elle vos ama; sim, e ardente
Chamma de amor o abrasa; sim, eu juro
Pelo céo, por minha alma, por vós mesma.
Por sua fé e amor eu vos respondo.

Esse filho do Doge, Loredano,
Sou eu.

ODALBERTO.

É elle.

HEDELMONDA.

Que, senhor!..

ODALBERTO.

Si agora
Teu amor e bravura correspondem
Á tua alta nobreza, eis minha filha,
D'ella posso dispor, a ti a entrego.

LOREDANO (com alegria).

Oh Deos!

HEDELMONDA (para Loredano).

Que! ousarieis...

ODALBERTO.

Não attendas
Ás lagrimas, aos gritos, nem á raiva.
(Pondo a mão de Loredano sobre a da filha.)
Tua mão une á sua, e rende graças
A seu pai; sê meu filho.

LOREDANO.

Vê seu rosto,
Senhor, que empallidece; seus joelhos
Vacillam, e seu corpo já desmaia.

ODALBERTO.

Porque na sua mão tua mão treme?

HEDELMONDA.

Ai de mim!.. não sabe elle que eu já dei-a!

ODALBERTO.

Podes dispor de ti, sem que eu consinta?
Tua sorte, tua alma, tua dextra,
Teu sangue, tudo é meu.

HEDELMONDA.

E á natureza
O que resta, senhor?

ODALBERTO (pondo a mão sobre o seu peito).

Aqui poz ella
Tua guarda segura. A natureza
Ensina aos filhos que jamais se esqueçam
Que os seus maiores dons são os cuidados
Vigilantes dos pais.

HEDELMONDA.

E o que é preciso?

ODALBERTO.

Obedecer-me...

HEDELMONDA.

O coração hesita.
Othelo... não; jamais.

ODALBERTO.

Então? escolhe.

HEDELMONDA.

Meu pai...

ODALBERTO.

Acaba.

HEDELMONDA.

A vós devo meu sangue,
Por vós o verteria: mas Othelo
Me adora, e n'elle vejo meu esposo.

ODALBERTO.

Stou livre.... Bem; não tenho mais familia.
Cuidei em vão achar inda uma filha!
Eu me envergonho; e desde já desisto
Do indigno intento. Toma teu bilhete,
(Entregando-lhe o bilhete que ella tinha assignado.)
Que eu recobro o furor. Adora, adora
Longo tempo esse ingrato que aborreço.
O abysmo a teus pés não se abre ainda,
Mas elle se abrirá. Parte; meu odio
Não temas; vai ao fim do mundo, segue

Teu indigno esposo. Eu já t'o cedo;
E ao seu furor te entrego; assim o queres.
Tudo abjuro, a natura, a honra, a patria,
O dever; ah! não mais perder eu posso.
Adeos; tu saberás o que é o tigre
Africano, que deixo nos teus braços. (Vai-se.)

SCENA V.

HEDELMONDA, E LOREDANO.

HEDELMONDA.

Elle me foge!

(Ella lê tremendo o bilhete que seu pai lhe restituio, sem dar attenção a Loredano.)

LOREDANO.

Ah! crêde, o céo não ha-de
Confirmar um adeos tão deploravel.

HEDELMONDA.

Que li? póde isto ser?... meu pai...

SCENA VI.

OS MESMOS, E HERMANCE.

HERMANCE (assustada).

Agora
Estão seus dias no maior perigo.

Antes de ver-vos, já sua violencia
Tinha insultado as leis, e merecido
Sua vingança. Ah, possa elle escapar-lhe!
Mas que golpe mortal eu venho dar-te!
A indigencia e a fuga só lhe restam.
Seu crime ignoro; mas uma sentença
Funesta o priva dos civis direitos,
Das honras o despoja, e dos bens todos.
Neste instante receia-se que peça
O Conselho dos Dez sua cabeça,
Si nada o suspender. Poderás vel-o
Da lei entregue ao ferro?

HEDELMONDA (agitada).

O céo me inspira,
Senhor, o céo me aclara neste instante:
Vosso pai, esse pai que vos estima,
Póde salvar o meu, em tal perigo.
Como Doge terá poder, e amigos;
Como pai quererá a f'licidade
De seu filho... Si nós, por algum tempo,
Deste hymeneo podessemos deixar-lhe
A esperança;.. Senhor, si este bilhete,
Em que a mão vos prometto, o assegurasse
Da minha escolha, e deste breve enlace;..
Si vós, junctando a supplica á meu pranto,
A proteger meu pai o resolvesseis!..

Sei que fere a verdade tal engano,
Que repugna á minha alma, e ao meu orgulho.
Vossa virtude, vosso amor lamento;
Da vida de meu pai eu só me occupo.
Em vossas mãos entrego este bilhete.
(Entrega-lhe o bilhete.)
De vos depende meu destino e vida.
Eu vejo em vós, e em todo o vosso rosto
De uma alma generosa o testemunho.
Sim, vós me ireis servir, não o duvido;
E já prévio gozais prazer tão doce.
Meu pai, senhor (eu tremo só pensando),
'Sta reduzido ao horror da vil miseria:
Para ajudal-o como desejára,
Não ha thesouros que off'recer-vos possa.
(Nisto tira da cabeça o diadema de brilhantes.)
Tomai este diadema, eu vol-o entrego.
Eu quizera ajunctar da Europa e d'Asia
Todo o ouro ao valor deste diadema.
Ah! que antes de entregar-vos esta joia
Não possa eu, regando-a com meu pranto,
Ver thesouros nascer de minhas lagrimas!
Ide: os bons não esperam nenhum premio
Dos bens que fazem; disso só se pagam.

LOREDANO.

Vou salvar vosso pai, e obedecer vos.
Vós me varais o peito. Não importa,

É preciso agradar-vos. Mas lembrai-vos
Do juramento que ante vós profiro:
Si este odioso hymeneo se realisa,
Si me dais espectaculo tão fero,
Juro que logo (eu tremo, eu me allucino)
Juro sim, que fiel á minha raiva,
Por quaesquer meios, planos, ou disfarces,
Aos pés do mesmo altar irei roubar-vos.
Desculpai meus transportes; eu vos perco,
E ainda assim vos amo; sim, eu corro,
Vou já servir-vos; eu o devo, e quero;
Mas a tremer me ostento generoso.
Não, não ouso aceitar a vossa estima;
Amo, estou ciumento, e pendo a um crime.
Que digo? oh infeliz!.. Não; meus transportes
De ciume e furor sobre vós, nunca,
Ah, nunca, cahirão! Porêm o outro...
Oh vergonha! oh perturbação extrema!
Na desesperação de mim duvido.
Eu nada vos prometto. Temei tudo
De um peito que de sí já não responde. (Vai-se.)

SCENA VII.

HEDELMONDA E HERMANCE.

HEDELMONDA.

Que ameaça, oh céo!... Que dizes, cara Hermance?
Rouba-me a sorte a cada passo a esp'rança.

Seu ciumento furor de susto encheo-me.
Ao deixar-me que olhar lançou-me irado!
Dize-me, acaso apraz-se Loredano
Em perturbar a minha f'licidade,
E a zombar do meu pranto? Crês tu qu'elle
Levar se deixe a esta acção malvada,
E cruel, sem remorsos a execute?
Não, não creio: sua alma é generosa;
Mas é moço.. ama... perto está do crime,
E póde emfim... Melhor fôra que Othelo
Neste ensejo terrivel transferisse
Nosso hymeneo a dias mais felizes.

SCENA VIII.

AS MESMAS E OTHELO.

OTHELO.

Vem, o altar 'stá prompto.

HEDELMONDA.

Mas, Othelo,
Si meu pai....

OTHELO.

Elle deo-te a liberdade.
Vamos.

HEDELMONDA.

Othelo, um véo mysterioso
Deve encobrir este hymeneo.

OTHELO.

Já Pézaro

Tudo previo.

HEDELMONDA.

Porêm, si elle se engana?

OTHELO.

A prudencia conheço do seu zelo.

HEDELMONDA.

Differi um só dia.

OTHELO.

Vem.

HEDELMONDA.

Hermance....

Ah, um só dia! (para Othelo.)

OTHELO.

Não; eu desfalleço,

Si não alcanço a tua fé.

HEDELMONDA.

Um dia!

HERMANCE.

Céde, senhora.

HEDELMONDA.

Oh céo! a ti me entrego.

ACTO QUARTO.

SCENA I.

OTHELO E PEZARO.

OTHELO (entrando furioso).

Que! perto de a esposar, ella me escapa!
E no altar um rival estranho encontro!
Oh crime! oh, que traição! sem meu esforço
Um ousado dos braços m'a roubára.

PEZARO.

Entre a paz em tua alma desvairada;
Hedelmonda aqui 'stá, o céo a deo-te,
E para teu amor só a reserva.

OTHELO.

Até ao pé do altar querer roubar-m'a!
Que monstro concebeo tão fero intento?

PEZARO.

Já te hei dito: vivemos em Veneza!

OTHELO.

Si é Odalberto que o prazer procura
De me arrancar a filha, e de vingar-se!...

Nada observei na confusão terrivel.
Mas tu, que socegado tudo vias,
Notaste acaso aquelle moço ignoto,
Que aqui mesmo, em segredo, esteve ha pouco?

PEZARO.

Não. Aqui nesta sala tão sombría
Não pude distinguir seu rosto occulto.
Mas emquanto no altar tinhas os braços,
O coração e os olhos enlevados,
Na confução horrivel, n'um descuido.
Pude ver, apezar de sua mascara,
Feições de um moço intrepido, terrivel,
Desesperado, e que, nos seus transportes,
Hedelmonda, ou a morte desejava.
Desse traidor conservo os signaes todos,
E si o encontro, de certo o reconheço.

OTHELO.

Meu amigo, tranquillo ora te fallo;
Do orgulho os erros nunca me afagaram.
Eu vejo de Hedelmonda a juventude,
A belleza, a ternura, e o nobre sangue;
Creio em seu coração; porêm concebo
Que elle possa inclinar-se a qualquer outrem.
Um soldado, educado entre phalanges,
Não tem de um moço amante a graça e o encanto...
Si outro hymeneo seus olhos seduzisse...

PEZARO.

De seus avós, é certo, que estão cheios
Nossos palacios. Da belleza o orgulho,
E o orgulho da familia, a inconstancia
Natural de uma idade que se illude,
Um pai irado, a offerta de um esposo,
Quem sabe... mas, oh céo! em que meditas?

OTHELO.

Penso que a bella e joven Hedelmonda
Jamais, haja o que houver, ser-me-ha traidora.

PEZARO.

Tambem eu penso assim.

OTHELO.

Tu crês?

PEZARO.

Othelo,
O passo de hoje seu amor provou-te.

OTHELO.

Isso digo a mim mesmo... Fallar queres?

PEZARO.

Tu notaste em seus olhos os progressos
De seu amor;.. seus olhos te evitavam?

OTHELO.

Sim; mas quando modestos me fugiam,
Muitas vezes então mais me buscavam.

PEZARO.

Assim de amante joven, no principio,
Si occulta e brilha a innocente chamma.
Nada mais tens que perturbar-te possa?

OTHELO.

Nada mais.

PEZARO.

Dize, amigo.

OTHELO (A parte.)

Não me animo.

PEZARO.

Então?

OTHELO.

Quando ao altar eu quiz leval-a,
Em seus olhos o amor que ella me inspira,
Procurei; eis que subito estremece;
De que viria este tremor e susto?
Porque, para offender-me, sua fronte
Do meu diadema despojada estava?
Porque ella, emfim, tão cheia de virtudes,

Sobre esse joven nunca me ha fallado?
Quem lhe motiva a dôr de que se apossa?

PEZARO.

Teme o ciume, meu prezado Othelo!

OTHELO.

Tão vil tormento cuidas que me agita!
Eu procuro a verdade tãosomente.
Dize, crês tu que no furor que o anima,
Esse joven um rapto meditasse?
Nada me occultes, falla; então que pensas?
Será elle?

PEZARO.

O amor vence a virtude;
Seu poder nos arrastra, e a queda é facil.
Tremes, Othelo?..

OTHELO.

Quem? estou tranquillo...
Crês pois?...

PEZARO.

Que é elle só quem neste dia
Ultrajou teu amor com sua audacia.

OTHELO.

Si Hedelmonda infiel dêo o diadema

Ao meu rival... Nossos leões dos ermos,
Em furor, nos seus antros abrasados,
Os viajores trem'los despedaçam;
Melhor fôra para elle que os famintos
Leões em mil pedaços lhe espalhassem
As palpitantes carnes, do que agora
Vivo cahir em minhas mãos terriveis.

PEZARO.

Tu me fazes tremer.

OTHELO.

Elle prosegue...
Eu terei cêdo ou tarde algum indicio
Do seu amor; eu mesmo, á minha escolha,
Quero dar-lhe um supplicio; quero vel-o
Soffrendo, inanimado, e apresental-o
Ensanguentado aos olhos que o encantaram.

PEZARO.

Desgraçada Hedelmonda! assim a vida
Te arrancaria Othelo furioso.

OTHELO.

Jamais, jamais.

PEZARO.

Para julgal-a, ingrato,
O que ella fez por ti pésa primeiro.

A quem tem ella amor? Prova-me qu'ella
Enternecida escuta esse estrangeiro.
Queres tu que a belleza responsavel
Seja do amor e dos alheios damnos?
Só por que ella tremeo, perfida a julgas?
Podes julgal-a só co'a fraca prova
De que um diadema lhe não cinge a fronte?
Dirige-te á seu peito e á sua gloria.
Deum peito honrado é este o privilegio.
A belleza fallaz, que o vicio escolta,
Attrai zelosos olhos prevenidos,
Mas si a virtude a anima, n'ella cremos.
Que podes exprobrar a Hedelmonda?
O ter deixado o pai por causa tua?..
Othelo, um só conselho posso dar-te:
Os rebeldes submissos se curvaram;
Vai ao Estado servir no solo d'Asia,
E olvida com Veneza o teu ciume.
Mais eu temo o furor dos teus transportes,
Que inflamados vulcões, e o mar irado.
Leva Hedelmonda ás raias da Moréa;
Lá te ligue o hymeneo á cara esposa;
Lá, por teus feitos, grangeando applausos,
Faze com que Odalberto se arrependa;
Á vaidade de um nome oppõe a gloria;
Assim se mostre Othelo ciumento.
As náos promptas estão; eu vou comtigo.

Mas antes de partir, si pôr ventura
O indigno seductor se me apresenta;
Si em torno do palacio errante encontro
Esse monstro, que ainda se me antolha,
No mesmo instante rapido sobre elle,
Lhe embebo este punhal no peito infame.
Assim meu braço vingará o amigo,
A virtude, e o céo, e a formosura.... (Sai.)

SCENA II.

OTHELO (só).

OTHELO.

Emfim, respíro. Sim, o céo em Pézaro
O mais fiel amigo concedeo-me.
Sua activa frieza como acalma
De um coração de fogo o ardor vehemente!
Oh si elle amasse como saberia
Sua chamma occultar! Com tal imperio
Sobre sua alma, a não ser generoso,
Seria dos mortaes o mais temivel,
E o mais p'rigoso!... Não tem elle ás vezes
Para Hedelmonda dirigido os olhos
Onde amor... És tu quem d'elle suspeitas?
Teu amigo? Infeliz! Que! não podia
Com olhos puros ver os seus encantos?
Não, elle não se engana; e si a defende

É que bem conheceo sua innocencia.
Seguirei seus conselhos. Levar quero
A mais propicos céos o bem que adoro,
Burlar os olhos todos. Hedelmonda!
A meus votos convém que correspondas;
Ha de o amor e a virtude acompanhar-me
Sobre as ondas... Lá vejo-a; Hermance a segue.

SCENA III.

OTHELO, HEDELMONDA, E HERMANCE.

OTHELO.

Senhora, agora vinheis procurar-me?

HEDELMONDA.

Ah, de vossa presença necessito,
Não para o amor nutrir que vos consagro,
Sabe o céo que vos trago sempre n'alma:
Mas quero estar ao pé de meu apoio.

OTHELO.

Posso esperar de vós, hoje, uma graça?

HEDELMONDA.

Fallai, Othelo.

OTHELO.

Em paz está Veneza;
Os rebeldes as armas entregaram;

Mas, em segredo, ordena-me o Senado
De ir o Estado servir além dos mares.
Zelo e valor mostrar me cumpre agora.
Minha honra, e dever mandam que eu parta,
E minhas náos por vós sómente esperam.

HEDELMONDA.

Si tivesses de esposo o nome ao menos!

OTHELO.

Lembrai-vos que o serei.

HEDELMONDA.

Senhor, mil mortes
Arrostára ao través das tempestades;
Não ha perigos quando amor nos guia.
Mas si meu pai morresse nos horrores
Em que jaz, oh justiça sanguinaria!
De horror tremo, eu morrêra parrecida!
Mas ainda me anima a esperança;
Por mim o Doge ha pouco enterneceo-se...
Si eu fosse procural-o? Talvez que elle,
Sensivel a meus rogos, alcançasse
O perdão de meu pai.

OTHELO.

Foi neste dia,

Bem o sabeis, que um seductor infame
Assustou meu amor.

HEDELMONDA.

Esta só graça;
Não recuseis; lembrai-vos que eu a espero
E que ella é a primeira.

OTHELO.

Perdoai-me,
Si...

HEDELMONDA.

Vêde; sou eu que ouso isto pedir-vos;
E vosso amor já tarda a comprazer-me.

OTHELO.

Muito a vencer me custa os meus temores.
Não conheceis do vosso encanto a força.
Quem sabe... Póde ser...

HERMANCE.

Sua candura
O orgulho desconhece, e as proprias graças.
Mas vós olvidareis esse amor firme,
Que sua alma vos dêo, e vos encanta?
Eis-aqui o que deve assegurar-vos!
Possa, Othelo, isto sempre esclarecer-vos,

Si a mais ligeira sombra de suspeita
Ultrajar-lhe a virtude sem motivo.
Cedei, Othelo, ao seu desejo ardente;
Seu amor o merece.

OTHELO.

Basta, Hermance.
Resisto a meu pezar, eu me violento;
Mas conheço Veneza, e sou prudente.

HEDELMONDA (chorando e virando o rosto).

Ai de mim!

HERMANCE (a parte).

Em que estado elle a megulha!
Tão depressa a affligis com tal repulsa?
Eis pois de tanto amor a recompensa!

HEDELMONDA.

Hermance...

HERMANCE.

Ella desmaia.

HEDELMONDA.

Eu desfalleço.

OTHELO.

Hedelmonda!

HERMANCE.

Sois vós o seu refugio,

Seu apoio, seu pai, e seu esposo;
Vêde em seu rosto a sua complacencia;
Já ella se esqueceo da vossa offensa;
Seu olhar vos procura, e em vós me firma.

HEDELMONDA.

Não, eu vos não odeio; odio não guardo.
Antes de vos causar qualquer suspeita
Mil vezes eu quizera...

OTHELO.

Eu me detesto.
(Lançando-se a seus pés.)
Fere: teu mal causando, eu sou indigno
De ver-te ainda, e de enxugar teu pranto.
Lamenta meu tormento, e meus furores,
E este sangue africano que em mim ferve.
Dá-me a paz da virtude que te anima
Ao coração fogoso que te roga;
Recobra sobre mim mando invencivel;
Sê o dia que vejo, o ar que respiro.
Que Othelo de suspeitas combatido
Á força de te amar, se erga á virtude.
(Levantando-se.)
Amanhã, quando o sol a luz trouxer-nos,
Procura o Doge, e que elle a teu pai falle.
Eis tua filha, Hermance; eu obedeço.

A meu lado verás sua ventura.
Si Hedelmonda offender com meus ciumes,
O céo me entregue aos meus proprios furores,
E possa eu mesmo, esposo desgraçado,
Roubar-me o bem que o céo me ha concedido.

HEDELMONDA.

Caro Othelo, acredita-me que eu te amo;
Vê meu peito qual é, e em ti confia.
Meu peito é puro, oh céo! mas eu o off'reço
Desde já a teus golpes, si algum dia
Minha mente offender a meu esposo. (Sai.)

SCENA IV.

OTHELO (só.)

OTHELO.

Nada no mundo, e em toda a natureza
De tão pura virtude se aproxima!
É a virtude que aos mortaes encanta,
E se ignora a sí mesma, e altar não péde!...
Ai do imprudente que atrever-se ousado
Um instante a manchar sua innocencia...
Pelo furor que accende-se em minha alma
Sinto que sem piedade lhe varára
Com este ferro o peito... Mas que causa
Haverá, que ahi vem Pézaro triste,
Pensativo, em silencio, e a passos lentos?

SCENA V.

O MESMO, E PEZARO.

PEZARO.

Sabes soffrer?

OTHELO.

Sim, falla.

PEZARO.

E sem abalo
A nova receber de uma desgraça?

OTHELO.

Sou homem.

PEZARO.

Hedelmonda... A injuria é grande!
E... oh céo! estremeço...

OTHELO.

Uma palavra.

PEZARO.

Infiel!

OTHELO (com furor levando a mão ao punhal).

Infiel?!... e a prova?... Dai-m'a.

PEZARO.

A prova?... Assás me espanta esse discurso!

Quem póde a tal excesso transportar-te?!
Acabo de vingar-te, e assim me offendes!..
Sim, eu vi teu rival, reconheci-o,
E no mesmo momento que encontrei-o
Seu furor terminou por um combate:
Nesse combate lhe tirei a vida,
E achei sobre seu corpo ensanguentado
O diadema, e esta carta, cuja firma
Estranha te não é. Eil-a. Esta carta
(Sejamos mais senhores de nós mesmos)
Talvez a prova seja da perfidia.

OTHELO (estupefacto).

Emfim, eu reconheço que ultrajei-te.
(Lendo.) „Meu pai, a mão de Othelo renuncío.
„Acalme o meu pezar as vossas iras.
„A vós pertence só dar-me um esposo.
„Hedelmonda.“... É possivel!

PEZARO.

Com desprezo
Deves tratar a criminosa, e o crime.
Vejo que nem furor nem odio sentes.

OTHELO (na maior calma).

O furor 'stá no fundo do meu peito.
Não percamos o tempo. Amei Veneza,

E desejo pagar seus beneficios.
De um guerreiro que a sirva ella precisa;
Posso indical-o; és tu esse guerreiro.
Quero propôr-te ao teu Senado augusto.

PEZARO.

Que dizes tu? a mim!

OTHELO.

Eu morro, e o instante
É este de ser justo. Ouve; de um velho
A desgraça causei! Este remorso
Me opprime o coração. Sua alma afflicta
Na desesperação jaz mergulhada.
Si elle fugio, occulta sua fuga;
E si vive, previne sua perda.
É o unico mortal, por minha causa
Infeliz, a quem eu hei ultrajado.
Mas á sua familia minha morte
Vai dar a paz em breve. A sua filha
Entrega este diadema, e esta carta.
(Mostrando esses objectos sem com tudo entregar-lhe.)
Mas não falles de mim, do meu destino,
Nem sobre minha vida, ou minha morte.
Pertença a outro esposo mais illustre;
Contente e gloriosa, amando-o, goze
De uma vida feliz... emquanto Othelo

A paz terá no horror da sepultura.
(No maior furor mostrando o diadema e a carta.)
Eis-aqui seu bilhete, eis seu diadema....
Eu quero nesse sangue que aborreço,
No seu vil sangue, mergulhar mil vezes
Isto tudo. Onde está o seu amante?
Guia meus passos, que co'a sua morte
Meus olhos inda não se extasiaram.
Concebe qual será meu regozijo,
Vendo com olhos ávidos a perfida
Sobre a cadaver palpitar do amante,
E contar seus suspiros dolorosos
Debaixo do punhal que vai unil-os.
(Suspendendo o furor repentinamente.)
Que é isto, Othelo? Barbaro, suspende.
Que furia, e que transportes te allucinam?
Quando nas guerras mais te encarniçavas
Jamais n'uma mulher as mãos manchaste...
Tão grande é meu furor, tal minha offensa
Que até mesmo a vingança me encadeiam.
Tu te lembras ainda das palavras
Que seu pai proferio, daqui bem perto,
No seu ultimo adeos, quando deixou-me:
„Véla sobre ella; Tão querida esposa
„Que o pai trahio, o esposo trahir póde.“

PEZARO.

É certo.

OTHELO.

Com que ardil a fementida
Co'a dôr, e o pranto, e os olhos me enganava!...
Crês tu qu'ella infiel seja em sua alma?

PEZARO.

O bilhete e o diadema o testemunham.

OTHELO.

Porque nos seus desertos africanos
Othelo não morreo desconhecido?

PEZARO.

Oh desgraçado Othelo!

OTHELO.

Meu amigo,
O furacão prediz a tempestade;
No relampago o raio se annuncia:
Dos leões dos hosques ouve-se o bramido;
Mas a mulher, oh céo! perfida e calma
Nos embebe o punhal, e nos afaga!
Hedelmonda!...

PEZARO.

Tal nome inda te move!?

OTHELO.

Ah! não posso arrancal-o de meu peito!

SCENA VI.

OS MESMOS, E HEDELMONDA.

HEDELMONDA.

Vossos gritos perturbam o silencio
Deste palacio! Eu venho, caro Othelo,
Procurar-vos. O que é que vos agita?

OTHELO (com grande perturbação e disfarce).

Nada.

HEDELMONDA.

Não me occulteis. O vosso peito
Receará talvez ao meu abrir-se?

OTHELO (com ironia).

Não. Eu creio que o meu amor vos toca;
E o vosso coração fallou ha pouco
Em vossos labios.

HEDELMONDA.

Que tão fraco accento!

OTHELO.

Nossa alma, e nosso corpo necessitam,
Após grandes trabalhos, de repouso.
Sei que elle será longo... mas preciso...

HEDELMONDA.

Pézaro, d'onde nasce esta tristeza
Que de Othelo se apossa? Ah! por que causa...

OTHELO.

Eu agradeço vossa piedade.

HEDELMONDA.

Ah! que fazer... Oh céo! somno benigno
Cure seu coração!

OTHELO (com feroz ironia).

Creio que o vosso
Está tranquillo... Sua paz é dada
Á innocencia... Pézaro, saiâmos.

(Vão-se precipitadamente. Hedelmonda observa sobre os labios de Othelo um sorriso horroroso, e estremece, abaixando a cabeça.)

SCENA VII.

HEDELMONDA (só.)

HEDELMONDA.

Céos! que odioso sorriso! que mudança
De voz! Onde estou eu? Que despedida!
Que tempestade occultará seu peito?
O meu é puro. Elle ama-me, e é sensivel...
Convêm que aos olhos meus emfim se explique.
Pézaro fallará; aqui fiquemos.
Si um de nós morrer deve, oh céo, sómente
Sobre mim teus decretos se executem!
Eis-me aqui prompta, fere. Por tal preço
Hei de, morrendo, abençoar teus golpes.

ACTO QUINTO.

O theatro representa a camara de Hedelmonda. Um leito com cortinas; uma lampada accesa; moveis pertencentes á camara de dormir; e uma harpa.

SCENA I.

HEDELMONDA (perto da janella.)

HEDELMONDA.

Já meus olhos, pesados pelo somno,
De meu pai o palacio em vão procuram.
Eis-me aqui só; oh Deos! porque me assusto?
Já o encanto do amor ter-me-ha deixado?
Negros presentimentos me apavoram.
Mal entrei nesta camara sombria
Um tremor pareceo annunciar-me...
Si eu fosse condemnada a não deixal-a!....
Porque se obstina a sorte em perseguir-me?
Devo acaso, ai de mim! morrer tão joven?
(Com um estremecimento subito e involuntario.)
Quem vem?

SCENA II.

HEDELMONDA, E HERMANCE.

HERMANCE.

Sou eu. Que causa te amedronta?
Temes de Othelo algum furor injusto?

HEDELMONDA.

Ah, não, eu não o temo; eu o adoro.

HERMANCE.

Sua linguagem, seu aspecto acaso
Alguma tempestade te annunciam?

HEDELMONDA.

Ai! de calma fallou-me, e de repouso;
De um longo somno que põe termo aos males.
O que elle quiz dizer-me mal concebo.

HERMANCE.

Mas teus olhos nos seus ler bem podiam!

HEDELMONDA.

Fixou-me os olhos um momento; e odioso
Sorriso seu me fez tremer de susto.

HERMANCE.

Porque assim pois se altera o seu caracter?

HEDELMONDA (em profunda melancolia).

Eis já perto de nós o dia infausto
Em que eu a mãe perdi.

HERMANCE.

Porque procuras
Augmentar teu pezar?

HEDELMONDA.

Bem parecida
A camara em que estou é com a sua.

HERMANCE.

Que dizes?..

HEDELMONDA.

Fatal lampada aclarava
Seu leito co'uma luz tremula e frouxa.
(Olhando para a lampada.)
Eu creio vel-a.

HERMANCE.

Basta de affligir-te.

HEDELMONDA.

Minha mãe ignorou o seu perigo
Até a morte,

HERMANCE.

Assim o céo piedoso
Quer que doce esperança nos embale
Desde o berço, até o ultimo suspiro.

HEDELMONDA.

Mas juncto a mim pozeste os vestuarios
Que á minha mãe serviram na agonia?

HERMANCE.

Não penses nessa morte dolorosa.

HEDELMONDA (com voz fraca e melancolica).

„Morrerás desgraçada, oh minha filha!“

HERMANCE.

Senhora...

HEDELMONDA.

Tudo acaba.

HERMANCE.

O céo ao menos
Em nossas magoas, sobre nossos dias
Tão rapidos, esparge algumas flores.
Este celeste bem nem sempre engana.

HEDELMONDA (com um grito de terror).

„Morrerás desgraçada, oh minha filha!“

HERMANCE.

Grande Deos, que escutei? Tremo a tal grito!
Que subito pavor de ti se apossa?

HEDELMONDA (com voz dolorosa).

Pensas tu que, na horrivel furia, Othelo
Attentar possa contra minha vida?

HERMANCE.

Não sei, senhora, mas por ti eu tremo.

HEDELMONDA.

Elle não é cruel.

HERMANCE.

Não; mas ciumento.
Talvez ao precipicio te encaminhes.

HEDELMONDA.

Não; eu não temo que me odeie Othelo.

HERMANCE.

Nossos erros ás vezes não tem cura.

HEDELMONDA.

Jamais no amor então confiar podemos?

HERMANCE.

Elle ás vezes produz males e crimes.

HEDELMONDA.

Victima sua foi a bella Izaura,
A desgraçada Izaura... ah, em seu damno,
O ciume cegou ao seu amante.
Sentada ao pé de um funebre salgueiro
Ella aos ventos contava a sua injuria,
E em triste canto, analogo á dôr sua,
As lagrimas á voz unia ás vezes.
Como de Izaura os versos lamentosos

Quando os canto me aprazem! Ah, morrendo
Inda ella os repetia.

(Caminhando para juncto da harpa.)

Tudo dorme.

Vês tu este instrumento? si eu unisse
Á minha voz seus sons mysteriosos!

HERMANCE.

Elle commove muito.

HEDELMONDA (arpejando).

Assim me agrada;
É o fiel amigo da tristeza....

(Ouve-se a trovoada, e o sibilo dos ventos.)

Mas que rumor, oh céo!

(Com um tremor subito.)

HERMANCE.

É tempestade.

HEDELMONDA.

Hermance! a noite deve ser terrivel;
Começa o temporal.

HERMANCE.

Convêm, senhora,
Sem demora deixar estes logares.
Este presentimento o céo me inspira.

HEDELMONDA.

Não; o dever me ordena que aqui fique.

HERMANCE.

Vamos, segue-me, vem, bella Hedelmonda.

HEDELMONDA.

Que logar buscarás para esconder-me;
Si a virtude offendi o pai deixando?

HERMANCE.

Esse erro olvida; a tua dôr o apaga.

HEDELMONDA.

Sei eu de Othelo o que se passa n'alma?
Si elle está ciumento ha de espiar-me,
E minha fuga as iras lhe accendêra.
Emfim, vai tu gozar do somno o encanto.

HERMANCE.

Ao deixar-te, conter não posso as lagrimas.

HEDELMONDA.

Vai.

HERMANCE.

Pois bem... Eu te deixo... Em que logares!
Oh minha filha!
(Chorando.)

HEDELMONDA.

Adeos, querida Hermance.

SCENA III.

HEDELMONDA (só).

HEDELMONDA.

Seu terno amor por mim a mãe me lembra.
(Ajoelha-se perto do seu leito.)
Oh tu, que como um pai do céo nos ólhas,
O meu acalma, e faze com que eu possa
Em seus tremulos braços, respeitosa
Beijar as suas cans! Oh Deos, aclara
Do meu Othelo a mente desvairada.
Inspira a voz do virtuoso Pézaro;
Pézaro é seu amigo; tu piedoso
Aos miseros mortaes déste a amizade.
Ah! reconheço emfim que sou culpada,
Porêm tua bondade nos perdoa.
Deos meu, releva a fragil Hedelmonda.
(Deita-se sobre o leito.)
Mas já do somno o poderoso encanto
Pésa sobre minha alma, e meus sentidos.
Sua calma circula em minhas veias,
E suspende meus sustos e lembranças.
Oh somno, ao coração dá-me o repouso,
Cuja doçura os olhos meus inunda.
(Abaixa a cabeça e dorme.)

SCENA IV.

HEDELMONDA (dormindo) E OTHELO.

OTHELO.

Sim, eu prometto; sim, talvez bem longe
Me arrastrára o furor: quero vencer-me...
Não, tu não morrerás. Como realça
Esta pallida luz sua belleza!
(Olhando para a lampada.)
Para avivar -lhe a chamma transitoria
Posso a faísca achar de um fogo novo.
(Olhando para Hedelmonda.)
Mas esse fogo criador que a anima,
Como, si eu o extinguisse, reavival-o?
Com que sopro tão puro ella respira!
Um forte encanto inda me attrai para ella.
Este sangue no peito que magoaste,
Este sangue correr por ti quizera.
Sim, em negra masmorra, em mudo abysmo,
Onde Veneza occulta os criminosos,
Privado de soccorro, sem carpir-me,
Como impuro reptil passára a vida.
Mas ver com tanto horror trahir-me a ingrata!..
Empreguemos tambem valor e astucia;
Vejamos com que perfida lhaneza
Contra a verdade se armará seu rosto.
Mas porque com seu crime acabrunhal-a?

Minha desgraça é certa; sim, eu vejo
Minha injuria. Esqueçamo-nos de tudo.
Morramos.

HEDELMONDA (saindo do leito precipitadamente).

Deos! que vejo? vós, Othelo?

OTHELO.

Sou eu; tranquillisai-vos.

HEDELMONDA.

Que motivo
(Desculpai-me este susto da surpreza)
Tão tarde vos conduz ao meu asylo?

OTHELO.

Em segredo agitado, buscar venho
Paz e tranquillidade a vosso lado.

HEDELMONDA.

Que grande agitação vos força a isso?

OTHELO.

O amor ás vezes o temor arrastra.

HEDELMONDA.

Que! do meu coração duvidarieis?

OTHELO.

Eu? Não...

HEDELMONDA.

Hesitas?

OTHELO

Hedelmonda!

HEDELMONDA.

Othelo!

OTHELO.

Que dizer-lhe?

HEDELMONDA.

Escutai: talvez agora
Procureis o diadema em minha fronte
Com que amor adornou vossa conquista?
Eu destinei-o, não para enfeitar-me,
Ma a nutrir meu pai na adversidade.
A um joven de Veneza o dei.

OTHELO.

Um joven!
Seu nome?

HEDELMONDA.

Loredano.

OTHELO (a parte).

Que mysterio!

Do Doge o filho! oh céo! Não sou ciumento.
Amastes algum dia a esse joven?

HEDELMONDA.

Eu? oh Deos!

OTHELO.

Mas talvez que elle vos ame?

HEDELMONDA.

Sim, é certo; e por isso eu o lamento.

OTHELO.

Si como meu rival se elle mostrasse?

HEDELMONDA.

Sómente a vós, Othelo, eu escolhêra.

OTHELO.

Ah! Vós me amais?!

HEDELMONDA.

Escuta. Um Deos existe
Vingador, que castiga a impostura;
Si te eu engano, Othelo, elle que mostre
A meus olhos o livro onde gravados
Estão no céo os juramentos nossos;
Que elle cum sua colera me opprima,
E de meu pai no coração suspenda
Meu indulto. Responde, estás contente?

OTHELO.

Bem! o céo vingador suscitar deve
O furor contra ti de um pai irado;
Deve mostrar á toda a natureza
Do coração mais perfido a impostura;
Um coração que zomba de seus votos,
De sua fé, capaz dos crimes todos:
E esse monstro és tu.

HEDELMONDA.

Oh céo! que escuto!
Que terrivel linguagem!

OTHELO.

Olha, toma
Este bilhete, lê, vê si te ultrajo.
Reconheces a firma?

HEDELMONDA (olhando para o bilhete).

O valor perco.

OTHELO.

E fallareis ainda de virtude?
Procurareis ainda outro artificio?
Lêde.

DEDELMONDA.

Oh céo!

OTHELO.

Lêde: este é vosso supplicio.

Lêde.

HEDELMONDA.

Eu sei, e conheço que ultrajei-vos. (lendo.)
„Meu pai, a mão de Othelo eu renuncio!
„Acalme o meu pezar as vossas iras.
„A vós pertence só dar-me um esposo.
„Hedelmonda.“

OTHELO.

E o que tendes a dizer-me?

HEDELMONDA.

Ah! tudo me acabrunha.

OTHELO.

E vos confunde.
(Mudando de rosto e de voz repentinamente.)
Bem, olhai para mim; reconheceis-me?

HEDELMONDA.

Já o amante não vejo, nem o esposo;
Vejo a morte! Meu pai, vaticinaste.

OTHELO.

Antes que o somno vos fechasse os olhos
Vossas preces a Deos hoje fizestes?

HEDELMONDA.

Sim, eu pedi por vós.

OTHELO.

Inda algum tempo
Espero, vamos.

HEDELMONDA.

Que quereis dizer-me?

OTHELO (passeando).

Preparai-vos.

HEDELMONDA.

Ao que?

OTHELO.

Vêde este ferro.

(Mostrando o punhal.)

HEDELMONDA.

Para mim? Deos!

OTHELO.

Silencio. Preparai-vos.
Trata-se de vossa alma.

HEDELMONDA.

Eis-me prostrada.
Othelo!

OTHELO.

Não. A morte.

HEDELMONDA.

Ah, nunca; eu juro
Com expirante voz...

OTHELO (com ternura).

Justificai-vos,
E o meu peito e o meu sangue serão vossos.
Pois bem! e Loredano?..

HEDELMONDA.

Inda me adora.

OTHELO.

Oh tormento! E por que vós nesta carta
Rejeitais minha mão! Não é dar provas
Que ao menos consentis no seu consorcio?

HEDELMONDA.

Meu pai entrou aqui precipitado:
„Assigna este bilhete, dice, assigna,
„Ou com este punhal me tiro a vida."
Eu assignei.

OTHELO.

Sem ler?

HEDELMONDA.

Sem ler, é certo.
No mesmo instante minha mão tomando
A dêo a Loredano; eu recusava,
Inflammei sua raiva... Mas, Othelo,
Não me ouvis? duvidais?

OTHELO.

Não; ao contrario;
Emfim?

HEDELMONDA.

Elle, indignado com meu pranto,
Entregou-me o bilhete, que eu medrosa
Assignára...

OTHELO.

E depois?

HEDELMONDA.

Eu confiei-o
A Loredano.

OTHELO.

Oh raiva! Com que intento?
Para que fim? fallai: que plano tinheis?

HEDELMONDA.

Para...

OTHELO.

Continuai.

HEDELMONDA.

Para que, illuso
Seu pai com a esperança lisongeira
Deste hymeneo, salvar o meu quizesse.

OTHELO.

E com tal artificio o enganastes?

HEDELMONDA.

Eu juro pelo céo, este artificio
É o unico a que tenho recorrido.

OTHELO.

Emfim, e Loredano?

HEDELMONDA.

Elle já deve
Ter entregado essa promessa ao Doge;
E assim creio que esse homem generoso
A meu pai ha de ter salvado.

OTHELO.

Entendo:
Elle sem esperanças te servia!

HEDELMONDA.

Sem esperanças.

OTHELO.

Sim; mas si entretanto
Esse homem generoso, heroe amavel,
De mascara coberto, emprehendesse
Um rapto, entre vós ambos ajustado?!
Já para esse hymeneo vos parecia
Muito tardar que o Doge e Loredano
Do vosso amor emfim fossem scientes!
Eis porque, occultando-me esta injuria,
Recusaste inda ha pouco acompanhar-me.
O céo achou um meio de punir-te.
Eis-aqui teu bilhete, eis o diadema,
Eu recebi-os pelas mãos de Pézaro.

HEDELMONDA.

Por elle? E vosso amigo; minha dita
Já se declara emfim. Si Loredano
Foi quem lhos entregou, então consente
Meu pai em nosso amor, e nos perdoa.

OTHELO.

De Loredano, sim, elle mos trouxe;
Mas sobre Loredano elle apanhou-os;
Sobre elle, a quem deixou com vinte golpes
Arquejando, e banhado no seu sangue.

HEDELMONDA.

Morreo? elle morreo?

OTHELO.

Choras por elle?!

HEDELMONDA.

Céo! que ouvi?!

OTHELO.

Tu lamentas seus encantos,
E sua juventude!

HEDELMONDA.

Loredano!
Loredano!

OTHELO.

Perjura! tu que dizes?

HEDELMONDA.

Eu choro porque elle era virtuoso,
Innocente.

OTHELO.

Um traidor que eu aborreço?!

HEDELMONDA.

Sim, elle era innocente, eu o repito.

OTHELO.

Vês tu este punhal?

HEDELMONDA.

Vejo; mas perto

Da morte, em meu suspiro derradeiro
Defendo a innocencia.

OTHELO.

A innocencia?!..

HEDELMONDA.

Sim, eu juro por Deos, e por ti juro,
Por meu amor, e já sob o teu ferro.

OTHELO (ferindo-a com o punhal).

Pois morre.

HEDELMONDA.

Oh Deos!

(Dá alguns passos para traz, e cai morta, debruçada sobre o leito: Othelo, suspendendo o resto do corpo, a deita.)

OTHELO.

Eu fiz o que devia;
Puni-lhe o amor, e confundi o crime.
Nunca pensei que sendo inda tão joven,
A tal ponto levasse o atrevimento.
Isto é devido ao clima. Tanto arrojo
Só com todo o artificio de Veneza!
Mas, a piedade... Não: era culpada;
O bilhete... o diadema... sua audacia
Execravel devia a tal excesso
Impellir meu amor já irritado.

Tranquillo vejo emfim minha vingança.
Mas onde irei? Ah, volta, caro Pézaro,
Vem consolar meu coração saudoso.
Este feito é de um barbaro... Eu devia
A uma joven mulher ter perdoado...
Mas porque estremeço dentro d'alma?

(Não ousando volver os olhos sobre o corpo de Hedelmonda.)

Eil-a... Olhemos. Immovel... insensivel.

(Puxa pelas cortinas do leito, e a encobre aos olhos dos espectadores.)

Quem vem lá? (Com terror.)

SCENA V.

OTHELO E HERMANCE.

HERMANCE.

Senhor, Pézaro foi preso:
De um attentado horrivel o accusam.
Os espias do Estado descobriram
Sua machinação.

SCENA VI.

OTHELO, HERMANCE, MONCENIGO, LOREDANO, ODALBERTO,
E HOMENS COM TOCHAS ACCESAS.

MONCENIGO.

Eis Loredano.

OTHELO.

Que tenho ouvido?

MONCENIGO.

Othelo, vosso amigo,
O abominavel Pézaro, era um falso.
Elle amava a Hedelmonda, e na sua alma
Horrorosos projectos occultava.
Foi elle quem, fingindo hoje servir-vos,
Ao pé mesmo do altar vos quiz roubal-a.
Amedrontou-vos co'um rival terrivel,
Sua morte suppoz, e com tal arte
Fingio, para provar o seu intento,
Ter achado sobre elle um diadema,
E um bilhete, que ha pouco elle entregou-vos.
Meu filho o tinha como amigo vosso;
E por isso, em segredo, encarregou-o
De dar a Hedelmonda esse diadema
E o bilhete, de modo que não visseis.
Este monstro, oh perfidia! não podendo
Roubal-a, quiz, por meio da suspeita,
Accender vossa furia, e transportar-vos
Contra Hedelmonda em ciumento accesso,
Que podia cegar-vos e perder-vos.
Elle já confessou seu negro embuste,
E na tortura sua vida acaba.

(Mostrando seu filho.)

Eis o vosso rival.

LOREDANO (para Othelo.)

Sim, fui eu mesmo
Que por vós do sensivel Odalberto
Aplaquei os furores. O Senado,
Com mais prudencia, vio na sua raiva
A dôr de um pai desatinado e cego,
E não crimes de Estado, e perdoou-lhe.
A mim deveis a posse de Hedelmonda.
Amai, vivei feliz, oh caro Othelo!
Seu pai vol-a concede, e ao céo dai graças
Que vos livrou de tão cruel perfidia.

OTHELO (sem tino, como si nada ouvisse.)

Que diceste?

LOREDANO.

Fallai,

HERMANCE.

Porque está mudo?
Porque?..

ODALBERTO.

E minha filha? ah não se mostra
Aos olhos de seu pai?

OTHELO (assustado.)

Dorme, ella dorme;
Ah! não a desperteis.

HERMANCE (corre para o leito, e abre as cortinas. Vê-se o corpo de Hedelmonda ensanguentado.)

Céos! vejo tudo!

OTHELO.

Onde irei? onde estou? ah! Hedelmonda!
Hedelmonda!...

MONCENIGO.

Que horrivel espectaculo!
Tantas virtudes... tantos attractivos...
O céo me vai restituil-a..

(Caminhando para o leito e vendo-a.)

Morta!

ODALBERTO.

Ai de mim! e sou eu o seu verdugo!

OTHELO.

Morta! morta! e sou eu que lhe abro a campa!
Oh victima innocente! oh dôr! oh furia!
Para sempre arrancai-me a triste vida!
Minha mulher... amigos, lamentai-me...

(Abraçando o cadaver.)

Inda este abraço... já te sigo: eu morro.

(Ferindo-se com o punhal).

ADVERTENCIA.

A falla final de Othelo póde, na representação, ser substituida pela seguinte:

Morta!... morta!... e sou eu que lhe abro a campa!
Oh victima innocente!.. oh impio amigo!..
Oh mil vezes cruel, brutal Othelo!
E pude perpetrar tão feio crime!
Que falsario infernal!.. que homem! que monstro!
Quem vio jamais tão negra atrocidade?
Oh Pézaro, oh algoz de minha dita!
Porque não vens a mim? porque me foges?
Com que prazer te retalhara o peito
Com este ferro, que roubou-me a esposa!
Oh Hedelmonda! oh victima de um tigre!
Fujam todos de mim... odeio tudo...
Tudo me causa horror... só quero a morte.
(Mata-se).

FIM.

INDICE.

	Pag.
Antonio José	3
Olgiato	123
Othelo	255